

CAROLINE TERRA DE OLIVEIRA

PESCADORES DE SONHOS E ESPERANÇAS:

**EXPERIÊNCIAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM
TRABALHADORES DA ASSOCIAÇÃO DE PESCADORES
ARTESANAIS DA VILA SÃO MIGUEL – RIO GRANDE/RS**

RIO GRANDE

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

MARÇO DE 2008

O482p Oliveira, Caroline Terra de

Pescadores de sonhos e esperanças : experiências em educação ambiental com trabalhadores da Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel - Rio Grande/RS / Caroline Terra de Oliveira ; orientação do Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues. - Rio Grande : FURG, 2008.
175f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – Mestrado em Educação Ambiental.

1. Educação ambiental. 2. Economia solidária popular. 3. Pesca artesanal. 4. Sonho diurno. 5. Esperança. I. Victor Hugo Guimarães Rodrigues. II. Título.

CDU 504:37:334

Catálogo na fonte: Bibliotecária Alessandra Lemos CRB10-1530

CAROLINE TERRA DE OLIVEIRA

PESCADORES DE SONHOS E ESPERANÇAS:

**EXPERIÊNCIAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM
TRABALHADORES DA ASSOCIAÇÃO DE PESCADORES
ARTESANAIS DA VILA SÃO MIGUEL – RIO GRANDE/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial à obtenção do título Mestre em Educação Ambiental, na linha de pesquisa: Educação Ambiental Não Formal.

Orientador: Professor Doutor Victor Hugo Guimarães Rodrigues.

RIO GRANDE

MARÇO DE 2008

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que compartilharam ao meu lado os momentos desta trajetória de pesquisa e contribuíram para que mais um sonho fosse realizado. De alguma forma, sintam-se também autores deste trabalho.

Aos meus pais Uyracaba Terra (*in memorian*) e Elair Terra. Dedico este trabalho a vocês.

Ao meu marido Vagner e ao meu filho Renan que sempre estiveram ao meu lado, compartilhando as minhas angústias e compreendendo os momentos em que estive ausente, dedicando-me à pesquisa.

Aos meus irmãos Thiago, Diego e Stefanie, meus amigos, meu incentivo, meu suporte.

Ao orientador Victor Hugo, educador onírico, obrigada meu amigo pela dedicada orientação.

A minha sogra Nílvia e ao meu sogro Antônio Carlos, pessoas especiais com quem sempre pude contar.

À amiga de longa caminhada Maria de Fátima.

À banca examinadora professor Gomercindo Ghiggi e professora Ana Lúcia Freitas, obrigada pelas brilhantes colocações no processo de qualificação.

À professora Maria do Carmo Galiazzi por ter aceitado o convite intempestivo de participar da banca de defesa. Certamente a sua contribuição é muito importante.

Aos pescadores artesanais da Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel e às mulheres que trabalham para a cooperativa, obrigada pela acolhida carinhosa, pela atenção e preciosas informações. Este trabalho também pertence a vocês.

PESCADOR¹

*Se pudesse pescar a esperança
Pescaria por ti
Pescador da lembrança
De Pedro
O santo.*

*Se pudesse pescar o sonho
Pescaria por ti
No teu abandono.*

*Mas se pudesse pescar o peixe
Pescarias por mim
Minha insaciedade de sonhos e esperanças
Numa mesa nem sempre farta.*

Victor Hugo Guimarães Rodrigues

¹ RODRIGUES, Victor Hugo G. **Forte Jesus-Maria-José**. São Paulo: EDICON, 1995. p. 102.

Resumo

Este trabalho trata dos sonhos e das imagens de esperança e felicidade que estão sendo construídas e vivenciadas pelos pescadores artesanais que fundaram uma cooperativa na cidade do Rio Grande/RS, a Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel. A presente pesquisa, parte da hipótese que afirma, em síntese, que os pescadores artesanais, ao organizarem uma cooperativa, estão construindo esperanças e possibilidades de ainda serem vivenciados sonhos de uma vida melhor através de sua atividade profissional. Neste sentido, o cooperativismo, inserido no contexto da economia solidária popular, pode ser entendido como uma possibilidade em Educação Ambiental no espaço da pesca artesanal, uma vez que está voltado à construção de esperanças.

Compreende-se que a metodologia da pesquisa qualitativa foi a que melhor contemplou os objetivos desta investigação. Baseado em um estudo de caso, utilizou-se enquanto técnicas de coleta de dados, a entrevista semi-estruturada e a observação participante. Para a interpretação dos fenômenos investigados, optou-se pela análise textual qualitativa. A proposta fundamentou-se, especialmente, nas obras de Ernst Bloch, Paulo Freire e Gaston Bachelard, além de Paul Singer e Carlos Frederico Loureiro.

Diante desta problematização, confirma-se a possibilidade de compreender o cooperativismo como um espaço de possibilidades em Educação Ambiental no contexto da pesca artesanal, uma vez que os pescadores, em sua organização cooperativa, estão construindo e fortalecendo suas imagens de esperança e felicidade e vivenciando sonhos de uma vida melhor através de sua atividade profissional.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Economia Solidária Popular, pesca artesanal, sonho diurno, esperança.

Abstract

This work is about the dreams and the images of hope and happiness that are being constructed and lived deeply by artisanal fishermen who founded a cooperative in the city of Rio Grande / RS, the Fishermen Artisanal of Sao Miguel Village Association. This research, part of the hypothesis that it affirms, in summary, that the artisanal fishermen, to organize a cooperative, are constructing to hopes and possibilities of still be lived deeply dreams of a better life through its professional activity. In this direction, the cooperativism, inserted in the context of popular solidary economy, can be understood as a possibility in Environmental Education in the area of Artisanal Fishery, a time that is come back to the construction of hopes.

It is understood that the methodology of qualitative research was the that better contemplated the objectives of this inquiry. Based in a case study, it was used techniques of collection of data, the half structuralized interview and the participatory observation. For the interpretation of phenomenon investigated, was opted for the textual analysis quality. The proposal was based, especially, in the Workmanships of Ernst Bloch, Paulo Freire and Gaston Bachelard, beyond Paul Singer and Carlos Frederico Loureiro.

Faced with this problematization, it is confirmed the possibility to understand the cooperativism as a space of possibilities in Enviromental Education in the context of fishery artisanal, a time that fishermen in their cooperative organization, are constructing and fortifying their images of hope and happiness and living dreams of a better life through their professional activity.

Keywords: Environmental Education, Popular Solidary Economy, artisanal fishery, daydream, hope.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Pescador artesanal na Laguna dos Patos – Rio Grande – RS (p. 15).

Figura 2: Pescador artesanal na Laguna dos Patos – Rio Grande – RS (p. 32).

Figura 3: Meus irmãos Diego (esq.) e Thiago (dir.) no barco *Aventura* no Saco da Mangueira – Rio Grande – RS (p. 37).

Figura 4: Pesca da corvina na Laguna dos Patos – Rio Grande – RS (p. 44).

Figura 5: Vista do trapiche localizado às margens da Laguna dos Patos, em um ponto do bairro São Miguel (p. 76).

Figura 6: Membros da Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel (p. 118).

SUMÁRIO

Resumo.....	06
Lista de ilustrações.....	08
INTRODUÇÃO.....	11
1. TRAJETÓRIA PERCORRIDA: CONSTRUÇÃO DA PESQUISA.....	15
1.1. Primeiras impressões: espanto e curiosidade.....	18
1.2. O tema e os objetivos.....	22
1.3. Metodologia da pesquisa qualitativa.....	23
1.3.1. <i>A coleta dos dados qualitativos.....</i>	<i>24</i>
1.3.2. <i>O processo de análise textual qualitativa.....</i>	<i>29</i>
2. SONHAMOS ENQUANTO LEMBRAMOS, LEMBRAMOS ENQUANTO SONHAMOS.....	32
2.1. Reencontrando os devaneios do mundo vivido.....	34
3. O SONHO ENQUANTO IMPULSO VITAL DO SER HUMANO.....	44
3.1. A carência como raiz da esperança nos homens.....	48
3.2. Utopia enquanto dialetização dos atos de denúncia-anúncio.....	57
3.3. O devaneio poético como expressão das potencialidades da imaginação criadora.....	65
4. EDUCAÇÃO E CRISE SOCIOAMBIENTAL: A NECESSIDADE DAS UTOPIAS.....	76

4.1. A crítica ao modelo de fundamentação da racionalidade contemporânea.....	79
4.2. Desejos normatizados, sonhos de consumo.....	87
4.3. Educação Ambiental: expressão de uma utopia pedagógica.....	97
4.4. Economia Solidária Popular: espaço de possibilidades em Educação Ambiental.....	104
5. PESCADORES DE SONHOS E ESPERANÇAS: EXPERIÊNCIAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM TRABALHADORES DA ASSOCIAÇÃO DE PESCADORES ARTESANAIS DA VILA SÃO MIGUEL – RIO GRANDE – RS.....	118
5.1. Esperanças e desesperanças.....	125
5.2. Denúncia-anúncio no contexto da pesca artesanal.....	137
5.3. Economia Solidária Popular: construindo sonhos e imagens de esperança.....	148
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	159
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	166
ANEXOS.....	171

INTRODUÇÃO

A trajetória de vida de um pescador artesanal é marcada por lutas, esperanças e ensinamentos. Como filha de pescador, conheci de perto a sua rotina de trabalho exaustiva e arriscada e, ainda, seu jeito peculiar de perceber a natureza e a vida. O ato da pescaria, o tecer das redes, os laços de amizade e respeito, o domínio do céu, compreendendo o conhecimento sobre os ventos, as chuvas, a influência da lua, todos esses saberes, evidenciam a especificidade do trabalho do pescador artesanal, fortalecendo a identificação com o território e o sentimento de identidade. Nesse processo de conhecimento e de trabalho, o homem torna-se mediador da natureza, estabelecendo uma relação complexa com o meio ambiente.

O fato de ser filha de pescador deu-me a oportunidade de fazer parte de um mundo em que o meio ambiente, neste caso o mar, representa a extensão de suas casas, de suas vidas. Diferente da visão antropocêntrica, o pescador percebe a natureza como fazendo parte dela. Porém, com a morte de meu pai e o ingresso na Universidade, minha vida mudou, afastei-me deste universo tão rico, em que são inúmeros os ensinamentos. Hoje, percebo que muitos jovens não esperam ter a vida exaustiva de seus pais, e os próprios não desejam que seus filhos desenvolvam essa atividade que está assumindo um perfil muito diferente, quando comparado há quarenta anos atrás, encontrando novos obstáculos diante do processo de globalização e crise socioambiental.

Desse modo, por meio da Educação Ambiental tenho a oportunidade de poder dialogar, construir conhecimento e aventurar-me com aqueles que fazem parte das minhas experiências de vida, da minha história.

Assim, a escolha pela Educação Ambiental está relacionada com a trajetória da minha vida, com os sujeitos que me cercam, e no fato de acreditar na utopia² pedagógica, que é um

² Nesta pesquisa, o conceito de sonho desperto ou sonho diurno também será empregado com significado equivalente à palavra utopia, assim como utilizado pelo autor Ernst Bloch.

objetivo que se busca através da educação. A utopia em sua relação com a educação não deve ser percebida como uma idealização ingênua da realidade, mas sim, como ato político necessário, como possibilidade que compreende a realidade como algo mutável.

Assim como Paulo Freire, entendo o sonho como utopia libertadora que deve ser buscado e vivido coletivamente, sendo resultado de um processo de luta do coletivo. Entender a utopia como possibilidade histórica significa perceber a viabilidade como desafio no ato de buscar.

Diante de uma sociedade profundamente desigual, em que a miséria de muitos alimenta a riqueza de poucos, acredito que a responsabilidade de um educador está relacionada com o engajar-se na luta contra a educação “bancária”, contra o intelectualismo alienante, contra a desumanização e a percepção ingênua da realidade, pois o trabalho de um educador se torna autêntico na medida em que dialoga, reflete e problematiza a realidade, não no isolamento, mas em comunhão, em solidariedade com os sujeitos submetidos à dominação.

Torna-se necessário salientar que a presente pesquisa, parte da hipótese que afirma, em síntese, que os pescadores artesanais, ao organizarem uma cooperativa, estão construindo esperanças e possibilidades de ainda serem vivenciados sonhos de uma vida melhor através de sua atividade profissional. Neste sentido, o cooperativismo, inserido no contexto da economia solidária popular, pode ser entendido como uma possibilidade em Educação Ambiental no espaço da pesca artesanal, uma vez que está voltado à construção de esperanças.

Diante desta problematização, confirma-se a possibilidade de compreender o cooperativismo como um espaço de possibilidades em Educação Ambiental no contexto da pesca artesanal, uma vez que os pescadores, em sua organização cooperativa, estão construindo e fortalecendo suas imagens de esperança e felicidade, e vivenciando sonhos de uma vida melhor através de sua atividade profissional.

A escolha por trabalhar com pescadores artesanais no contexto da economia solidária popular está relacionada com o fato de acreditar que os saberes, a cultura e visão de mundo dos setores marginalizados são fundamentais para a concretização do projeto em Educação Ambiental. De alguma forma desejo, através do contato com a cultura da pesca artesanal, vivenciar experiências em Educação Ambiental e contribuir para a valorização destas culturas locais, de seus valores e sonhos. Por meio deste trabalho, pretendo dar maior visibilidade aos sonhos e esperanças que estão sendo construídos e vivenciados no contexto do trabalho cooperativo, expressando a característica criadora e solidária da organização destes pescadores artesanais.

Perante o contexto atual de poluição de áreas costeiras, de urbanização e industrialização, os pescadores artesanais entram em conflito, no qual os seus espaços de vida, seus territórios e tradições encontram-se ameaçados. Desse modo, surge como necessidade a discussão da problemática pesqueira, o imperativo de problematizar os desafios e conflitos que enfrentam cotidianamente, tomando como referência suas práticas cooperativas. Enfatiza-se a importância da participação destes trabalhadores na elaboração de propostas em Educação Ambiental que visem melhorar suas condições de vida.

A mobilização coletiva, através da criação de cooperativas e associações, torna-se uma alternativa de organização dos trabalhadores para conseguirem renda de forma igualitária. Constituem como uma experiência de resistência ao desemprego e se consolidam como prática de organização do trabalho e da produção que se distingue do modelo presente na empresa capitalista.

Assim, pelo fato de acreditar na economia solidária popular como um espaço de possibilidades e alternativas em Educação Ambiental, a escolha se fez pela Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel, pois se trata de uma instituição fortalecida dentro da cidade do Rio Grande sendo, atualmente, a única cooperativa de pescadores artesanais existente. Este empreendimento, aos poucos, foi crescendo e transformando o sentido da vida destes trabalhadores, constituindo-se como um espaço de vivência e construção de sonhos e esperanças.

Este trabalho é composto por cinco pontos. O primeiro trata da trajetória percorrida na construção da pesquisa, salientando desde o primeiro contato com os sujeitos investigados e as primeiras impressões decorrentes desta relação. Justifica-se o porquê de abordar a investigação dos sonhos despertados destes trabalhadores.

Apresento a abordagem da pesquisa qualitativa como a que melhor contempla os objetivos desta pesquisa. Baseado em um estudo de caso, utilizou-se enquanto técnicas de coleta de dados, a entrevista semi-estruturada e a observação participante. Para a interpretação dos fenômenos investigados, optou-se pela análise textual qualitativa.

O segundo ponto apresenta as imagens da minha história, um memorial das lembranças do mundo vivido e as percepções construídas sobre a experiência de ser educada em uma família de pescador artesanal. Recordações que justificam a pretensão da pesquisa e acompanharam todo o processo de investigação.

O terceiro ponto reporta à construção da concepção de *sonho diurno* ou *sonho desperto*, tomando como referência os escritos de Ernst Bloch, Paulo Freire e Gaston Bachelard. É estabelecido um diálogo entre os autores, problematizando-se os aspectos

convergentes e divergentes em suas teorias. Entende-se que a presente discussão se faz necessária à medida que se apresenta como instrumental teórico imprescindível à compreensão da vivência dos conflitos, sonhos e imagens de esperança e felicidade presentes no processo de construção dos sonhos diurnos dos pescadores artesanais cooperativados.

O quarto ponto apresenta uma reflexão sobre a problemática da crise socioambiental, enfocando a crítica ao modelo de racionalidade econômica que fabrica necessidades, sonhos de consumo, denominados por Ernst Bloch como desejos normatizados. Entende-se que esta discussão se torna necessária pelo fato de ultrapassar o campo teórico, afetando os conflitos vivenciados na organização cooperativa dos pescadores e as imagens de felicidade construídas por estes trabalhadores.

Acredita-se que o presente trabalho não deve assumir somente o aspecto do anúncio, anunciando as possibilidades em Educação Ambiental nesta organização cooperativa, mas também deve assumir aspecto da denúncia, que se reflete na crítica apresentada em relação ao modelo de racionalidade econômica moderna. Esta é tomada como expressão da denominada crise socioambiental, a qual justifica o modelo de exploração do ser humano e degradação ambiental.

Abordamos, ainda no quarto ponto, a discussão sobre a Educação Ambiental e o seu papel na construção de utopias e fortalecimento de nossas esperanças que surgem como proposta de enfrentamento a esta conjuntura de crise socioambiental. Também tratamos neste ponto sobre o cooperativismo, inserido no contexto da economia solidária popular, problematizando seu conceito, seus princípios e sua compreensão como um espaço de possibilidades em Educação Ambiental.

O quinto ponto trata dos sonhos que estão sendo construídos e vivenciados no espaço da Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel, resgatando suas imagens de esperança e felicidade e os conflitos que os trabalhadores enfrentam cotidianamente.

Por fim, abordamos nas considerações finais, a compreensão dos conflitos e do processo de construção dos sonhos despertos dos pescadores que fundaram uma cooperativa, refletindo, portanto, os limites e possibilidades de sua organização. Como salientado anteriormente, compreende-se que o processo de vivência e construção de sonhos e imagens de felicidade, neste espaço, reflete-se no fortalecimento da esperança destes trabalhadores em relação a sua atividade profissional.

1. TRAJETÓRIA PERCORRIDA: CONSTRUÇÃO DA PESQUISA



Figura 1: Pescador artesanal na Laguna dos Patos – Rio Grande – RS.
Fonte: Arquivo da Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel.

Nada é impossível

*Desconfiai do mais trivial,
Na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente;
não aceiteis o que é de hábito como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada, de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar.*

Bertolt Brecht

1. TRAJETÓRIA PERCORRIDA: CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

(...) ao escrever, estou sob a mirada de muitas leituras. Acho-me numa interlocução de muitas vozes que me agitam, conduzem, animam, perturbam. É isso que faz de meu escrever uma interlocução de muitas vozes, uma ampliação de perspectivas, abertura de novos horizontes, construção de saberes novos.
(Marques, 2006, p. 28).

Afirmo que toda investigação científica parte de um desejo, de uma inquietação, de uma curiosidade, orientados para o compromisso político do pesquisador com a construção social do conhecimento e transformação da realidade. Pesquisar é desafiar o conhecimento que temos sobre esta, não sendo, por esse motivo, uma simples empreitada. De acordo com Marques (2006, p. 94), o campo de investigação deve ser objeto privilegiado do desejo de encontrar o novo, de conhecer o que está enraizado na nossa própria existência:

Ir-se à procura de algo diferente, guiado pelo desejo de encontrar o novo, o inusitado, o sequer por nós suspeitado, o original porque descoberta nossa, isso é pesquisar. Colocar o pesquisar sob o signo do desejo é colocá-lo sob o signo da carência e da falta, de uma necessidade não suprida, do imaginário como substituição e sublimação de um objeto por muitos possíveis, mediação que protela a plena posse, e onde se insere a astúcia industriosa, prudente e persistente da razão. (Ibidem, 2006, p. 94).

Pesquisar implica um esforço de desacomodação em relação ao contexto com o qual vivenciamos, sendo assim, envolve uma compreensão da realidade como algo dinâmico, passível de mudanças. Enfatizo que toda pesquisa, portanto, envolve empenho contínuo,

aprofundamento teórico-metodológico, reflexão, problematização, interpretação e análise da realidade e, especialmente, constitui experiência vital e afetiva de descobertas e aprendizados.

O processo de pesquisa abrange uma leitura transitória da realidade, pois todo processo de construção do conhecimento nunca é estanque, pronto, completo. Como afirma Freire (2001, p. 142), o saber possui historicidade: “O saber tem historicidade pelo fato de se construir durante a história e não antes da história nem fora dela. Então, o saber novo nasce da velhice de um saber que antes foi também. E já nasce com a humildade (...) de quem espera que um dia envelheça e suma, para que outro saber o substitua”.

No texto em questão, pretendo apresentar a trajetória percorrida na construção desta investigação, apresentando desde o primeiro contato com os sujeitos de pesquisa, os porquês de nossas escolhas. Entendo que ao iniciar a investigação, o pesquisador, por vezes, pode carregar consigo verdades e determinadas compreensões sobre a realidade que se desfazem conforme se aprofunda e dialoga com os diversos saberes que permeiam este processo. Importante salientar, que a abordagem da pesquisa qualitativa nos orientou no processo metodológico de coleta de dados no trabalho de campo e interpretação do fenômeno investigado.

Início este capítulo com as reflexões produzidas antes mesmo de entrar para o mestrado em Educação Ambiental. A importância de abordar tal questão está relacionada ao fato de justificar o recorte feito, o interesse motivador, a escolha do tema e objetivos a serem alcançados nesta investigação.

Saliento que as inquietações motivadoras da realização desta pesquisa, estão relacionadas tanto ao fato de ser filha de pescador artesanal, quanto ao fato de ter a possibilidade de apresentar uma outra imagem e percepção dos pescadores sobre a sua profissão: pretendo romper com visão fatalista que afirma a ameaça de extinção desta atividade, mostrando que está sendo construída uma imagem de esperança. Desse modo, objetivo negar a tese presente em muitas pesquisas acadêmicas que afirmam o predomínio de uma imagem de desesperança dos pescadores em relação ao futuro de sua profissão, quanto à possibilidade de ser construída uma vida melhor para si e suas famílias. Sendo assim, esta pesquisa pretende demonstrar que estão sendo construídas imagens de esperança no contexto da pesca artesanal, a partir da mobilização e organização dos pescadores através do trabalho cooperativo.

Acredito ser de fundamental importância relatar desde o meu primeiro contato com os sujeitos desta investigação, mostrar as minhas impressões em relação aos pescadores, fato que justifica a escolha feita pela investigação dos *sonhos despertos* destes trabalhadores.

A pesquisa em questão, portanto, é fruto de sonhos e esperanças construídas desde a minha vivência como filha de pescador e que, a partir deste processo de investigação, tornou-se também resultado dos sonhos e esperanças de outros sujeitos: dos pescadores artesanais cooperativados.

1.1. Primeiras impressões: espanto e curiosidade

A presente pesquisa teve seu início antes mesmo de entrar para o programa de Mestrado em Educação Ambiental. O primeiro encontro realizado com os pescadores cooperativados foi em 2005. Cheguei na comunidade de pescadores do bairro São Miguel me apresentando como professora de História e filha de pescador artesanal, comentando que tinha ouvido falar da iniciativa que tinham organizado e da minha curiosidade em conhecê-los de outra maneira, não mais somente como companheiros de trabalho do meu pai, mas como sujeitos criadores de esperança e de novas utopias. Como eu já estava afastada há oito anos desse contexto, ou seja, desde a morte do meu pai, desejava me reencontrar com o meu passado e saber como estavam vivendo os pescadores artesanais, atualmente, pois, de algum modo, seria a forma de imaginar como poderia estar vivendo a minha família.

Assim, fui conversar com cinco pescadores da Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel e uma mulher que trabalhava para a cooperativa, mas que ainda não é sócia legalmente. Desde esse momento, imaginava encontrar somente queixas nos relatos destes trabalhadores como, por exemplo, da impossibilidade de uma expectativa boa em relação à profissão, de uma crise que assola os pescadores, enfim, esperava ouvir diversas lamentações. Entretanto, ao invés de apresentarem esta atitude, começaram a falar dos projetos que estavam realizando, da história da formação da cooperativa, dos planos que ainda pensavam em realizar imediatamente e em longo prazo, ou seja, relataram seus sonhos individuais e coletivos, mostraram as esperanças que estavam sendo construídas e fortalecidas naquele projeto.

E eu, apesar de nascida e criada naquele ambiente e com aquelas pessoas, via-me surpreendida com suas palavras e suas esperanças. Mesmo que eu não me considerasse

preconceituosa com relação a eles, naquele momento, senti que eles queriam “voar alto” demais. O meu espanto é que, mesmo somente com as paredes construídas da cooperativa, sem apresentar nenhum tipo de equipamento ou de estrutura dentro dela, os pescadores, em suas mentes e corações, já estavam exportando para a Europa. Realmente, eu me espantei com os seus feitos já realizados, com a esperança que estava sendo fortalecida e os sonhos que vivenciavam e ainda esperavam materializar. Este fato me chamou a atenção e pensei que daria um ótimo projeto de pesquisa em Educação Ambiental: a questão de investigar os sonhos que estavam sendo construídos e vivenciados nesta cooperativa. Após este encontro, participei da primeira reunião da cooperativa, já como mestrande e orientanda do professor Victor Hugo.

Através da disciplina Ecologia Onírica do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, ministrada pelo professor Victor Hugo, compreendi, a partir das leituras de Gaston Bachelard, a concepção de sonho enquanto *devaneio poético*: ou seja, através da imaginação criadora, podemos reinventar uma realidade cheia de sonhos, em que se pode alcançar a plena liberdade. E sem este universo sonhado, do qual podemos descobrir sua existência dentro de nós, através da imaginação, é impossível ultrapassarmos os obstáculos da vida ou, como dizia Carlos Drummond de Andrade, as pedras no meio do caminho.

Assim, potencializando a imaginação criadora, compreende-se que existem possibilidades de superação do existente ruim através da busca concreta pelos sonhos. Significa um movimento de superação, de transposição de tempos obscuros, de experimentação da esperança. Neste sentido, importante salientar a colocação de Ernst Bloch:

A vida de todos os seres humanos é perpassada por sonhos diurnos, que em parte são apenas uma fuga insossa e até enervante, e até presa para enganadores. Outra parte, porém, instiga, não permite se conformar com o precário que aí está, não permite a resignação. O esperar está no cerne desta outra parte, que é ensinável.
(Bloch, 2005, p. 14)

Por esse motivo, a disciplina Ecologia Onírica colaborou para pensar de que modo o educador pode contribuir para dar significado à utopia, para que o ilimitado não mais se constitua como barreira à concretização de um mundo novo: “Quanto a mim, antes de ler os livros de Diolé, não imaginava que o ilimitado estivesse tão facilmente ao nosso alcance. Basta sonhar com a profundidade pura, com a profundidade que não tem necessidade de medida para ser” (Bachelard, 1996, p. 210).

Anterior à realização das entrevistas, procurei uma aproximação em relação à comunidade pesqueira, participando de algumas assembléias da associação, bem como realizando visitas e conversas informais com as famílias de pescadores em suas residências. Agradeço a eles a recepção calorosa e agradável, os mates, almoços e cafés compartilhados. Também agradeço a estes pescadores, o fato deles terem me proporcionado a vivência de uma experiência tão rica, cheia de ensinamentos e aprendizados, em que pude rememorar muitas histórias de pescadores e diversas lembranças de minha infância. Por esse motivo, foi necessário apresentar nesta pesquisa a minha trajetória vivida como filha de pescador, rememorar um mundo de experiências solitárias e de comunhão, de sabores, de cheiros e sonhos e minha percepção construída sobre o contexto da pesca artesanal.

Certamente, aprendi muito com os pescadores que convivi em minha infância. Entretanto, esta experiência investigativa possibilitou, além de um rememorar sobre a trajetória histórica vivida e compartilhada com estes trabalhadores, a vivência de experiências intensas de aprendizado. Especialmente, permitiu que eu pudesse olhar o espaço da pesca artesanal e as relações sociais construídas a partir de um outro ângulo: a partir do olhar de pesquisadora.

Dentro dessa perspectiva, afirma Paulo Freire que ensinar, aprender e pesquisar são fatores que estão relacionados, uma vez que implicam o movimento de ensinar e aprender o conhecimento já existente e a produção do conhecimento ainda não existente. A prática da pesquisa é uma constante busca pelo conhecimento do mundo e é conhecendo o mundo que intervenho nele. Assim, coloca este autor (Freire, 1996, p. 32): “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. (...) Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.”

Neste processo inicial da investigação, preoquei-me em esclarecer aos pescadores os motivos do estudo, a sua relação com as minhas origens e vivências e onde eu levaria as informações obtidas na pesquisa. Destaca Neto (1994, p. 55) que o momento de apresentar a proposta de estudos aos grupos envolvidos é fundamental no processo de pesquisa, conquanto que seja estabelecida uma relação de respeito e interação, eliminando a obrigatoriedade da colaboração por parte dos sujeitos investigados. O processo de pesquisa deve ser colaborativo, interacional e não coercitivo:

Trata-se de estabelecermos uma situação de troca. Os grupos devem ser esclarecidos sobre aquilo que pretendemos investigar e as possíveis

repercussões favoráveis advindas no processo investigativo. É preciso termos em mente que a busca das informações que pretendemos obter está inserida num jogo cooperativo, onde cada momento é uma conquista baseada no diálogo e que foge à obrigatoriedade. (Neto, 1994, p. 55).

Após a fase de “estranhamento”, adquiri uma liberdade maior dentro da comunidade, o que possibilitou um fortalecimento dos laços de confiança, sem a pretensão de uma relação de igualdade entre pesquisadora e os sujeitos investigados. Neste sentido, o pesquisador deve assumir uma conduta aberta a todas as manifestações e participante, no sentido de partilhar das percepções e experiências dos sujeitos de pesquisa, procurando uma compreensão do significado social que eles atribuem à sua realidade. Assim, sobre a participação do pesquisador, destaca Chizzotti (1995, p. 82):

Essa participação não pode ser mera concessão de um sábio, provisoriamente humilde, para efeitos de pesquisa. Supõe que o conhecimento é uma obra coletiva e que todos os envolvidos na pesquisa podem identificar criticamente seus problemas e suas necessidades, encontrar alternativas e propor estratégias adequadas de ação.

As formas de participação no trabalho de campo incluíram, portanto, a participação da pesquisadora nas assembléias da cooperativa e, como foi destacado anteriormente, a realização de visitas às residências das famílias de pescadores cooperativados que moram no bairro São Miguel da cidade do Rio Grande.

Em certas ocasiões, pelo fato de chegar sem marcar a visita, surpreendia-lhes nos momentos em que recém tinham chegado do mar e estavam realizando a limpeza de suas redes, de seus barcos, e as mulheres, a limpeza dos peixes. Entretanto, como sabiam que eu viera desse meio, não ficavam constrangidos, intimidados com a minha presença. Antes, sentia que as famílias ficavam muito à vontade para continuarem realizando suas tarefas. E isso se deve ao fato, deles saberem que estes momentos me eram nostálgicos, traziam-me prazer e alegria.

1.2. O tema e os objetivos

O momento de estabelecer um tema e um problema de pesquisa está relacionado ao desejo de conhecer algo que nos inquieta, mas que está conectado à nossa subjetividade, aos nossos saberes e experiências de vida. Por esse motivo, o problema de pesquisa deve ser estimulado pelas nossas vivências, desejos, paixões e utopias como afirma Marques (2006, p. 94):

Estabelecer um tema de pesquisa é, assim, demarcar um campo específico de desejos e esforços por conhecer, por entender nosso mundo e nele e sobre ele agir de maneira lúcida e conseqüente. Mas o tema não será verdadeiro, não será encarnação determinada e prática do desejo, se não estiver ancorado na estrutura subjetiva, corporal, do desejante. Não pode o tema ser imposição alheia. Deve ele tornar-se paixão, desejo trabalhado, construído pelo próprio pesquisador. Da experiência antecedente, dos anteriores saberes vistos como insuficientes e limitantes nasce o desejo de conhecer mais e melhor a partir de um foco concentrado de atenções.

O tema abordado na presente pesquisa está relacionado aos sonhos construídos e vivenciados em uma cooperativa de pescadores artesanais da cidade do Rio Grande, a Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel.

Diante da justificativa exposta anteriormente, sinto-me movida pelo interesse de investigar a seguinte problemática de pesquisa:

✚ Que sonhos estão sendo construídos e vivenciados em uma cooperativa de pescadores artesanais?

Ante do problema exposto, partimos da hipótese que afirma, em síntese, que os pescadores artesanais, ao organizarem uma cooperativa, estão construindo esperanças e possibilidades de ainda serem vivenciados sonhos de uma vida melhor através de sua atividade profissional. Neste sentido, o cooperativismo, inserido no contexto da economia solidária popular, pode ser entendido como uma possibilidade em Educação Ambiental no espaço da pesca artesanal, uma vez que está voltado à construção de esperanças.

Portanto, a presente pesquisa possui a proposta de responder os seguintes objetivos:

- ✚ Compreender que sonhos motivaram os pescadores artesanais à formação da cooperativa;
- ✚ Compreender a dimensão onírica construída e vivenciada neste espaço cooperativo, resgatando suas imagens de esperança e felicidade para o trabalho da pesca artesanal;
- ✚ Compreender que fatores fortalecem a esperança destes trabalhadores frente ao contexto de crise socioambiental;
- ✚ Compreender a dinâmica conflitiva das relações cooperativas, resgatando os conflitos vivenciados no processo de construção dos *sonhos possíveis*;
- ✚ Refletir, a partir da compreensão da dinâmica onírica e conflitiva das relações cooperativas, uma perspectiva de Educação Ambiental voltada para a construção da esperança no espaço da pesca artesanal.

1.3. Metodologia da pesquisa qualitativa

Concebemos a abordagem da pesquisa qualitativa como pressuposto investigativo mais eficaz para conduzir à compreensão do fenômeno investigado. A pesquisa qualitativa de acordo com Chizzotti (1995, p. 85): “(...) não deve construir um modelo único, exclusivo e estandarizado. A pesquisa é uma criação que mobiliza a acuidade inventiva do pesquisador, sua habilidade artesanal (...)”.

A pesquisa se desenvolveu a partir de um estudo de caso, neste contexto específico, estão os sonhos construídos e vivenciados pelos pescadores artesanais da Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel, localizada na cidade do Rio Grande. As técnicas privilegiadas incluem as entrevistas semi-estruturadas e observação participante, além de

pesquisa bibliográfica. Ao total foram realizadas nove entrevistas e participação em três reuniões da associação, além de muitas visitas nas residências das famílias dos pescadores associados para conversas informais.

1.3.1. A coleta dos dados qualitativos

Entendemos que a pesquisa em questão se desenvolveu a partir de um estudo de caso, entendendo este como sendo a investigação de uma unidade significativa dentro de uma totalidade. Na pesquisa em questão, o estudo de caso está relacionado ao interesse de investigar a conjuntura específica dos sonhos construídos e vivenciados na Associação de Pescadores Artesanais do Bairro São Miguel, pretendendo evidenciar as problemáticas vivenciadas neste contexto, possibilitando uma reflexão de aspectos mais amplos. O contato da pesquisadora com os sujeitos de pesquisa se deu a partir do ano de 2005, tendo iniciado a coleta dos dados em 2006. De acordo com Chizzotti o estudo de caso se define como:

(...) uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora. (Chizzotti, 1995, p. 102).

A coleta de dados incluiu a pesquisa bibliográfica, através da leitura dos seguintes autores: Ernst Bloch, Paulo Freire e Gaston Bachelard se destacam quando buscamos conceituar e compreender como se manifesta e se constrói o fenômeno utópico; utilizamos a contribuição de Paul Singer quando tratamos da economia solidária popular; além de aproveitarmos o aporte de autores relacionados à Educação Ambiental, em especial, Carlos Frederico Loureiro. Destacamos que estes constituem os principais interlocutores nesta pesquisa, porém, não descartamos a contribuição de outros autores no diálogo e tentativa de responder ao problema exposto anteriormente. De acordo com Marques (2006, p. 24), o apoio bibliográfico deve servir como inspiração, deve incitar as possibilidades de avanço na escrita

e interpretação dos fenômenos investigados, contribuindo tanto para ampliar a leitura dos leitores sobre o tema abordado, quanto para dar valor a interpretação do próprio autor da investigação.

Importante salientar que a presente investigação compreendeu a realização um trabalho árduo de pesquisa bibliográfica sobre pesca artesanal. Percebe-se que os autores que trabalham com este tema não contemplam discussões em torno do cooperativismo.

Além disso, as leituras realizadas que abordam esta temática estão mais centradas na contribuição do conhecimento dos pescadores sobre aspectos da dinâmica do meio ambiente, denominado de conhecimento ecológico. Por esse motivo, enfatiza-se a extrema dificuldade em encontrar bibliografia sobre assunto.

Assim, torna-se necessário enfatizar que, nesta pesquisa, ocorre a ausência de autores que discutem os desejos, as necessidades e problemáticas vivenciadas, especialmente, pelos pescadores artesanais cooperativados. Ainda assim, não foram encontradas pesquisas e autores que tenham se dedicado à discussão da temática da pesca artesanal enfocando os sonhos e esperanças construídos por estes trabalhadores.

Dentro de uma abordagem de pesquisa qualitativa, a coleta de dados deve unir o entendimento das falas, o aspecto da oralidade como uma importante fonte de expressão dos sujeitos investigados. Porém, as falas somente possuem sentido e significado, quando são compreendidas associadas ao contexto de realidade vivido pela comunidade investigada. Assim, valorizar a linguagem e a leitura desta como sendo uma das formas dos sujeitos expressarem sua visão de mundo, seus desejos, sonhos e conflitos vivenciados, revela a importância dessa fonte investigativa no processo de pesquisa.

Desse modo, apresento a metodologia da entrevista semi-estruturada como uma das técnicas utilizadas que se tornou imprescindível para o resgate dos sentimentos, sonhos e problemáticas vividas pelos sujeitos investigados. Procurei estabelecer uma interação com os entrevistados anterior à própria realização das entrevistas, para criar uma situação de confiança para que os mesmos colaborassem com a pesquisa.

Assim, um aspecto importante deve ser salientado: anterior à realização da entrevista gravada, o contato da pesquisadora com o contexto de realidade vivido pelos pescadores foi fundamental para a elaboração das questões a serem investigadas, pois possibilitou situar a pesquisadora quanto à preparação do roteiro da entrevista. Além disso, permitiu que fosse estabelecida uma interação mais significativa com os entrevistados, fato que facilitou consideravelmente processo de doação, de disposição para o diálogo por parte dos sujeitos pesquisados.

Esta relação dinâmica é imprescindível entre o pesquisador e o pesquisado em todas as suas etapas, até o seu resultado final. Desse modo, na abordagem da pesquisa qualitativa, o pesquisador não é um sujeito passivo, antes deve assumir um comportamento participante, uma conduta interacional e adensar no cotidiano dos sujeitos investigados. De acordo com Chizzotti (1995, p. 84) tanto o pesquisador, quanto o pesquisado, são reconhecidos como sujeitos que elaboram conhecimentos: “O resultado final da pesquisa não será fruto de um trabalho meramente individual, mas uma tarefa coletiva, gestada em muitas microdecisões, que a transformam em uma obra coletiva”.

Neste ponto, portanto, o diálogo se torna elemento fundamental, uma vez que possibilita a obtenção de muitas informações necessárias à compreensão do sentido das experiências vividas pelos sujeitos da pesquisa. De acordo com Mello (2005, p. 53):

O propósito de trabalhar com entrevistas semi-estruturadas é, ao mesmo tempo em que afirma a intencionalidade do ato da busca, da pesquisa, abrir possibilidades para os depoentes/entrevistados seguirem seus próprios cursos narrativos e trazerem o inusitado, a evocação de suas memórias e visões sobre o que seja significativo.

Optou-se pela entrevista gravada e transcrição das informações coletadas. Foram realizadas num total de nove entrevistas, sendo sete pescadores associados e duas mulheres que trabalham com a cooperativa, mas que, legalmente, não são sócias. Destas mulheres, uma é esposa de pescador associado e a outra é ex-esposa de pescador. Apesar da cooperativa ser legalmente composta somente de pescadores, também sentiu-se a necessidade de entrevistar as mulheres, resgatar os seus sonhos, em virtude do trabalho significativo que elas realizam neste empreendimento como, por exemplo, no processo de beneficiamento do pescado.

Os critérios utilizados para a escolha dos entrevistados foram a sua vontade e disponibilidade para participar da entrevista e responder às questões propostas. A opção por não revelar a identidade dos entrevistados foi uma escolha feita por eles, pois, de acordo com a sua opinião, possibilitava a assunção de uma conduta mais aberta e participante e uma predisposição maior para falar sobre as suas experiências, necessidades e problemas que enfrentam. Em certa medida, este fator contribuiu para estabelecer um diálogo mais aberto e franco, permitindo aos entrevistados, posicionarem-se diante de temas polêmicos, como aqueles que envolviam, por exemplo, a denúncia do trabalho explorado.

Optou-se em colocar as falas dos entrevistados a partir do capítulo dois, sendo destacadas no formato itálico, procurando romper com a forma presente em muitas pesquisas

em reservar o último capítulo para este propósito. Discorda-se em estabelecer este formato, pois acredita-se que sugere a afirmação de uma separação entre conhecimento científico e o conhecimento prático, de senso comum destes sujeitos, o que fragiliza a interpretação das experiências relatadas, pois a compreensão de alguns aspectos singulares e importantes dos fenômenos podem ser ignorados ao longo do texto. Além disso, os pressupostos teóricos quando desvinculados dos depoimentos dos sujeitos investigados, acabam perdendo o sentido e a validade na elaboração dos argumentos.

Apesar de direcionar as temáticas, permitiu-se que o entrevistado discorresse livremente a respeito do assunto, sem determinar o tempo de duração da sua exposição. Esta proposta permitiu o diálogo aberto, com um discurso livre por parte do entrevistado, ampliando a possibilidade de surgimento de outras questões que permeiam os temas propostos na entrevista.

As entrevistas são abertas à possibilidade do diálogo, são reveladoras da especificidade do universo do entrevistado. Por esse motivo, cada entrevista abrange a visão de mundo do sujeito investigado: “Todos os sujeitos são igualmente dignos de estudo, todos são iguais, mas permanecem únicos, e todos os seus pontos de vista são relevantes (...)”. Chizzotti (1995, p. 84). Mesmo que comporte o mesmo roteiro e o mesmo planejamento, cada entrevista possui a sua singularidade, contribuindo com algo inesperado e impensado no seu conteúdo para a pesquisa.

Após ter coletado as informações, compreendi o quanto grande era a minha responsabilidade e a riqueza que tinha em minhas mãos. Percebi a importância da necessidade de comunicar suas imagens de sonho e o processo de construção da esperança e compreensão das relações humanas construídas por estes pescadores, inseridos no contexto de uma economia solidária popular. Nisso se inclui a importância do papel de um pesquisador, ao registrar um discurso de um determinado contexto, problematizá-lo junto às teorias explicativas e disseminá-lo a um público mais amplo.

(...) as práticas, por mais concretas e simples, não existem soltas e desgarradas. São sempre práticas situadas entre as de determinado(s) sujeito(s) e num dado contexto onde se relacionam com práticas outras. Por trás, por isso, de qualquer prática existe uma teoria ou concepção dela, sem a qual não seria ela prática humana, muito menos social. Explicitar essas teorias, ou explicações, escondidas nas práticas que se relatam, referi-las umas às outras e inseri-las num universo mais amplo de práticas correlacionadas, essa a função do discurso teórico. (Marques, 2006, p. 103).

O pesquisador não pode esgotar as formas de investigação. Por esse motivo, buscando uma complementaridade do trabalho de campo, além das entrevistas semi-estruturadas, foi necessário utilizar o método da Observação Participante para proporcionar uma coleta de dados mais amplo e significativo. Esta técnica utilizada corresponde a uma estratégia complementar às entrevistas.

A metodologia de registro utilizada na Observação Participante inclui o Diário de Campo. Na presente pesquisa este instrumento foi utilizado no registro das observações feitas em relação às reuniões de assembléia da associação, bem como no registro de situações significativas observadas nas visitas da pesquisadora às residências das famílias de pescadores associados. Optou-se que o registro fosse efetuado no momento imediatamente posterior à ida a campo.

De acordo com Mello, a observação participante é uma técnica que permite ao pesquisador compreender situações e acontecimentos que podem ser relevantes para a pesquisa, através da sua participação nas experiências cotidianas do grupo investigado: “Essa é uma forma de pesquisa na qual a ênfase é dada à observação, sejam situações espontâneas ou rituais, sem fazer ou fazendo apenas perguntas essenciais, de maneira mais informal do que em uma situação de entrevista”. (Mello, 2005, p. 63). Assim, afirma o autor que:

A observação Participante inscreve-se como uma proposta metodológica de envolvimento na comunidade na qual estamos inseridos. Implica participação do educador-pesquisador nos círculos sociais, políticos e culturais das comunidades, observando, participando e registrando essa experiência. (...) Ela não supõe necessariamente nenhum instrumento para direcionar a observação, como um questionário ou roteiro de entrevista. (Mello, 2005, p. 63).

As observações de campo incluíram a participação da pesquisadora em três reuniões de assembléia da associação, além de oito visitas às residências das famílias dos pescadores associados. As visitas e atividades realizadas são discriminadas a seguir:

- ✚ A primeira visita à Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel foi realizada em 2005, para fins de estabelecimento de um primeiro contato com os trabalhadores cooperativados;
- ✚ Em 2006, foram realizadas três visitas às residências das famílias dos pescadores associados, uma entrevista semi-estruturada e participação em uma

reunião de assembléia da associação antes do processo de qualificação do projeto de pesquisa;

- ✚ Em 2007, foram realizadas quatro visitas às residências das famílias dos pescadores associados, além de oito entrevistas semi-estuturadas e participação em duas reuniões de assembléia da associação.

1.3.2. O processo de Análise Textual Qualitativa

Com a intenção de compreensão dos fenômenos investigados, apresento a análise textual qualitativa como uma modalidade de análise que, segundo Moraes (2005, p. 86), a partir do aprofundamento e mergulho em processos discursivos, tem como objetivo atingir aprendizagens em forma de compreensões reconstruídas dos discursos, resultando na comunicação do aprendido. O pesquisador, nesse sentido, está inserido como sujeito histórico, com participação na construção de novos discursos.

Moraes (2005, p. 88) afirma que a análise textual qualitativa compreende que toda leitura de um texto é uma interpretação, não existindo a possibilidade de uma objetividade e neutralidade neste processo. Nesse sentido, o material textual submetido à análise é marcado pela subjetividade e modos de interpretação e compreensão de todos os sujeitos que participaram de sua produção. O pesquisador é influenciado pela multiplicidade de vozes que se manifestam sobre os fenômenos investigados. De acordo com este autor, esta modalidade de análise pretende uma leitura aprofundada e rigorosa dos materiais textuais, utilizando a descrição e interpretação para uma compreensão mais elaborada dos fenômenos e dos discursos.

Baseado na análise textual qualitativa, Roque Moraes apresenta quatro elementos principais para a compreensão dos fenômenos investigados. O primeiro processo, denominado de “unitarização”, implica definir e identificar as unidades de análise através de enunciados que compõem os objetivos da pesquisa. Neste procedimento ocorre a fragmentação do *corpus*,

o qual se refere ao conjunto de materiais submetidos à análise. Nesta desconstrução textual, o pesquisador deve estar focalizado nos objetivos e fenômenos da pesquisa. Nesse sentido, o autor salienta que nesta divisão do texto no processo de análise, deve ser mantida a perspectiva do todo e do contexto em que foi produzido. Portanto, apesar de existirem estes movimentos específicos na análise textual qualitativa, deve-se ter um permanente esforço de focalização do todo, compreendendo a investigação como um processo integrado. Nesta primeira fase, foi realizada uma fragmentação da entrevista, surgindo as unidades de análise, a fim de identificar os elementos que a constituem, desconstruindo os relatos dos pescadores e das trabalhadoras entrevistadas para obter fragmentos que possuem significados semelhantes dentro do texto, procurando sempre não perder a visão do todo.

O segundo procedimento, denominado categorização, refere-se ao processo de classificação das unidades de análise, resultando nas categorias. Implica em estabelecer relações entre as unidades de análise, procurando aproximá-las e reuni-las a partir de semelhanças que as aproximam. Denomina-se “categoria” o conjunto de unidades de análise que possuem elementos em comum: “Assim, categorias podem ser concebidas como aspectos ou dimensões importantes de um fenômeno que o pesquisador decide destacar. São opções e construções do pesquisador, valorizando determinados aspectos em detrimento de outros”. (Moraes, 2005, p. 92).

Dois processos opostos estão inseridos na produção de categorias de análise, os quais auxiliam na compreensão do objeto da pesquisa: um deles, é a produção do que se denominam categorias *a priori*, processo de natureza objetiva e dedutiva; o outro, conduz às categorias emergentes, de natureza indutiva e subjetiva. No final deste processo as categorias devem ter significados claros, contribuindo para a compreensão dos fenômenos investigados, como afirma Galiuzzi e Moraes (2006 a, no prelo) :

Assim, é interessante que o pesquisador invista um esforço no sentido de compreender, sistematizar e explicitar cada uma das categorias que trabalha, enquanto investindo na descrição e no primeiro momento da interpretação, o que poderíamos denominar “princípios” ou “argumentos” que parecem emergir das análises. É mais fácil intuir estes princípios ou argumentos para categoria, ou até subcategorias, do que aguardar que surjam como um todo concatenado. Uma vez explicitados estes princípios sintetizadores em cada categoria, estes podem ser integrados no sentido de uma interpretação teórica mais ampla para o fenômeno como um todo.

Assim, após a desconstrução do relato e surgimento das unidades de análise, parte-se para o processo de categorização da entrevista, assumindo tanto as categorias *a priori* como possibilidades do relato, envolvendo um direcionamento do que o pesquisador considera importante na compreensão do fenômeno investigado, quanto às categorias emergentes, que surgem como questões importantes para a compreensão do problema de pesquisa, emergindo a partir das falas dos entrevistados.

A formação de categorias está relacionada ao conjunto dos argumentos estruturados em torno da tese da pesquisa, sendo trabalhados de forma integrada. Estes argumentos aglutinadores foram utilizados para a construção da consistência do metatexto, que envolve a expressão textual dos resultados da pesquisa. Desse modo, este processo dinâmico, envolveu a fragmentação da entrevista e sua reestruturação em forma de texto, agrupando a multiplicidade de dizeres dos pescadores e mulheres entrevistadas.

Segundo Moraes, apresentam-se a partir das categorias, os novos textos, denominados metatextos, sendo a emergência de uma compreensão do todo, através da intensa impregnação na análise dos textos do *corpus*. Este metatexto é o processo em que os conjuntos dos argumentos estruturados em torno de uma tese são trabalhados de forma integrada, envolvendo a descrição e interpretação em sua organização. A descrição implica apresentar qualidades, características, propriedades do objeto ou fenômeno que se descreve, expressa um conhecimento dos sujeitos pesquisados, sem teorizá-los.

O momento da interpretação é um ponto importante da análise textual qualitativa, em que as descrições são relacionadas ao referencial teórico, mostrando novas compreensões dos fenômenos investigados. De acordo com Moraes (2005,p. 103), a produção de metatextos é um processo de construção e reconstrução recursivo, em que o pesquisador, ao mesmo tempo em que constrói uma compreensão maior dos fenômenos que investiga, consegue comunicar os resultados da análise cada vez mais com maior precisão e qualidade. Assim, para a construção do metatexto, é importante inserir as falas do entrevistado, de modo que os resultados comunicados expressem as teorias e as idéias dos sujeitos autores dos textos analisados.

2. SONHAMOS ENQUANTO LEMBRAMOS, LEMBRAMOS ENQUANTO SONHAMOS



Figura 2: Pescador artesanal na Laguna dos Patos – Rio Grande - RS.
Fonte: Arquivo da Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel.

Elogio da dialética

*O que ainda vive não diga: jamais!
O seguro não é seguro. Como está não ficará.
Quando os dominadores falarem
falarão também os dominados.
Quem se atreve a dizer: jamais?
De quem depende a continuação desse domínio?
De quem depende a sua destruição?
Igualmente de nós.
Os caídos que se levantem!
Os que estão perdidos que lutem!
Quem reconhece a situação como pode calar-se?
Os vencidos de agora serão os vencedores de amanhã.
E o “hoje” nascerá do “jamais”.*

Bertolt Brecht

2. SONHAMOS ENQUANTO LEMBRAMOS, LEMBRAMOS ENQUANTO SONHAMOS

(...) insensivelmente, somos conduzidos para devaneios antigos que já nem pensamos em datá-los. Um clarão de eternidade baixa sobre a beleza do mundo. Estamos diante de um lago cujo nome é conhecido dos geógrafos, e meio a altas montanhas, e eis que regressamos a um passado remoto. Sonhamos enquanto nos lembramos. Lembramo-nos enquanto sonhamos. Nossas lembranças nos devolvem um rio singelo que reflete um céu apoiado nas colinas. (Bachelard, 1988, p. 96).

Somos construídos por aquilo que aprendemos e compartilhamos no contato com os outros. Somos recordações, experiências de sonhos, esperanças, solidão, conflitos, incertezas e escolhas, enfim, somos história e cultura. O reimaginar e o rememorar as nossas vivências permite compreender o que fomos, o que somos e o que sonhamos. Nas lembranças do mundo vivido, nos devaneios de nossas recordações somos conduzidos às imagens de nossas experiências mais primitivas.

Nossa visão de mundo, nossos valores e aquilo pelo qual acreditamos e lutamos são fruto de nossas experiências de vida, das situações que permanecem ainda vivas e que jamais se apagarão em todo o decorrer da nossa trajetória. Lembranças de cheiros, sabores, medos e encantos.

As imagens da vida que nos constituem acompanham todo o processo de investigação e construção do conhecimento. Por esse motivo, pretendo, nesta etapa do trabalho, rememorar minha história, minha trajetória de vida que me constitui e me identifica, resgatar meus

sonhos e esperanças, recordar com saudades as minhas vivências como filha de pescador artesanal. Pretendo assim, admirar as lembranças de um passado, rememorar os devaneios de infância, reconstituir as imagens da minha história que acompanham e justificam cada passo e escolha desta pesquisa. Recordações que permitiram serem revividas a cada saída de campo e entrevista que realizei, que acompanharam as conversas, os cafés e mates que compartilhei com os pescadores. Ao resgatar os sonhos destes trabalhadores do mar estava, de certa forma, resgatando e me reencontrando com os sonhos de meu pai.

2.1. Reencontrando os devaneios do mundo vivido

Toda realidade, a que está presente e a que permanece como herança de um tempo que se foi, é idealizada, posta no movimento de uma realidade sonhada. (Bachelard, 1988, p. 83).

Podemos conhecer nossa história a partir do que os outros contam para nós. Podemos, portanto, compreender o que somos a partir do que os outros percebem sobre nós. Entretanto, através do resgate dos devaneios mais profundos, daquelas recordações que se encontram ocultas para os outros, podemos resgatar o que somos a partir do reencontro com as imagens que temos da vida em sua existência poética, ou seja, em sua existência sedutora e agradável da nossa vida íntima, as imagens de solidão que só possuem significado para nós.

Gaston Bachelard afirma que os devaneios voltados para a infância podem nos possibilitar uma apreensão da noção que temos de liberdade, ou ainda, constituem uma referência da idéia que temos de liberdade. Idealizamos as recordações da infância com essas imagens de plena liberdade, o mundo se apresenta como um espetáculo, como contemplação.

Uma infância potencial habita em nós. Quando vamos reencontrá-la nos nossos devaneios, mais ainda que na sua realidade, nós a revivemos em suas possibilidades. Sonhamos tudo o que ela poderia ter sido, sonhamos no limite da história e da lenda. Para atingir as lembranças de nossas solidões, idealizamos os mundos em que fomos criança solitária. (Bachelard, 1988, p. 95).

Sendo assim, procuro rememorar as vivências que tive como filha de pescador artesanal, resgatando as imagens que tenho desse passado. Inicio este relato contando o motivo pelo qual acredito que meu pai tenha escolhido esta profissão, já que era bacharel em Direito e optou por não exercer a carreira. Minha mãe, neste período, além de ajudá-lo com o trabalho da pesca, também exercia a profissão de costureira, tirando o sustento da família a partir destas duas atividades.

Diferentemente dos demais pescadores com que trabalhava, meu pai não tinha suas origens relacionadas a uma família de pescadores da região. Acredito que escolheu esta atividade pelo fato de possuir uma ligação muito intensa com o mar, admirava seus mistérios, o perigo e o imprevisto que o caracterizam. Mas, principalmente, acredito que ele se apaixonou com a rotina do trabalho com a pesca, da experiência da vida no mar, ou seja, pelo fato das atividades estarem vinculadas ao tempo da natureza e não ao ritmo do relógio.

Das imagens de infância guardo belas recordações, apesar de serem marcadas por uma vida simples, com dificuldades financeiras. Meu pai foi uma pessoa muito presente em todos os momentos, já que o ritmo de trabalho com a pesca permite uma certa mobilidade e liberdade. Era uma pessoa moralista e conservadora, valorizava as amizades e extremo conhecedor da dinâmica do ecossistema, como todo bom pescador. Gostava muito de ler e escrever poesias, apreciava os escritos de Carlos Castaneda. Sujeito extremamente sonhador: não desejava que seus filhos seguissem o trabalho com a pesca, sonhava que tivessem uma carreira promissora no Direito, área que ele optou, primeiramente, por imposição dos pais.

Meu pai era um pescador que sonhava através de suas poesias. Sonhava quando relembra as viagens que realizou ao longo de sua vida pela Europa: Paris, Veneza, Milão, Roma, Londres. Desejava que nós sonhássemos junto com ele quando relatava a impressão dos países que conheceu e o aprendizado adquirido com essa experiência do contato com outras nacionalidades.

Desde este período vivenciamos as dificuldades diárias de uma família que tira o seu sustento da pesca. Longas jornadas de trabalho que invadiam as madrugadas. A incerteza dos rendimentos a cada safra que iniciava, a convivência com certos períodos de escassez de

pescado, a falta de investimentos que vise melhorar as condições de trabalho e de vida do pescador, além dos perigos cotidianos próprios da profissão. A cada noite que os pescadores adentravam ao mar, sempre pensava que algo pior ou até mesmo trágico poderia acontecer – o mar possui seus encantos, mas guarda incertezas e riscos.

De acordo com Antonio Carlos Diegues, o pescador artesanal tem o seu modo de vida assentado principalmente na pesca, mesmo que possam exercer outras atividades econômicas como o artesanato e a pequena agricultura. Possuem um modo de vida peculiar, especialmente aqueles que vivem de atividades pesqueiras marítimas:

Os pescadores, sobretudo os artesanais, praticam a pequena pesca, cuja produção é em parte consumida pela família e em parte comercializada. A unidade de produção costuma ser a familiar, incluindo na tripulação conhecidos e parentes longínquos. Apesar de um grande número deles viver em comunidades litorâneas não-urbanas, alguns moram em bairros urbanos e periurbanos, construindo dessa forma uma solidariedade baseada na atividade pesqueira. (Diegues, 2001, p. 49).

Rememorando as imagens deste período, percebi que as relações de reciprocidade constituem o mote que orientam as organizações de trabalho na pesca. Quando nosso pai iniciou o trabalho nesta atividade não possuía muitos apetrechos. Começou pescando com uma bóia, por isso era necessário trabalhar com outros companheiros que possuíam redes e liquinhos. Neste sentido, as relações de amizade e solidariedade eram fundamentais para garantir a empreitada pesqueira. Mas ao longo do tempo, meu pai juntamente com o pescador João, muito habilidoso na confecção de caícos e redes, construiu o seu primeiro barco de pesca, denominando-o de *Aventura*. Presenciei essa arte de tecer as redes de pesca com agulhas de plástico e de madeira.

Percebe-se, neste sentido, que predominam as relações de companheirismo e solidariedade, bem como um compartilhar de saberes tradicionais, transmitidos por gerações. Constituem modos de vivência que caracterizam a prática cotidiana destes trabalhadores inteiramente dependentes do apoio dos seus camaradas de pesca e dos recursos que o meio ambiente pode lhes oferecer. A permanência destes costumes garante a sobrevivência de muitos pescadores artesanais e expressa a sua forma singular de ser, de habitar e perceber as relações sociais.



Figura 3: Meus irmãos Diego (esq.) e Thiago (dir.) no barco *Aventura* no Saco da Mangueira – Rio Grande – RS. Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Certas ocasiões, presentes em todos os momentos do trabalho de campo, do qual me fizeram recordar algumas imagens da infância, foi o reencontro com o cheiro do ambiente pesqueiro, o cheiro do mar, do camarão, do peixe. Em vários momentos da pesquisa, reencontrei com os cheiros que lembravam o espaço familiar da minha infância, a rotina do trabalho da pesca: as noites em que meu pai colocava a touca marrom que guardo até hoje, vestia várias peças de roupa sobrepostas e levava uma bebida quente para suportar a fome e o frio da madrugada quando iria pescar. Quando subia a estrela Dalva, dizia ele, era o momento de voltar para a casa. Dependendo do vento predominante, a noite poderia lhe render bons frutos ou não, o que importava era que estava feliz com a atividade que realizava, apesar de sacrificante.

Existe todo um saber, um conhecimento que confere identidade à profissão de pescador artesanal. Lembro quando nosso pai afirmava que *ser pescador* não significava somente ter um barco, uma rede e ir pescar, pois muitos fazem desta atividade apenas um biscoite. A habilidade de *ser pescador* envolvia o domínio de um conhecimento específico do ecossistema costeiro, dos saberes que possibilitavam identificar o contexto propício para uma boa pescaria, significava possuir uma ligação maior com os elementos da natureza e com os instrumentos de trabalho que caracterizam esta profissão. Constituem o “*saber de experiência*

feito” do qual tanto falou Paulo Freire, o saber empírico relacionado ao conhecimento dos fenômenos da natureza: conhecer as condições ideais para uma boa pescaria através da observação dos ventos predominantes, da coloração da água ou do movimento dos cardumes.

A pesca era realizada na lagoa denominada Saco da Mangueira. Localizada em zona urbana da cidade do Rio Grande, é rodeada por condomínios e fábricas: suas águas sofrem a agressão intensa do processo de urbanização e desenvolvimento industrial da região. Como a nossa casa se localizava na margem desta lagoa, realizei muitos passeios de barco com os meus três irmãos, o que permitiu o registro de um quadro de grande poluição de suas águas. Por isso, tinha medo de caminhar na Mangueira, pois o fundo era coberto pelos cacos de vidro, pedaços de madeira com pregos, plásticos e lixo hospitalar. Ou seja, é um ecossistema que denuncia o descaso do ser humano com o meio ambiente e a falta de políticas públicas, de um planejamento urbano que possibilite a conservação destas áreas naturais extremamente importantes como fonte de vida de várias espécies e fonte de renda para as populações de pescadores artesanais que moram no seu entorno.

Portanto, na imagem que tenho desta lagoa, predomina a visão do lixo acumulado nas margens, dos ratos, peixes mortos e uma certa espuma marrom que, de vez em quando, cobria as águas da margem da Mangueira. Certamente, estas vivências e registros contribuíram para despertar a nossa preocupação com a questão ambiental.

Uma das preocupações de nosso pai era com essa poluição das águas e as conseqüências disso para a profissão do pescador artesanal. Já neste período, ouvia seus companheiros de pesca afirmarem que a sobrevivência destes trabalhadores, e a própria continuidade desta atividade estaria comprometida pelo agravante da situação de degradação ambiental. Presenciei muitos mutirões de retirada de lixo das margens desta lagoa, organizados pelo nosso pai e seus camaradas de pesca.

Assim como na maioria das famílias de pescadores artesanais (e na minha não foi diferente) a pesca é reservada aos homens. Afirmam que para a atividade no mar é necessária a força masculina, às mulheres, portanto, estão reservados os serviços domésticos e aqueles relacionados ao beneficiamento do pescado. Entretanto, nossa mãe além de ajudar no processo de beneficiamento do peixe, também costurava: seu sonho era ser empresária de uma grande loja de confecção de roupas.

Mas no trabalho com a pesca nem tudo é prazeroso. Muitas jornadas incluem longas horas de frio, com pão e apenas café, e no final da labuta diária resta apenas o cansaço e uma vontade inexplicável de encontrar a família e descansar o corpo. É neste contexto que o pescador artesanal divide o seu tempo. E estas longas jornadas de trabalho, as atividades de

risco a que estão submetidos, além da falta de interesse em procurar uma assistência médica, implicam graves problemas para a saúde dos pescadores e de suas mulheres.

Assim, foi no ano de 1995 que descobrimos que nosso pai estava com cirrose hepática, mas como se encontrava em um estágio muito avançado, não existia esperança na cura. Desconfiávamos que ele estaria doente já alguns anos, anteriores ao diagnóstico, a partir de um período em que começou a emagrecer muito, tendo que parar com a pescaria, pois não encontrava mais ânimo, nem forças para exercê-la.

Foi um ano de muito sofrimento até sua morte em janeiro de 1997, período em que nossa mãe passava mais tempo no hospital cuidando dele. Por isso, nesta época de permanência no hospital não pensou em sua saúde, ficou anêmica pelo fato de emagrecer mais de vinte quilos. No momento eu tinha quinze anos e cuidava dos meus irmãos e da organização da casa, já que era a primogênita da família. Nossa mãe a cada vez que voltava do hospital conversava conosco, explicava a situação da saúde de meu pai e sempre dizia que, diante do pior que poderia acontecer, nós precisávamos estar sempre unidos e isso era o que deveria nos fortalecer, nos dar forças para enfrentarmos qualquer adversidade da vida.

Após o falecimento de nosso pai, nossa mãe realizou diversas atividades, além de trabalhar como costureira, foi empregada doméstica, trabalhou em lancherias, foi costureira de malharias, fazia pães e massas caseiras para vender na vizinhança, enfim, fez de tudo para que nada faltasse aos quatro filhos. Admiramos muito a sua história de vida, a sua força e coragem para lutar. Meus irmãos precisaram, a partir deste período, trabalhar como ajudantes de pedreiro e vendendo pães caseiros e frutas na vizinhança para ajudar no sustento da família.

Esse quadro caracteriza uma situação de insegurança e instabilidade que muitas mulheres de pescadores artesanais vivenciam. A grande maioria dos pescadores acredita que somente o homem deve garantir o sustento da família, por isso não desejam que suas mulheres tenham sua própria profissão. Nossa mãe pode ser considerada uma exceção, pois realizava a atividade de costureira, garantindo o nosso sustento durante muitos anos, logo após a morte de nosso pai.

A atividade da pesca, portanto, evidencia-se como espaço estritamente masculino, ao passo que à mulher estaria reservado o domínio da casa, o serviço voltado para o lar, no preparo da alimentação familiar, bem como o trabalho ligado ao processo de beneficiamento e preparação do pescado que incluem a escolha, limpeza e cozimento do siri, peixe e camarão. Nossa mãe realizava todas estas atividades em casa, contando com a ajuda das filhas, irmãs e

algumas companheiras de trabalho. O trabalho nesta atividade pesada, com os constantes serões, gerou graves problemas à sua saúde, como a osteoartrose.

Após estes períodos de choque emocional, nossa vida se estabilizou. Entrei para a universidade no ano de 2000 para cursar História-Licenciatura, fui bolsista de trabalho do Centro de Documentação Histórica durante dois anos. Foi um período de intensas mudanças, reflexões e realização de projetos, entre eles o curso preparatório gratuito para o vestibular *Sem Limites*, organizados pelos alunos da graduação, com professores voluntários. Inquietava-nos o fato de muitos não terem condições financeiras para pagar um curso e, por esse motivo, encontravam-se em situação desigual em relação ao acesso a uma universidade pública. Deste projeto pioneiro, organizaram-se outros que perduram até hoje. Todas estas reflexões suscitaram mudanças no nosso modo de compreender a realidade, percebemos que muitos sonhos podem ser realizados, quando o coletivo se une em torno de um objetivo comum.

Assim, as inquietações que me motivaram a construir esta proposta de pesquisa em Educação Ambiental estão relacionadas às reflexões e vivências no curso de História. Mas estão relacionadas, principalmente, a minha experiência de vida junto aos pescadores artesanais, ao vivenciar e compartilhar os problemas cotidianos de uma família que tira seu sustento do meio ambiente, ao vivenciar os conflitos entre esta atividade extrativista e a lógica do sistema capitalista, de consumismo exacerbado, degradação ambiental e desigualdade no acesso aos avanços tecnológicos. Conflitos que põe em risco a própria sobrevivência e existência deste trabalhador enquanto categoria social.

Por isso, partimos destas inquietações como objeto da pesquisa, propondo investigar os sonhos destes trabalhadores, suas motivações e conflitos vivenciados frente à denominada crise socioambiental, de poluição das águas, exploração do ser humano e progresso tecnológico. Parte-se da perspectiva de que, para a elaboração de um projeto de Educação Ambiental que tenha como objetivo a sustentabilidade do meio ambiente pesqueiro, torna-se fundamental o reconhecimento dos saberes destas populações, o resgate de seus sonhos, dos conflitos que vivenciam e da sua forma de imaginar e sentir o mundo em que estão inseridos.

Portanto, percebemos ao mesmo tempo a dificuldade e a importância de resgatar algumas passagens da nossa história de vida, que mostram as razões de ser desta investigação, dos sonhos que tenho, que construí e compartilhei com os pescadores artesanais que fizeram parte do meu passado e também do meu presente, através desta pesquisa. Meus sonhos são fruto destas vivências e aprendizados que tive como filha de pescador artesanal, são produtos dos diálogos, dos conflitos, das lembranças e das relações de amizade que estabeleci com estes trabalhadores do mar.

Assim, procuro resgatar na memória, um passado em que deve ser considerado todo um contexto de experiências individuais, mas também coletivas, de inserção no ambiente familiar e social. A memória percebida como um reencontro com as imagens do mundo e da vida que construí neste contexto social vivido, um reencontro com um mundo de saberes, costumes e valores. Neste sentido, é importante salientar, que em um processo investigativo deve ser valorizado esse movimento de resgate da memória, a influência da experiência vivida como elemento que está conectado ao processo de construção do conhecimento.

Boaventura Santos quando afirma que todo conhecimento é auto-conhecimento está se referindo ao caráter autobiográfico da ciência. A explicação científica da natureza ou da sociedade está relacionada aos sistemas de crenças e juízos de valor, portanto, é necessário assumir que o conhecimento deve antes, não nos separar, mas nos unir pessoalmente àquilo que estudamos. O autor faz uma importante observação a esse respeito:

Hoje sabemos ou suspeitamos que as nossas trajetórias de vida pessoais e coletivas (enquanto comunidades científicas) e os valores, as crenças e os preconceitos que transportam são a prova íntima do nosso conhecimento, sem o qual as nossas investigações laboratoriais ou de arquivo, os nossos cálculos ou os nossos trabalhos de campo constituiriam um emaranhado de diligências absurdas sem fio nem pavio. No entanto, este saber das nossas trajetórias e valores, do qual podemos ou não ter consciência, corre subterrânea e clandestinamente, nos pressupostos não-ditos do nosso discurso científico. (Santos, 2005, v. 1, p. 84).

A pesquisa deve ser entendida como processo dialético de estabelecimento de conexões entre a prática e a teoria em que tanto a pesquisadora, quanto o pesquisado, alteram sua compreensão do mundo e da própria investigação científica.

Assim, partindo do que Boaventura Santos destacou, enfatizamos que toda pesquisa deve ter um significado para nós, uma razão de existir, pois nenhuma investigação é neutra, antes, está relacionada a um determinado modo de entender o mundo e as relações sociais, a uma postura diante dos acontecimentos. Por isso, não se pode negar que a trajetória de vida pessoal, com seus costumes, crenças e valores perpassa todo o processo de pesquisa. Esta razão de existir está relacionada àqueles que passaram por nossa vida e, de alguma forma, deixaram marcas, lembranças, emoções e aprendizados.

Paulo Freire foi um dos que recordou com saudades as lembranças de sua infância em Recife, enfatizando que a sua forma de estar no mundo e com os outros e a afetividade imbricada em sua escrita, no modo como teoriza a sua prática, está relacionada a sua experiência de vida enquanto recifense, bem como a sua vivência no exílio, na África, no

Chile, ao seu contato com a situação opressora em que vivem os povos da América Latina e africanos. Assim, a sua postura enquanto educador crítico e comprometido com a causa que ele acreditava era alimentada por essas vivências, era o que dava significado a sua maneira de viver e se conduzir.

Por esse motivo, Freire destaca que é somente conhecendo a realidade da situação opressora que reconheceremos a necessidade da transformação destas condições existenciais, do processo de libertação. E esse processo deve partir das populações que sofrem a exploração, do reconhecimento dos conflitos, das problemáticas imbricadas neste processo e reflexão das possibilidades de sua superação. Portanto, compartilho do questionamento de Freire:

Quem, melhor que os oprimidos, está preparado para compreender o terrível significado de uma sociedade opressora? Quem sofre os efeitos da opressão com mais intensidade que os oprimidos? Quem com mais clareza que eles pode captar a necessidade da libertação? Os oprimidos não obterão a liberdade por acaso, senão procurando-a em sua práxis e reconhecendo nela que é preciso lutar para consegui-la. (Freire, 1980, p. 57).

No modelo de produção capitalista, os pescadores artesanais constituem a parcela da população que sofre diretamente com as conseqüências do processo de degradação ambiental e exploração da força de trabalho. Entretanto, entendendo a realidade como uma totalidade e os pescadores inseridos no modo como se organiza a sociedade, a mudança desta situação passa pela possibilidade de participação destes trabalhadores neste processo, na sua capacidade de elaborarem alternativas através do diálogo com outros segmentos da sociedade. Mas é necessário que eles se percebam como construtores da sua realidade, com parcela de responsabilidade na manutenção da atual conjuntura. Por esse motivo, é fundamental a sua intervenção, pois do contrário, a postura de não mobilização (que também constitui uma ação) pode contribuir para o desaparecimento da sua profissão.

Refletindo a partir das palavras de Freire, torna-se fundamental para a construção de uma sociedade voltada à sustentabilidade do meio ambiente, pautada em novos valores, no diálogo de saberes e na qualidade de vida das populações este processo do despertar de homens e mulheres para a importância do seu papel e da sua capacidade na construção de uma outra forma de pensar o sistema de organização da sociedade. Nesse contexto, a Educação Ambiental deve estar inserida como possibilidade, como processo de aprendizagem voltado à conscientização, à construção coletiva de conhecimento e utopias.

É este o sentido que busca esta investigação: não temos a pretensão de transformar a realidade destes trabalhadores através desta pesquisa, mas, de algum modo, despertar para a problemática da pesca artesanal, dar visibilidade a esta maneira específica de compreenderem o meio em que vivem e as relações sociais em que se encontram inseridos. Esta pesquisa busca valorizar aquilo que não é visível e quantificável em uma investigação científica: seus sonhos, desejos, aspirações e esperanças. Ou seja, trabalha com uma concepção de ciência negada pelo positivismo que afirmava a cientificidade dos fenômenos pelo que podia ser observado e calculado matematicamente.

O que justifica a nossa pesquisa é a necessidade de se refletir a problemática social da pesca artesanal frente a superexploração dos recursos naturais e da força de trabalho, problematizando os conflitos que estes trabalhadores vivenciam atualmente, mostrando as estratégias que estão sendo gestadas para superá-los e o imaginário de sonhos que sustenta a construção destas alternativas, dentre elas está o cooperativismo. É necessário, portanto, que se compreendam estes conflitos no contexto de uma totalidade, ou seja, como problemática que reflete as conseqüências do desenvolvimento e predomínio de um determinado modo de se pensar e organizar a sociedade, marcada pelo modelo de racionalidade econômica – pois, como tal, os pescadores artesanais não estão alheios à crise da racionalidade moderna. Modelo de pensamento este que influencia a produção do conhecimento científico e seus objetivos, além da própria trajetória dos pescadores artesanais, suas relações de trabalho, seus interesses, decisões, valores e sonhos. O que buscamos, portanto, é compreender a realidade superando as visões fragmentadas, focalistas, reivindicando uma visão integrada do todo, que abrange saber científico e saber tradicional.

Estas reflexões serão trabalhadas em um próximo capítulo, partindo da crítica ao projeto iluminista de consolidação da racionalidade econômica e sua influência no modo de vida dos pescadores artesanais, nos seus desejos e sonhos. Será problematizada a temática da crise socioambiental do nosso período como expressão do modelo de racionalidade da modernidade que conduz a coisificação do ser humano e superexploração do meio ambiente.

Entretanto, faz-se necessário, primeiramente, situar a concepção de *sonho diurno* de que parto, construída a partir da reflexão da teoria dos autores basilares desta pesquisa: Paulo Freire, Ernst Bloch e Gaston Bachelard. Enfatiza-se a contribuição destes autores na reflexão e problematização da perspectiva utópica dos pescadores artesanais, no entendimento dos seus conflitos e imagens de felicidade que se inserem na vivência cotidiana de construção de suas utopias.

3. O SONHO ENQUANTO IMPULSO VITAL DO SER HUMANO



Figura 4: Pesca da corvina na Laguna dos Patos – Rio Grande - RS.
Fonte: Arquivo da Associação dos Pescadores Artesanais da Vila São Miguel.

Elogio do revolucionário

Quando aumenta a repressão, muitos desanimam.

Mas a coragem dele aumenta.

*Organiza sua luta pelo salário, pelo pão
e pela conquista do poder.*

Interroga a propriedade:

De onde vens?

Pergunta a cada idéia:

Serves a quem?

Ali onde todos calam, ele fala

*E onde reina a opressão e se acusa o destino,
ele cita os nomes.*

À mesa onde ele se senta

se senta a insatisfação.

À comida sabe mal e a sala se torna estreita.

Aonde o vai a revolta

e de onde o expulsam

persiste a agitação.

Bertolt Brecht

3. O SONHO ENQUANTO IMPULSO VITAL DO SER HUMANO

Em minha visão, “ser” no mundo significa transformar e retransformar o mundo, e não adaptar-se a ele. Como seres humanos, não resta dúvida de que nossas principais responsabilidades consistem em intervir na realidade e manter nossa esperança. (Freire, 2001, p. 36).

Pretende-se neste momento realizar uma reflexão a respeito do sentido da utopia na obra de Paulo Freire, Ernst Bloch e Gaston Bachelard, autores que constituem uma referência na construção da minha concepção de *sonho diurno* e de reflexão sobre uma Educação Ambiental libertadora como processo de aprendizagem necessário ao contexto da pesca artesanal. Neste sentido, procura-se estabelecer um diálogo que problematize os aspectos convergentes e divergentes em suas teorias, destacando algumas categorias de análise que estão inseridas no processo de construção dos *sonhos possíveis*: a dialetização dos atos de denúncia-anúncio; esperança; devaneio poético e imaginação criadora.

O objetivo não é partir da perspectiva de que existe um projeto ideal de Educação Ambiental que deve ser seguido, a intenção não é idealizar modelos educativos. A finalidade é procurar subsídios e referências para refletir uma perspectiva de Educação Ambiental voltada para a esperança a partir das contribuições dos autores citados, como também a partir da compreensão do processo de construção dos *sonhos possíveis* na experiência do trabalho cooperativo desenvolvido por uma associação de pescadores artesanais.

A escolha por estes autores está relacionada ao fato de representarem pensadores centrais na discussão do sentido da utopia na existência humana, uma vez que dedicaram importantes reflexões em suas teorias à problematização do seu significado, por vezes

também denominado sonho diurno. O sentido trabalhado por cada autor, expressa a relação com aquilo que ele vivenciou em um determinado momento histórico. Esta reflexão se faz imprescindível à medida que se apresenta como instrumento teórico necessário ao entendimento da vivência dos conflitos internos e das imagens de felicidade, de maravilhamento presentes no processo de construção dos sonhos diurnos dos pescadores artesanais cooperativados.

Os temas discutidos por estes autores expressam a importância de nos orientarmos no sentido de mantermos nossa esperança, de construirmos sujeitos de sonhos que desafiam o instituído e que vejam significado na luta pela construção dos projetos considerados irrealizáveis. Instigam-nos a pensar sobre os desafios que valem a pena serem enfrentados no caminhar da busca pelos sonhos possíveis. Salienta-se a questão da importância da manutenção da utopia como uma das urgências do nosso período, caracterizado pela carência de sonhos de um mundo mais humano, mais justo e fraterno.

A intenção não é repeti-los, mas compreendê-los e recriá-los, buscando uma reflexão crítica de suas teorias. O objetivo é refletir a rigorosidade dos seus pensamentos para, enfim, compreender o processo de construção dos sonhos diurnos que se desenvolvem no espaço de uma cooperativa de pescadores artesanais. A partir da problematização destas questões, procura-se enfatizar a potencialidade dos sonhos diurnos ou *sonhos possíveis* (como diria Paulo Freire), na construção de sujeitos utópicos e de práticas educativas que atuem a partir da perspectiva de que “mudar é difícil, mas é possível”. (Freire, 2000, p. 114). Ainda retomo as palavras de Freire para expressar a urgência da manutenção da utopia como desafio, como enfrentamento à concepção fatalista da realidade enfatizada pela ideologia neoliberal:

Para mim, a briga pela atualização do sonho, da utopia da criticidade, da esperança é a briga pela recusa, que se funda na justa raiva e na ação político-ética eficaz, da negação do sonho e da esperança. Não posso aceitar calado e “bem-comportado” que um bilhão de desempregados com quem o século se encerra sejam considerados uma pura fatalidade deste momento. Nenhuma realidade social, histórica, econômica é assim porque está escrito que assim seja. Enquanto presença na História e no mundo, esperançadamente luto pelo sonho, pela utopia, pela esperança (...). (Freire, 2000, p. 115-6).

A palavra utopia foi utilizada pela primeira vez em 1516, pelo escritor Thomas More em sua obra intitulada “*De optimo statu reipublicae deque nova insula Utopia*”, traduzido

como *Sobre o melhor estado de uma república e sobre a nova ilha de Utopia*. Sendo a sua obra literária mais divulgada, aborda a crítica à sociedade inglesa deste período: condena a vida de riquezas da nobreza e do clero, a política de expulsão dos camponeses de suas terras e a conseqüente concentração da propriedade fundiária, contrastando com o contexto de miséria e exploração da massa de trabalhadores. O livro apresenta uma sociedade imaginária, organizada de acordo com a propriedade comum dos bens, uma comunidade com ausência de conflito de interesses, que promove a justiça e a igualdade social.

O significado do termo *Utopia*, tal como empregado por Thomas More, incorporou-se ao sentido universal do senso comum, referindo-se a todo projeto de sociedade impossível de ser materializado, irrealizável, que somente está restrito ao plano do imaginário. Entretanto, este sentido comum do termo revela-se como limitado, uma vez que consiste em apenas uma das possibilidades de se pensar o fenômeno utópico. Sendo assim, o conceito de utopia ampliou o seu significado quando empregado pelos filósofos Gaston Bachelard e Ernst Bloch.

Ernst Bloch concedeu especial atenção à utopia em diversas de suas obras, sendo a sua principal *O Princípio Esperança*, de 1950. Na sua concepção, a utopia se expressa como força de transformação, alicerce da esperança crítica, apresenta-se como dimensão ontológica do ser humano. Está presente na história da humanidade, na concretização das utopias sociais, econômicas e religiosas, manifesta-se na pintura, na poesia, na música, no teatro e na arquitetura.

A utopia na perspectiva de Gaston Bachelard é enfatizada enquanto sonho diurno, como produto da imaginação criadora, que potencializa e antecipa imagens de desejo de um mundo melhor. Assim, constitui inquietude, anseio, expectativa, imagem e pensamento maravilhoso da mente do ser humano. De acordo com este filósofo, podemos sonhar imagens de paz e tranqüilidade com o auxílio dos poetas, dos músicos e dos pintores, em especial, dos surrealistas; lembrando as imagens de infância; estabelecendo um contato íntimo e integrador com os elementos que constituem a natureza do ser humano – água, terra e fogo, ressignificando a nossa relação com o meio ambiente.

Portanto, busca-se à luz dos autores citados, refletir o sentido da utopia como uma das urgências nos dias atuais, e a obra de Freire, em especial, mostra-se de grande relevância à medida que traz reflexões de um educador que vivenciou a realidade de exploração na América Latina. Desse modo, ressalta-se a importância da sua vivência enquanto educador popular comprometido com uma pedagogia utópico-libertadora.

O significado do termo utopia concreta presente na concepção de Bloch, assemelha-se ao sentido da utopia crítica do educador Paulo Freire. Frente ao contexto de incertezas da vida

moderna, insegurança e precarização do trabalho, aumento da desigualdade social, exploração do ser humano e do meio ambiente, enfatiza-se o grande valor do trabalho de Freire na atualidade, enquanto militante e educador crítico. Destaca-se que a concepção de sonho em Freire está intimamente relacionada à necessária busca de um conhecimento crítico sobre a realidade e mobilização de práticas transformadoras das condições opressoras de nossa sociedade.

Assim, reivindica-se a necessidade de uma reflexão crítica sobre a importância deste tema na atualidade frente aos discursos fatalistas neoliberais, bem como o imperativo da manutenção da utopia como processo transformador fundamental a uma pedagogia que se pretenda libertadora e que alcance tanto a escola, quanto os demais espaços educativos de formação do ser humano. Através destas reflexões, reitero um dos aspectos de grande importância na obra destes autores: a perspectiva de valorizar a construção do sonho, da esperança crítica e da imaginação criadora nos espaços educativos que compõe a vida do ser humano.

3.1. A carência como raiz da esperança nos homens

Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer a história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no sonho também um motor da história. Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança. (Freire, 1992, p. 91).

Sonhamos a todo instante, não somente à noite, mas também durante o dia. Sonhamos porque desejamos algo, porque somos incompletos, e a consciência desta falta constitui desejo

e vontade que determina o ser humano a reagir, a buscar: caracteriza a existência humana como possibilidade. Negando o conceito de realidade engessada do positivismo, reconhece-se esta como processo dinâmico, como espaço aberto e incerto e não como faticidade absolutizada.

Do mesmo modo, assim como que pelo mundo exterior circula o possível, o interior humano também não está completo, estanque. Neste sentido, interior e exterior se apresentam como universos modificáveis, como contextos de emergência de possíveis, como espaços do poder-vir-a-ser inconclusos: as antecipações do imaginário utópico estão imbricadas no processo da realidade, em seu dinamismo, constituindo-se como base para a reelaboração e encantamento do próprio real.

Assim, o homem é a possibilidade real de tudo o que ele tem sido na sua história e principalmente de tudo o que ainda pode vir a ser no caso de um progresso sem entraves. Ele é, portanto, uma possibilidade que não está, como um fruto, esgotada na realização concluída do carvalho, mas que ainda não chegou à maturação de suas condições, de suas condicionantes tanto internas quanto externas. (Bloch, 2005, p. 232).

A utopia está relacionada a uma urgência que, primeiramente vaga e indefinida, ambiciona um almejar. Este almejar passa a ser um ansiar quando o ser humano se movimenta direcionando o ato de buscar. Este sentido determinado de busca é denominado por Bloch como *pulsão*, o qual pode ser apresentado com significado semelhante ao conceito de necessidade:

Ele sempre busca preencher, mediante algo exterior, um vazio, algo de que carece o almejar e ansiar, algo que falta. Esse algo diferenciado, compreendido como o pão ou a mulher ou o poder e assim por diante, é o que subdivide o movimento direcionado para um alvo nas suas diferentes pulsões. (Bloch, 2005, p. 50)

O ser humano se diferencia dos outros animais pelo fato de, através da imaginação, antecipar aquilo que se deseja, definir a concepção do melhor a ser consumado, enquanto que no restante dos outros animais, o ato de desejar está direcionado a algo momentâneo ligado ao instinto, à necessidade de sobrevivência como, por exemplo, o estímulo do apetite. Portanto, no humano o desejar é estimulado pela imaginação de algo melhor, tornando-se um ideal.

Entretanto, o desejo, apesar de impaciente, ainda se constitui como algo passivo, identificando-se com o ansiar. O ser humano pode desejar, ansiar por algo em que a vontade nada pode contribuir para o querer-fazer, desde os desejos completamente irracionais, até aqueles que não incluam o mover-se para o querer-fazer, ou o desejo direcionado para diversas coisas, mas que a escolha compreende somente o querer de uma delas. Esta seria uma característica humana do desejar sem um querer-fazer.

O ato de desejar constituindo-se como algo passivo, não pressupõe trabalho ou atividade, limita-se apenas à vontade por algo que não pode mudar, diferencia-se, portanto, do querer-fazer, já que este pressupõe ação, movimento, mudança, atividade. Entretanto, apesar do desejar existir se que haja um querer-fazer, condiciona-o, direciona e precede o querer.

As pulsões estão ligadas às necessidades do sujeito, às suas carências, mas apesar de preservar a maioria das pulsões animais, o ser humano gera outras, algumas caracterizadas como obsessões abstratas, impulsionadas pela sociedade capitalista, necessárias à extração máxima do lucro, conforme coloca Bloch:

Os novos objetos despertam cobiças e paixões de uma orientação diversa, das quais até ontem ninguém intuía nada. Por exemplo, a pulsão de aquisição, ela própria aliás adquirida, alcançou uma amplitude totalmente desconhecida em épocas pré-capitalistas. Até mesmo a libido sexual é por ela obliterada de muitas maneiras. Igualmente muito recente é a obsessão pelo recorde na sociedade capitalista tardia, assim como a obsessão tecnicista e vazia pela velocidade sempre maior, que se configurou a partir dos veículos motorizados. (Bloch, 2005, p. 53).

Existem pulsões que são fundamentais ao ser humano, que configuram os seus desejos, mas que de modo algum são acabados e unânimes. Desde as pulsões sexuais e do ego, referindo-se a Freud, até aquelas que emergem do próprio estilo de vida capitalista, nenhuma das pulsões se apresenta como estática. Assim, Bloch destaca como aspecto fundamental e intrínseco ao ser humano, a pulsão de autopreservação, como impulsionador da existência do humano, sendo a *fome* a sua expressão mais concreta. Esta seria, de acordo com Suzana Albornoz (1985, p. 68), a base antropológica do pensamento blochiano sobre os sonhos diurnos: “(...) o homem como um ser impulsivo cujo instinto básico de auto-conservação o impele a saciar sua fome sempre nova (...)”.

A fome constitui a raiz da esperança dos homens, provocada pela carência de algo, impulsiona o movimento constante de busca e exploração de possibilidades. Este permanente sentido e consciência desta carência, da falta, do vazio, caracterizam o inacabado, o

incompleto no ser humano, como ser que necessita, que deseja e procura o sentido para ser mais. Por isso, existe a fome não somente de busca do alimento, mas também a fome intelectual, de alegria, de prazer, erótica e afetiva.

Esta busca pelo *ser mais* é vocação ontológica do ser humano, uma vez que está permanentemente disposto a aprender e saber, a interrogar, a buscar, a criar. Em Paulo Freire, o sentido da busca pelo *ser mais* está relacionado à necessidade histórica de humanização dos oprimidos frente à condição de desumanização a que se vêem submetidos. A opressão existe quando é negado este direito aos humanos de *serem mais*.

Em Bachelard o ser humano procura o sentido para *ser mais* através do devaneio poético: por meio das imagens de um universo sonhado ele busca um engrandecimento e repouso do seu ser e um maravilhamento diante da vida. O devaneio poético é um momento desestabilizador, pois nos inquieta em face do mundo real: “Somos então jogados no mundo, entregues à inumanidade do mundo, à negatividade do mundo, o mundo é então o nada do humano. As exigências de nossa *função do real* obrigam-nos a adaptar-nos à realidade, a constituir-nos como uma realidade, a fabricar obras que são realidade”. (Bachelard, 1988, p. 13). Portanto, as exigências da função do real negam ao humano o direito de *ser mais*, pois o instituído procura reafirmar algo que é inumano, que seria a negação da possibilidade de ainda podermos sonhar. Para romper com esta adaptação ao mundo real é necessário recuperarmos a nossa capacidade de sonhar, reaprendermos a sonhar. Será preciso encontrar nos nossos devaneios poéticos a substância da nossa felicidade, a beleza do mundo, o bem-estar do nosso ser.

Os pescadores estão vivenciando este processo de busca pelo direito de *serem mais* através do trabalho cooperativo, uma vez que a exploração realizada pelos comerciantes intermediários³ e pelas indústrias lhe negava este direito de poderem sonhar com uma condição melhor de vida. A organização e mobilização destes trabalhadores em forma de cooperativa representa a negação, uma ruptura com essa condição de desumanização, situação esta percebida em várias gerações de pescadores artesanais da cidade do Rio Grande. Percebe-se que a condição de explorador e explorado é herdada, ou seja, a relação entre o comerciante intermediário e o pescador respectivamente, é passada de pai para filho. Um pescador expressa a busca e vivência desse sonho de extrapolar essa relação de dependência com os comerciantes intermediários e alcançar o sonho de independência profissional: “O sonho é

³ Neste trabalho, reportamo-nos aos atravessadores a aos comerciantes intermediários como sendo o mesmo ente que estabelece a relação comercial com os pescadores artesanais, comprando o seu produto pesqueiro, geralmente quando os pescadores desembocam nas margens da Laguna dos Patos, e o repassando à indústria e a estabelecimentos comerciais.

nós conseguirmos fazer esse ano de pegar o nosso produto e vender junto mesmo, estocar junto, comercializar ele junto, agregar valor a ele e esse valor retornar para nós, não muitos enriquecer poucos que nem acontece a vida toda do pescador e sim, todos saírem beneficiados com o que fazem, com o que pescam, com o que ele colhe e isso é um sonho nosso hoje, tenho certeza não só meu, mas de todo mundo que está aí, é mostrar que esse trabalho coletivo, tipo cooperativa ou associação é a nossa saída hoje, (...) o atravessador hoje só trabalha porque ele ganha muito, não para manter as famílias de pescadores, ele não pensa nisso não”.

Decretar a falência do sonho e da esperança é negar a condição da existência humana de *ser mais*, é negar a sua essência, entendendo essência como aquilo que é essencial, prioritário à existência de uma vida plena, como coloca Cortella (2007, p. 31): “Essencial é tudo aquilo que posso ser, que está germinando no indivíduo, que lhe dá plenitude. Por exemplo, a amorosidade, a liberdade, a sexualidade, a religiosidade, a amizade, a fraternidade, a solidariedade. Isso é essencial”. Acrescendo ainda às palavras de Cortella, a essencialidade do sonho e da esperança.

De todas as pulsões básicas do ser humano, a fome, como pulsão fundamental da sua autopreservação, possui um interesse revolucionário, pois não sendo seu desejo satisfeito, ela se renova, transforma-se em seu conteúdo emancipatório, isso é o que Bloch denomina de auto-expansão dos afetos expectantes: “O corpo-eu torna-se rebelde, não vai mais em busca de alimento apenas nos moldes antigos: ele procura modificar a situação que ocasionou o estômago vazio, a cabeça baixa. O não ao ruim existente e o sim ao melhor em suspenso são acolhidos pelos carentes no interesse revolucionário”. (Bloch, 2005, p. 77-8). Desse modo, toda carência possui uma função ativa, formadora de sonhos diurnos.

Toda utopia representa um processo que se encontra alicerçado em sentimentos e afetos que buscam em movimento e em ampliação, nunca de maneira definitiva, a conservação do homem, a busca de condições mais adequadas ao si-mesmo. Assim, Bloch se refere ao caráter utópico dos afetos expectantes dos seres humanos, pulsões emocionais movidos pelo almejar, pela ação intencional, pela esperança de algo, tais como o medo, a angústia, a fome e a esperança, porém afirma que: “O afeto expectante mais importante, o afeto do anseio, portanto o auto-afeto por excelência, continua sendo constantemente a esperança, pois os afetos expectantes negativos da angústia e do medo são totalmente passivos, oprimidos, presos, não obstante toda a repulsão que exercem”. (Bloch, 2005, p. 77).

Entretanto, a construção dos sonhos despertos também parte dos sentimentos de medo, angústia e desespero. É neste sentido que se encontra a sua dimensão positiva destes afetos: o

sonho desperto é construído como enfrentamento a situações e contextos angustiantes e desesperadores.

A *esperança* como expressão do mundo dos afetos expectantes possui o almejar de um futuro autêntico, ou seja, um futuro como ocorrência do que ainda não existiu. O caráter antecipatório de sua intenção inclui a referência de um objeto que não está acessível no plano imediato ao sujeito que sonha, situando-se para além do que é palpável na realidade. Os sonhos diurnos, portanto, constituem processo que envolvem a construção do afeto esperança que, para além de sentimento, constitui elemento fundamental ao reconhecimento das possibilidades do ainda-não-ser, fundamento orientador da práxis transformadora no presente.

O sentimento de esperança constitui o alicerce da cooperativa de pescadores artesanais, é o que move a sua construção no cotidiano, é o que dá sentido à sua existência. A construção diária do sonho da cooperativa, as reuniões das assembléias, o diálogo entre os trabalhadores, a busca pela superação dos conflitos devem ser movidos pela esperança, do contrário, a existência da cooperativa não teria sentido em suas vidas. Assim, observa uma trabalhadora que é membro da cooperativa: *“(...) não adianta a gente chegar e montar a estrutura toda, deixar prontinho, se a gente não tiver quem trabalhe e quem acredite nesse projeto, quem queira se envolver, quem queira fazer, aí não adianta, nós temos exemplos de uma estrutura em Panambi, em que foi [investido] em torno de um milhão de reais, tem dois caminhões dentro e está parada, (...) nós não conseguimos toda a estrutura, mas nós temos bastante gente interessada (...)”*.

O ser humano como indivíduo de relações constrói a sua utopia em conjunto com outros sujeitos, mesmo os sonhos de natureza individual, buscam a exterioridade de sua interioridade. Toda utopia projeta um exterior de uma vida melhor, em que muitos outros são incluídos e isto caracteriza a amplitude humana, a sua tendência para o outro e para ser mais: “Nos sonhos diurnos, os ideais assumem forma exterior imediatamente, num planejado mundo melhor ou ainda num mundo esteticamente elevado, sem desilusão”. (Bloch, 2005, p. 95).

Entretanto, os sonhos de natureza individual estão em permanente conflito com os sonhos coletivos. O pescador artesanal possui seus sonhos individuais que, em certos momentos, não estão de acordo com os sonhos coletivos almejados pela cooperativa. Portanto, ocorre um conflito entre os sonhos individuais e os sonhos coletivos, bem como um conflito de valores e interesses entre os princípios de liberdade individual afirmados pela ideologia neoliberal e os princípios necessários ao sonho coletivo da cooperativa: a solidariedade e cooperação enquanto valores fundamentais ao funcionamento de um trabalho

coletivo entram em contradição com os valores que buscam afirmar a supremacia do individualismo, do lucro e da desunião na sociedade moderna.

Os pescadores artesanais vivenciam esse conflito de maneira interessante: o desejo de prosperarem enquanto empresários do ramo de pescados realizando, através da cooperativa, desde a captura do produto até a sua comercialização, gera um conflito nas relações entre os sócios da cooperativa e os pescadores artesanais que não são membros do empreendimento, mas que trabalham para ele, vendendo o seu produto. Além disso, ocorre um conflito entre os princípios da economia solidária popular, os objetivos almejados pelos pescadores e a sua possibilidade de concretização. Assim, questionamos: Como prosperar enquanto empresários sem explorar o pescador artesanal que não é sócio da cooperativa? Como trabalhar coletivamente respeitando as opiniões, escolhas e interesses individuais? Como construir sonhos coletivos sem renunciar aos sonhos individuais? Portanto, apresentamos estes questionamentos como conflitos vivenciados pelos pescadores que construíram esta associação e que serão problematizados ao longo do texto desta investigação.

A dimensão utópica associa o maravilhamento do mundo, da natureza humana, ao concreto e ao antecipatório. A consciência da carência de algo aliada ao possível esboçado pelo imaginário constituem a *consciência antecipadora*. Tanto a arte, quanto a ciência, antecipam no âmbito da imaginação os pressupostos de possibilidades de perfeição do mundo e, desse modo, o ser humano somente consegue ampliar a sua compreensão do real, visualizando de maneira antecipatória, paisagens e situações idealizadas pela sua imaginação.

A dimensão utópica da consciência antecipatória ultrapassa o real existente, problematizando-o, simplesmente por que a consciência não significa apenas reflexo do que existe na realidade, sendo também reflexiva da realidade. Assim, a imaginação criadora ao expressar utopias, é libertadora do imediatismo do presente, é motivadora e exploradora de possibilidades.

A dimensão utópica pretende a melhoria do mundo, necessita exteriorizar as possibilidades de maravilhamento imaginadas, mas também estas imagens pensadas e refletidas na natureza individual do sujeito pretendem a sua realização. Ou seja, o vislumbre da possibilidade de realização de seus ideais é a única razão que conduz o ser humano ao movimento do querer-fazer. Assim, uma das características da consciência utópica é a vontade de ir até o fim.

Por mais que o seu interior ainda não tenha se exteriorizado neste fato: ele não possui o que é seu, antes o procura e o imagina do lado de fora,

portanto, ele tem fome. E o exterior, que o subjetivo procura agarrar, ao menos tem de estar postado de tal maneira que seja possível tentar agarrá-lo.(...). Mas assim ainda lhe resta algo em aberto; o seu urgir, desejar, fazer têm espaço. O que não é ainda pode vir a ser; o que é realizado pressupõe coisas possíveis na sua matéria. Há, no homem, esse elemento aberto, e ele é habitado por sonhos, planos. (Bloch, 2005, p. 283-4).

O sonho diurno se move em meio aos afetos expectantes, é impulsionado por eles, mas existem aqueles afetos que possuem uma intenção expectante negativa em relação à autopreservação, como a angústia e o medo. A angústia possui como horizonte um futuro que tem algo indefinido como expectativa, o não decidido pelo seu objeto, e o medo está associado, muitas vezes, ao conhecimento da direção de uma experiência anterior, pressupõe uma intenção expectante negativa. Ou seja, o sonho diurno pode provocar estados de ânimo relacionados tanto ao atordoamento e ao desespero, quanto ao maravilhamento e deslumbramento.

Mas tanto o medo quanto a esperança incluem a incerteza quanto ao que pode ocorrer, entretanto, a esperança não gera a preocupação passiva do medo, nem a expectativa anulada da angústia e do desespero, antes reúne o perigo que superou o medo e a fé que desenvolve a confiança: “Desse modo, a esperança é, em última análise, um afeto prático, militante. Ela desfralda bandeiras. Quando da esperança surge a *confiança*, então está afetiva ou praticamente presente o *afeto expectante que se tornou absolutamente positivo*, o pólo oposto do desespero”. (Bloch, 2005, p. 114).

Porém, o medo e o desespero podem ser percebidos enquanto afetos que impulsionam o humano a construir uma outra referência de felicidade, incitam-no a buscar elaborar possibilidades de maravilhamento e espanto diante da vida. Portanto, o ato de sonhar também parte de um medo, de uma situação desesperadora.

Os pescadores artesanais construíram a cooperativa a partir de uma situação desesperadora, de busca pela sobrevivência. Os seus sonhos de busca por uma vida melhor foram movidos pelo medo de desaparecerem enquanto categoria social, pelo medo da impossibilidade de poderem sobreviver do ofício que herdaram de seus familiares e aprenderam a gostar de realizá-lo. Desse modo, procuraram a partir desse medo e vivência de uma situação de exploração desesperadora partir para a construção dos *sonhos possíveis* que possibilitassem enfrentar esse medo e esse contexto de dependência em relação ao atravessador, por esse motivo, fundaram uma cooperativa, como afirma um pescador artesanal: “O problema da montagem da cooperativa, no caso de trabalhar em grupo o

pescador, isso já se tinha idéia de outros municípios em anos anteriores, e o que a gente sentia e até mesmo ouvia desses outros municípios, é que a cooperativa era uma forma de nós nos liberarmos do atravessador, dentro das próprias comunidades em que a gente vive, como o pescador é muito acomodado, o quê acontece, vem de avô para pai, de pai para filho, e continua o mesmo sistema, sendo sempre explorado, não tem acesso à indústria, não tem acesso ao mercado e se tu quiser vender o teu peixe e um melhor produto, essa é uma das alternativas que nós vínhamos já colocando em idéias na cabeça (...)". Assim, acrescento à observação de Bloch, que o sentimento do medo e desespero também possuem uma dimensão positiva no processo de construção dos *sonhos despertos*.

Em Paulo Freire a esperança é o exercício da aprendizagem política de comprometer-se com um projeto utópico. Esta é a esperança combativa e confiante, a esperança do verbo *esperançar* e não a esperança do verbo *esperar*: "(...) a esperança não consiste em cruzar os braços e esperar. Na medida em que lute, estou amadurecido para a esperança. Se combato com a esperança, tenho o direito de confiar". (Freire, 1980, p. 84).

No livro *Pedagogia da Indignação*, Freire relata uma experiência de formação de uma cooperativa no nordeste do Brasil e sua percepção acerca do processo de aprendizagem imbricado em suas práticas: "Venceram um medo. Aprenderam mais um saber: o valor da União. Juntaram-se mais. Intensificaram a solidariedade. Inventaram a esperança necessária". (Freire, 2000, p. 105). É este o sentido da esperança levada a cabo pelos pescadores artesanais que organizaram a cooperativa. Através deste projeto estão levando uma mensagem de esperança a todos aqueles trabalhadores do mar que durante toda a sua vida foram explorados pelos comerciantes intermediários, chamados de "atravessadores" e pelas indústrias da cidade do Rio Grande. Constitui, por esse motivo, projeto inquietador, fundamentado na esperança e no otimismo de sua práxis. E este projeto somente tem sentido para estes trabalhadores porque existe a esperança de que a suas vidas irão melhorar, como coloca um dos sócios: "(...) o sonho é de tentar sempre melhorar, para mim e para os meus filhos termos uma vida boa no caso, e a perspectiva de entrar na associação é de talvez ter esse sonho [realizado], alguma chance de amanhã ou depois não depender de nada, ficar quase por conta, ficar livre, não ser empregado de ninguém, estar trabalhando para ti mesmo, no caso, eu acho que tem tudo para dar certo (...)". É esta esperança que deve ser alimentada permanentemente, a esperança que encoraja a luta pela busca e concretização dos sonhos possíveis. Salienta-se, portanto, a condição da necessidade de nós alimentarmos e educarmos a nossa esperança. Este é um grande desafio da educação e dos projetos comunitários.

3.2. Utopia enquanto dialetização dos atos de denúncia-anúncio

Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos que saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos. (Freire, 1979, p. 33).

Problematizar o significado do termo *utopia* na obra de Paulo Freire, certamente, significa refletir, mais do que o sentido teórico que o próprio termo apresenta, a trajetória de um educador popular que vivenciou junto às classes oprimidas o sonho coletivo de mudança das condições de desumanização da nossa sociedade. O sentido da sua postura e visão de mundo, do compromisso assumido política e afetivamente está intimamente relacionado com a sua trajetória de vivência com os oprimidos: daí que essa vivência permitiu o conhecimento das condições de desumanização de povos do terceiro mundo, experiências que possibilitaram a reflexão das contradições da realidade em que vivemos, que despertaram o sentimento de indignação contra todo tipo de injustiça - componente fundamental na busca de inéditos-viáveis.

Assim, a trajetória de Paulo Reglus Neves Freire fundamenta a sua visão de educação libertadora. Desde sua infância com dificuldades em Jaboatão, passando pela sua formação pedagógica no Serviço Social da Indústria (SESI), sua convivência com educadores de escolas primárias em Recife, seu trabalho nos bairros da periferia como educador popular de crianças e adultos no Movimento de Cultura Popular de Pernambuco, até o seu exílio na Bolívia e, logo depois no Chile, constituíram-se em experiências consolidadoras do seu pensamento e de sua compreensão sobre a realidade da América Latina. Sobre o papel do exílio na sua formação, Freire faz a seguinte reflexão: “O exílio foi o último período de meu desenvolvimento na pedagogia e na política, para a minha compreensão da política da educação. (...). É impossível que alguém esteja exposto a tantas culturas e países diferentes, numa vida de exílio, sem que aprenda coisas novas e reaprenda velhas coisas”.(Freire, 1987, p. 43). Nestas vivências, portanto, encontra-se a essência do entendimento de *sonho possível*, de esperança com luta, elaborados por este educador.

Assim, enfatiza-se que é somente conhecendo as condições de opressão e exploração que se pode perceber a importância do processo de conscientização, de denúncia das injustiças e anúncio de inéditos-viáveis. Paulo Freire salienta na sua obra *Conscientização: teoria e prática da libertação* que a percepção da importância da necessidade de superação de uma realidade opressora passa pelo imperativo do reconhecimento dessa luta por parte dos oprimidos, através da percepção das contradições de sua situação existencial. A mobilização pela busca do inédito-viável emerge, portanto, deste conhecimento crítico da realidade e do compromisso da luta com a criação das condições sociais que possibilitem a concretização do inédito-viável.

A educação deve ter como elemento permanente o ato da pesquisa, quer seja, o da constante investigação, questionamento e reflexão crítica da realidade: processo que envolve a relação dialética entre a leitura do mundo (neste sentido, o conhecimento crítico do contexto de realidade em que o sujeito está inserido como processo permanente e inacabado) e a minha ação sobre o mundo.

Em relação à pesca artesanal, o processo de denúncia-anúncio passa pelo imperativo da necessidade de se perceberem como categoria social explorada e expropriada dos recursos e benefícios necessários a uma vida digna. Este trabalhador precisa rejeitar e se indignar com a sua condição de vida injusta.

Partindo desse processo de percepção crítica da realidade em que está inserido, o pescador artesanal necessita construir as condições sociais que rompam com o que está instituído e que possibilitem vislumbrar um horizonte utópico de possibilidades de mudanças da sua situação de exploração. É neste contexto que se insere a Educação Ambiental enquanto mediadora deste processo de busca de inéditos-viáveis.

O processo de construção de utopias passa pelo imperativo de conhecer e ultrapassar as *situações-limites*: refletir e engajar-se num movimento de superação das barreiras que tornam inviáveis a concretização dos sonhos. Ou seja, os pescadores artesanais devem permanentemente refletir a sua realidade de exploração, procurando reconhecer que a sua ação nesse contexto é fundamental para a permanência ou mudança desta situação. Assim, perceberem-se também como co-responsáveis na construção dessa realidade.

Quando nos remetemos à categoria *sonho* em Freire, não podemos deixar de refletir a expressão *inédito-viável*, intrinsecamente relacionada à concepção libertadora de educação. O inédito-viável é expressão das alternativas e projetos voltados para o campo das possibilidades, constrói-se a partir da práxis humana. Constitui desafio, compromisso

histórico, sonho coletivo e possibilidade de transformação. Expressa sonhos, valores, aspirações, medos e desejos.

Dessa forma, o sentido do conceito de utopia na obra de Freire ultrapassa o significado relacionado ao senso comum: não constitui projeto irrealizável, mas sim, processo transformador e mobilizador, que envolve a relação dialética entre conhecimento crítico e práxis social.

A utopia exige o conhecimento crítico. É um ato de conhecimento. Eu não posso denunciar a estrutura desumanizante se não a penetro para conhecê-la. Não posso anunciar se não conheço, mas entre o momento do anúncio e a realização do mesmo existe algo que deve ser destacado: é que o anúncio não é anúncio de um ante-projeto, porque é na práxis histórica que o anteprojecto se torna projeto. É atuando que posso transformar meu anteprojecto em projeto (...). (Freire, 1979, p. 28).

Assim, os pescadores artesanais necessitam problematizar a realidade de exploração que vivenciam, desvelando as situações-limites que precisam ser enfrentadas na concretização dos sonhos possíveis. Para isso, necessitam ultrapassar a visão mágica e fatalista da realidade, ou seja, precisam perceber que a situação em que se encontram inseridos não é fruto da vontade de Deus ou do destino, mas resultado de um modo de organização da sociedade baseado no lucro e em relações de trabalho exploradas.

Percebe-se que religião tem um papel de grande influência na elaboração da visão de sociedade destes trabalhadores. Ainda nos dias de hoje, uma das principais funções da igreja nas comunidades pesqueiras é possibilitar a integração das famílias, principalmente naquelas que se encontram no entorno da Laguna dos Patos. Além disso, a igreja desempenha a função de também integrar as pessoas da comunidade à escola, através da organização de gincanas, procissões, campanhas assistencialistas e festas dos santos. As lideranças políticas locais utilizam a igreja como um meio para uma aproximação, ligação e identificação com a comunidade pesqueira, com o objetivo de poderem perpetuar seus interesses e poder paternalista.

Ocorre que a comunidade pesqueira deve reconhecer que os seus interesses são antagônicos aos dos setores dominantes da cidade, referindo-se às indústrias, aos comerciantes intermediários e a algumas lideranças políticas locais. Através da compreensão crítica da sua realidade e das relações históricas que os constituem, a partir do engajamento e construção coletiva do conhecimento, os pescadores artesanais podem propor alternativas,

construir possibilidades fundadas numa proposta pedagógica de participação, comprometimento e intervenção na sua realidade. Mas isso significa um processo complexo que deve insurgir a partir da própria comunidade, de seus interesses, valores, sonhos, objetivos e necessidades, e não de fora para dentro a partir da aplicação de teorias, conceitos e soluções desvinculadas de sua experiência histórica. Este, inclusive, é um erro cometido por muitos projetos do governo e de universidades.

Por isso, as alternativas para os problemas das comunidades devem ser construídas não a partir da elaboração e aplicação de teorias e metodologias desvinculadas de seus anseios e de sua história, mas deve partir da experiência de vida dos próprios pescadores artesanais. A necessidade de construir as possibilidades de mudança deve partir do entendimento da sua importância pela própria comunidade, constituindo-se como um processo educativo, de conscientização, participação, comprometimento e construção coletiva do conhecimento.

Estas podem ser as condições para que se construa o inédito-viável. De acordo com Freire, o inédito-viável é expressão da potencialidade da imaginação criadora, a qual, a partir da leitura crítica do mundo, elabora imagens do amanhã, imagens de esperança de um mundo melhor. Por esse motivo, a utopia na concepção freireana, necessita da criatividade transformadora da imaginação para conjecturar o projeto do sonho possível, a ser concretizado pela ação política. O papel da imaginação criadora na realização dos sonhos possíveis, Freire salienta neste trecho a seguir:

Com a invenção da existência que mulheres e homens criaram com os materiais que a vida lhes ofereceu, se lhes tornou impossível a presença no mundo sem a referência a um amanhã. A um amanhã ou a um futuro cuja forma de ser, porém, jamais é inexorável. Pelo contrário, problemática. Um amanhã que não está dado de antemão. Preciso de lutar para tê-lo. Mas preciso de ter dele também um desenho enquanto luto para construí-lo como o operário precisa do desenho da mesa na cabeça antes de produzi-la. Este desenho é o sonho porque luto. (Freire, 2000 p. 43).

A luta pela concretização de inéditos-viáveis deve ser movida com esperança, com otimismo crítico. O ser humano sonha com esperança quando existe confiança e crença na potencialidade da sua capacidade de criação e realização.

Os pescadores artesanais, sujeitos desta pesquisa, jamais se uniriam através da organização de uma cooperativa se, do contrário, não existisse fé, crença e confiança em seu projeto, ou seja, o sentido de construção dos *sonhos possíveis* está relacionado à expectativa,

ao desejo que se projeta para a perspectiva de concretude no futuro. Esta expectativa confiante constitui a *esperança*.

Esta esperança em relação à possibilidade do pescador artesanal associado construir sua independência constitui uma ameaça à perpetuação do poder dos comerciantes intermediários e das indústrias: “(...) *tem aquele outro pescador que já está tendo uma outra consciência diferente, está vendo que é viável trabalhar sem esta dependência [com o atravessador], que é nosso associado, e isso incomoda [os comerciantes intermediários], porque eles querem todos dependendo deles, e de repente um associado vai em outro e começa a falar e de repente muda a cabeça [desse pescador], então, a gente encontrou muita resistência para comercializar nosso produto, até que eles se deram por conta que não adiantava, que eles, [os atravessadores], iriam ter que conviver com a associação, aí a relação começou a ficar mais amena (...)*” (trabalhadora da cooperativa).

A experiência da esperança é manifestada no cotidiano da organização e luta coletiva dos pescadores artesanais: alimentam a esperança de uma vida melhor diariamente através do trabalho cooperativo. É na rotina das assembléias para discutir sobre a venda e a partilha dos lucros, é na vivência dos problemas enfrentados e discutidos coletivamente que estes trabalhadores vivenciam a experiência de construção dos sonhos possíveis.

Porém, não se pode negar a existência da desesperança como elemento presente na construção dos sonhos da existência humana, característica de toda visão e ação pessimista e imobilizadora, expressa uma percepção fatalista da realidade e postura passiva diante das situações-limites: “(...) a desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo onde não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo”. (Freire, 1992, p. 10).

O desesperançado não acredita na capacidade do humano de *ser-mais*, age como se a realidade estivesse dada e acabada, como se as suas decisões e escolhas não implicassem em consequências no fazer histórico. Assim, afirma o autor: “(...) sem sequer poder negar a desesperança como algo concreto e sem desconhecer as razões históricas, econômicas e sociais que a explicam, não entendo a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho”. (Freire, 1992, p. 10). Mas acreditar que uma percepção otimista e esperançosa da realidade já basta para uma educação libertadora é ingenuidade, pois é na práxis que a esperança se torna concretude histórica.

No livro *Pedagogia da Indignação*, Freire cita os *contra-sonhos* como um processo que integra o movimento de construção dos sonhos possíveis. Refere-se aos contra-sonhos como a visão colonial de sociedade que entra em conflito com qualquer projeto que pretenda a

luta pela mudança dos aspectos tradicionalmente basilares da estrutura da sociedade brasileira, como a educação bancária, o latifúndio e a exploração do povo como mão-de-obra barata. Constituem compreensões da realidade impregnadas de ideologias, preconceitos e interesses de classe, que confrontam com o sonho do projeto de educação libertadora, pois pretendem a manutenção do imobilismo conservador:

Mas o que é preciso deixar claro é que o atraso imobilizador não é um estranho à realidade. Não há atualidade que não seja palco de confrontações entre forças que reagem ao avanço e forças que por ele se batem. É neste sentido que se acham contraditoriamente presentes em nossa atualidade fortes marcas do nosso passado colonial, escravocrata, obstaculizando avanços da modernidade. São marcas de um passado que, incapaz de perdurar por muito mais tempo, insiste em prolongar sua presença em prejuízo da mudança. (Freire, 2000, p. 54).

Esse processo se percebe no espaço de produção da pesca artesanal quando ainda ocorre resistência por parte de muitos pescadores em aderir a projetos que pretendem romper com a relação de dependência que estabelecem com o intermediário da compra do pescado, denominado por eles como “atravessador”. Este intermediário tem a função de repassar o produto do pescador à indústria, comprando o pescado a um preço mínimo que não cobre nem os custos com a sua produção por parte do trabalhador artesanal. Neste repasse à indústria o “atravessador” obtém um alto percentual lucrativo.

Esta relação de dependência ocorre porque o intermediário possui tecnologia para estocagem e condições adequadas para transporte do produto à indústria, como câmaras frigoríficas e caminhões refrigerados. O pescador, portanto, fica submetido a uma situação em que se vê obrigado a vender o pescado pelo preço determinado pelo atravessador, pois, do contrário, pode perder o produto que é altamente perecível e ter prejuízos. Ainda assim, estes compradores intermediários realizam um assistencialismo dentro destas comunidades, já que auxiliam o pescador em tempos de safras frustradas ou realizando empréstimos para a compra de combustível e equipamentos que eles necessitarem.

Para estes pescadores artesanais aderirem, por exemplo, à formação de uma cooperativa e extrapolar estas relações de dependência significa alterar um modelo de processo de trabalho explorado que sempre foi predominante na cidade do Rio Grande. Mas

esta é uma reflexão que não deve permear somente a análise da figura do pescador, mas o papel das outras instituições da sociedade como um todo neste sentido.

A cidade do Rio Grande não possui tradição na formação de cooperativas de pescadores, por esse motivo, esta experiência que a presente pesquisa procura compreender corresponde a um projeto pioneiro, por isso é tão importante, pois significa uma transformação no processo de trabalho desta profissão. O pescador artesanal não pode aceitar passivamente este contexto de exploração que vem se perpetuando ao longo da história. Por isso, organizar a formação de uma cooperativa de pescadores e romper com as relações opressivas de dependência em relação ao comprador intermediário significa revolucionar as relações de trabalho no âmbito da pesca artesanal na cidade do Rio Grande.

Entre tantas pedagogias, qualquer que seja, a da esperança, do oprimido, da autonomia, Freire trabalhou também a pedagogia do conhecimento enquanto pronúncia do mundo vivido. Conhecimento que se constrói a partir do diálogo colaborador, crítico, desvelador de realidades, questionador da nossa forma de estar sendo no mundo. Neste sentido, afirma Fiori: “O diálogo autêntico – reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro – é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum. (...) Aos que constroem juntos o mundo humano, compete assumirem a responsabilidade de dar-lhe direção”. (Fiori, 1987, p. 20). Por esse motivo, a construção do *sonho possível* não se realiza isoladamente, desvinculado das situações concretas de existência com o outro, mas no diálogo em co-laboração pela criação das condições de possibilidades.

O diálogo na perspectiva da educação libertadora é movido na esperança, funda-se na fé nos homens e na sua capacidade de criação: “Se o diálogo é o encontro dos homens para Ser Mais, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu quefazer, já não pode haver diálogo. Seu encontro é vazio e estéril”. (Freire, 1987, p. 82). O diálogo enquanto prática da liberdade exige dos homens e mulheres uma visão e postura desafiadora diante dos problemas da realidade que os impedem de humanizar-se. Essa postura de enfrentamento faz-se esperançosa à medida que os sujeitos percebem a potencialidade de sua capacidade de transformação.

Esta é a razão pela qual não são as “situações-limites”, em si mesmas, geradoras de um clima de desesperança, mas a percepção que os homens tenham delas, num dado momento histórico, como um freio a eles, como algo que eles não podem ultrapassar. No momento em que a percepção crítica se instaura, na ação mesma, se desenvolve um clima de esperança e confiança que leva os homens a empenhar-se na superação das “situações-

limites”. Esta superação, que não existe fora das relações homens-mundo, somente pode verificar-se através da ação dos homens sobre a realidade concreta em que se dão as “situações-limites”. Superadas estas, com a transformação da realidade, novas surgirão, provocando outros “atos-limites” dos homens. (Freire, 1987, p. 90 -1).

O processo de construção dos sonhos possíveis constitui compromisso histórico, problematizado coletivamente: compromisso de denúncia da situação opressora resultante da sua inserção crítica na realidade, como também compromisso de enfrentamento dos desafios que estão postos na vida social. Porém, considera-se que os homens e as mulheres podem assumir uma postura tanto de imobilismo, neste sentido, percebem a situação em que se encontram como intransponível, quanto de espanto, embate e superação das situações-limites: “(...) ou as percebem como um obstáculo que não podem transpor, ou como algo que não querem transpor ou ainda como algo que sabem que existe e que precisa ser rompido e então se empenham na sua superação”.(Freire. In: Freire, 1992, p. 205).

O diálogo é um processo educativo fundamental na problematização dos conflitos na cooperativa dos pescadores artesanais, permitindo que a construção do conhecimento e a superação destes conflitos se realize de forma coletiva. Constitui um dos fatores fundamentais à manutenção da cooperativa, desde que fundamentado na esperança, na confiança e na intencionalidade da superação das relações de exploração a que estão submetidos: “(...) o diálogo, conversando, muitas vezes não conversando naquele momento, mas deixando esfriar a cabeça, realmente a gente bota na opinião do grupo, a maioria sempre é que decide (...)” (trabalhadora da cooperativa). Além disso, a trabalhadora afirma que o diálogo “(...) fortalece o grupo, porque acabam se conhecendo, até assim, é engraçado, porque no início das reuniões saía muita gente emburrada, parecendo um monte de criança emburrada, agora não, agora já se diz, “vamos deixar o fulano esfriar a cabeça que depois ele volta”, a gente sabe que vai, tu já conhece o jeito dele, ele volta atrás e isso é interessante, eu mesmo aprendi a conhecer uma porção e eles a me conhecerem também (...)”.

O fortalecimento da esperança crítica no espaço de uma cooperativa de pescadores emerge da idéia de projeto, de possibilidade de construção do presente e futuro. Assim, processo de percepção da história como possibilidade reforça o sentido da esperança à medida que os trabalhadores entendem que as coisas como se processam na atualidade não eram assim antes e que, por isso, não necessariamente tem que continuar sendo, ou seja, rompe-se com a idéia de continuísmo e espera: “Na medida em que os homens, dentro de sua sociedade

vão respondendo aos desafios do mundo, vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora”. (Freire, 1979, p. 33). Esta significa uma das urgências do nosso tempo: resgatar a percepção da esperança, a idéia de projeto, a noção de historização da existência do ser humano e da própria história como processo, como construção.

3.3. O devaneio poético como expressão das potencialidades da imaginação criadora

Assim, é todo um universo que contribui para a nossa felicidade quando o devaneio vem acentuar o nosso repouso. A quem deseja devanear bem, devemos dizer: comece por ser feliz. Então o devaneio percorre o seu verdadeiro destino: torna-se devaneio poético: tudo, por ele e nele, se torna belo. (Bachelard, 1988, p. 13).

O desejo aliado ao imaginário elabora a expectativa, transcende a realidade imediata, constituindo-se como reflexão do passado, conhecimento crítico do presente e abertura para o futuro. Assim, a utopia existe enquanto processo complexo e dialético entre o desejo, o conhecimento e reflexão críticos e a imaginação criadora: o desejo como carência e necessidade sentida, o conhecimento crítico como reflexão da minha existência e das possibilidades de realização do sonho e a imaginação criadora, como capacidade de elaboração de novas situações, de vislumbrar possibilidades de uma outra realidade que transcende o momento presente.

Gaston Bachelard tem uma importante contribuição na construção da concepção de sonho diurno enquanto produto da imaginação criadora. O autor rompe com a concepção de sonho do senso comum, salientando-o como instância, como atividade psíquica potencializadora de imagens de maravilhamento da realidade: constituem as imagens de felicidade e desejos criadores de uma outra referência de mundo. A esta atividade onírica, ao sonho desperto, Bachelard denomina de *devaneio*.

A concepção de sonho diurno como *devaneio* presente em Bachelard, extrapola os limites da razão humana, transcende tempo e lugar, passado e presente: “O tempo já não tem ontem nem amanhã. O tempo é submergido na dupla profundidade do sonhador e do mundo. O Mundo é tão majestoso que nele não ocorre mais nada: o Mundo repousa em sua tranqüilidade”. (Bachelard, 1988, p. 166). O homem no seu devaneio possui a absoluta liberdade de criação através da elaboração de imagens oníricas, por esse motivo Bachelard descreve o sonho diurno como *devaneio poético*: a palavra devaneio remete ao significado de *sonho desperto* e poético, do grego, significa *poesis*, ou seja, criação, invenção.

O devaneio poético suscita imagens de bem-estar, de maravilhamento, desperta o potencial de espanto diante das experiências mais vulgares da vida, provocando um estado de admiração e encantamento, denominado pelo filósofo como *estado de meditação concreta*. Bachelard, portanto, convida-nos a vivenciar devaneios de felicidade através de uma meditação concreta: sonhando através das imagens elaboradas enquanto registros sensíveis que construímos ao longo da nossa experiência de vida.

O devaneio se expressa na profundidade e grandeza das imagens poéticas. A união entre o sonhador e o seu mundo se estabelece através da tranqüilidade, da paz que estas imagens trazem ao ser do devaneio. Sendo assim, o mundo do devaneio é o mundo da felicidade que sentimos quando habitamos a imagem onírica: “A cada imagem corresponde um tipo de felicidade. (...). O mundo é para ele acolhimento, e ele próprio é princípio de acolhimento. O homem do devaneio banha-se na felicidade de sonhar o mundo, banha-se no bem-estar de um mundo feliz”. (Bachelard, 1988, p. 152).

O objetivo destes registros sensíveis no devaneio poético é proporcionar que o ser sonhador experimente uma diversidade de sentimentos na sua radicalidade, ou seja, na raiz de suas lembranças. Os sentimentos, portanto, podem acompanhar a imagem de um objeto, de sons, de cheiros ou circunstâncias familiares que signifiquem a recordação de um momento de felicidade na vida do ser humano: “Não simplesmente imagens sensíveis, cores e perfumes, mas imagens do homem, delicadezas de sentimentos, de calores de lembrança, tentações de oferta, tudo o que pode florescer numa alma humana”. (Bachelard, 1988, p. 151). O objeto

familiar acolhe o ser humano em seu devaneio, enriquecendo seus sentidos de familiaridade: “O devaneio de objetos é uma fidelidade ao objeto familiar. A fidelidade do sonhador ao seu objeto é a condição do devaneio íntimo. O devaneio alimenta a familiaridade”.(Bachelard, 1988, p. 160).

Contemplando esses estados de ânimo (desejo e imaginação criadora), do sonho diurno transcendem afetos que refletem a expectativa quanto ao horizonte da utopia, a intenção quanto ao aspecto terminativo: medo, angústia e desespero quando existe incerteza e indeterminismo, esperança e confiança quando existe a certeza de que não há fracasso em nossas ações: “Portanto, enquanto os afetos expectantes negativos e suas imagens utópicas no fundo intencionam o *infern*al como seu incondicional, os afetos expectantes positivos têm, de modo igualmente incontornável, o *paradisíaco* como incondicional do seu objeto intencional terminativo”. (Bloch, 2005, p. 114).

Quanto ao horizonte da utopia no espaço da pesca artesanal organizada em forma de cooperativa, percebe-se que a intenção que predomina quanto ao aspecto terminativo se constitui em um processo que envolve desde a dúvida e a incerteza, como também a esperança e a confiança. A esperança e a desesperança são elementos que estão imbricados na construção deste trabalho cooperativo, encontrando-se em permanente conflito: “(...) *além dos conflitos internos com os pescadores, entre eles, entre si, uns acreditam mais, outros menos, outros nem acreditam, estão aqui porque os outros foram e eles vieram também, tem esse tipo de associado, [mas] tem o associado que acredita, que batalha, que está sempre junto (...), então, isso aí são diferenças, as pessoas são diferentes, então, nós procuramos juntar e respeitar a individualidade de cada um, mas sempre tentando fazer ele ver que [a cooperativa] é viável, que se nós tivermos perseverança e batalhar a gente consegue (...)*”. (pescador da cooperativa).

O conhecimento é elemento fundamental para a superação de dificuldades ao sujeito sonhador: “Para remover a dificuldade é necessário não só o conhecimento em termos da escavação daquilo que houve mas também em termos de um planejamento do que haverá. De forma que é necessário o conhecimento, que contribuirá decisivamente para este devir (...)” (Bloch, 2005, p. 131). Por esse motivo, o conceito de utopia está relacionado ao sentido de esperança crítica, uma vez que se reivindica a necessidade de construção de um conhecimento crítico que, na medida em que reflete criticamente o passado, possibilite vislumbrar possibilidades e propostas de mudança concreta da realidade opressora, fortalecendo a práxis transformadora.

É antes de tudo o interesse revolucionário, com seu conhecimento de como está ruim o mundo e seu reconhecimento do quanto ele poderia ser bom como um outro mundo, que necessita do sonho desperto da melhoria do mundo: ele o fixa na sua teoria e sua práxis de modo totalmente a-heurístico, totalmente apropriado ao tema. (Bloch, 2005, p. 97).

Bloch critica o interesse e empenho da humanidade em relação à construção de um conhecimento que se pretende prático e imediato, fato que causa barreira às teorias e às obras que transcendem o estabelecido no período histórico, considerando-as irrealizáveis. A dificuldade do caminho em direção à realização da obra está relacionada à época histórica em que esta é intencionada, portanto, não constitui barreira que reside no sujeito, pois mesmo que o sonhador possua esforço e vontade de realização, no momento que a idéia transcende o plano ou esboço, iniciam-se os conflitos, as dificuldades e tentativas frustradas. Esta idéia retoma o sentido dos contra-sonhos, enfatizado na *Pedagogia da Indignação* de Paulo Freire.

Desse modo, há na história uma barreira socioeconômica diante da visão que não pode ser transposta nem mesmo pelo espírito mais ousado. Muitas antecipações, antevisões vieram à consciência existente e foram destacadas, elucidadas por ela mesma no ainda-não-consciente. Contudo, a barreira social obstruiu a execução. (...) Frequentemente, as obras que transcendem a sua época nem mesmo podem ser intencionadas, que dirá realizadas. Isso foi destacado por Marx com a afirmação de que a humanidade sempre se atribui as tarefas que pode cumprir. (Bloch, 2005, p. 129 – 130).

O ser humano é movido por impulsos, por sentimentos que despertam desejos, estes incentivam o humano a se orientar para a satisfação do vazio, da carência que ainda não encontrou na realidade imediata. Em Freire, por exemplo, a esperança nasce da dialeticidade dos sentimentos de raiva e amorosidade: raiva ou indignação e amor enquanto sentimentos motivadores da nossa busca pela concretização dos sonhos. A indignação está fundada na revolta diante da miséria, das injustiças, das situações que negam ao humano o direito de *ser mais*.

Os sentimentos de raiva e indignação constituem fatores motivadores de negação e busca de mudança de um contexto indesejável. A procura pela materialização de um sonho, portanto, pode também partir destes sentimentos percebidos como negativos ao ser humano. Este processo pode ser percebido com os pescadores cooperativados: sua mobilização e organização partiu da indignação com uma situação histórica de exploração. Desse modo, afirma um deles: *"Quem traz o peixe é o pescador e sempre ele era o explorado, porque o*

atravessador não dava margem suficiente para ele conseguir pescar e se manter, a realidade é que ele conseguia controlar a vida do pescador, o pescador quando queria ganhar mais ele diminuía o preço, quando o pescador diminuía a produção do peixe ele aumentava o preço pro pescador continuar pescando, então, ele controlava realmente a vida do pescador artesanal que é o seu sustento, obrigando ele, pescando pouco ou pescando muito, pra ele depender dele sempre”.

Os desejos necessitam do imaginário para que o homem, além de recusar a realidade vivida, possibilite recriá-la, reinterpretá-la e conjecturar o campo de possibilidades existentes. A atividade criadora do ser humano é explorada no âmbito da imaginação, sendo assim, todo ato criativo é um ato utópico, ao mesmo tempo em que também se constitui como um ato político, pois as alternativas e obras imaginárias revelam uma intencionalidade. Portanto, a *utopia concreta* alicerçada na reflexão crítica e imaginação criadora, não constitui fantasia vaga, vazia de conteúdo e sentido, mas antes revela uma determinada maneira de compreender o ser humano, o seu papel na sociedade e as relações que ele estabelece com o outro.

Através da reflexão crítica e consciência de seu indeterminismo, pela constatação de um contexto de realidade imperfeito e indesejado, o ser humano reinterpreta o existente como possibilidade do que ainda não é, mas que pode vir a ser. O “ainda-não”, neste sentido, constitui um estado ontológico presente ao sujeito que sonha, fundamento da esperança, baseado no desejo de alcançar o ainda não existente.

Todo processo de construção de um algo parte de um *ainda-não*, de uma situação de carência e de necessidade de supressão desta falta. O *ainda-não* é expressão do desejo de um possível-real, é o não-ter um algo, é o ponto de partida de um almejar: “(...) a fome torna-se uma força produtiva na linha de frente constantemente em irrupção de um mundo incompleto. Desse modo, o não como *ainda-não processual* transforma a utopia na condição real da incompletude (...)” (Bloch, 2005, p. 303). A utopia, desse modo, enquanto potência que pensa o homem e o seu contexto deve estar voltada para a crítica da realidade, na medida que a entende como um processo dinâmico, inacabado e insatisfatório, como algo que não se limita ao imediato.

Mas ao lado de cada esperança se encontra o niilismo, o malogro e o aniquilamento como constituintes do processo utópico-dialético, pois ao mesmo tempo que ameaçam constantemente o sentido confiante de realização do possível-real, estabelecem o rompimento do ser estático, do imobilismo. Assim, coloca Bloch (2005, p. 306): “(...) todo advento contém o niilismo como derrotado-usado, a morte como tragada pela vitória”.

Há ainda a necessidade da utopia estar integrada como conteúdo do momento presente, como processo permanente de reinvenção do cotidiano. Por isso, tanto Bloch, quanto Bachelard, criticam a eternização da utopia, ou seja, o almejar ilimitado que pretende um eterno distanciamento em relação ao objeto desejado. A utopia, portanto, deve estar voltada ao presente, sendo projeto e processo constante das experiências vivenciadas no cotidiano, pois sonhar “significa colher o dia, no sentido mais simples e mais fundamental; significa assumir uma atitude concreta em relação ao agora.” (Bloch, 2005, p. 288).

O pensamento utópico de Bloch está alicerçado na concepção de *utopia concreta*, ou seja, a utopia concebida não somente como processo reflexivo e contestatório da realidade, mas como perspectiva de ação, mobilizadora de uma práxis transformadora. A utopia como potência que pensa o ser humano e sua realidade a partir do viés da crítica do presente, necessita da atitude radical de enfrentamento das tendências existentes no real, como coloca Suzana Albornoz (1985, p. 30):

A percepção das possibilidades virtuais do real, o desejo de outra situação e a prospecção para o futuro com base naquelas possibilidades, constitui-se um desafio para a ação que modifique esse dado que hoje se nos apresenta como real: a utopia nos dá ímpeto para a práxis transformadora. Ao tornarmos-nos conscientes das imperfeições deste mundo, a utopia concreta aponta e chama atenção para uma realidade transformável. Esta utopia, pensada até as últimas consequências, conduz forçosamente a uma atitude radical.

No momento em que o ser humano toma consciência da sua carência, esboça na imaginação, os desejos relacionados à satisfação desta falta. Quando a consciência desta falta é expressão de uma reflexão crítica do contexto de realidade vivido, torna-se esperança crítica, uma vez que emerge da relação dialética entre o conhecido-real e o possível-real, ou seja, entre o “ser” e o “ainda-não-ser”. Portanto, é através do desvelamento das amarras reais da situação presente que é possível negar o vivido e antecipar, intencionar um outro mundo. Este consiste no processo de denúncia-anúncio enfatizado anteriormente.

As imagens de desejo necessitam de um querer que parta do conhecimento do agora, pois como posso antecipar um futuro se o presente se apresenta como algo obscuro? É neste sentido que Paulo Freire vai além de Ernst Bloch, pois enquanto este afirma que o presente se apresenta ao sujeito que sonha como algo obscuro, aquele, porém, enfatiza que a construção da utopia necessita do movimento de reconhecimento das situações-limites, ou seja, do conhecimento crítico da realidade que me cerca, no sentido da sua desmitificação, refletindo

os conflitos e contradições existentes, para enfim, vislumbrar o inédito-viável. Portanto, de acordo com Bloch:

Atos como a execução do querer, do imaginar e assim por diante não deixam a obscuridade imediata de seu acontecimento. Porém, em última análise, o mais obscuro é o próprio agora em que nós, como vivenciadores, em cada momento nos encontramos. (...). O quê e agora, o instante em que nos encontramos resolve-se em si mesmo e não é capaz de sentir-se. Correspondentemente, portanto, o respectivo conteúdo do recém-vivido não é percebido. (Bloch, 2005, p. 283)

Assim, apesar da vivência imediata estar imersa na obscuridade do instante, Bloch não afirma a necessidade de ser ultrapassado este estado de apreensão da realidade, ou seja, não afirma o imperativo dos sonhos serem impulsionados pelo conhecimento dos processos do lugar onde o ser humano ocupa, do seu contexto de vida. Ao contrário, coloca o autor, que a realidade não é visualizada, que a existência do agora se constitui um enigma. Esta obscuridade do agora significa a nascente do ainda possível, ou seja, a esperança rumo deste instante vivido: “A obscuridade vivida é tão forte que não fica restrita nem mesmo à sua proximidade mais imediata. Ela tem efeito também sobre o seu contexto, sobre o tempo que segue ao justo-agora, e então também sobre o espaço contíguo ao justo-aqui”. (Bloch, 2005, p. 290).

O que se percebe na comunidade de pescadores artesanais do qual trata esta investigação é que a indignação com a situação de exploração se transformou em estratégia, em projeto que responde ao esforço de romper com essa lógica, e este empenho se traduziu na formação da cooperativa. Assim, o sentimento de raiva possui seu potencial criativo, mobilizador. A noção de esperança nesta organização cooperativa está relacionada à necessidade de se retomar e fortalecer a idéia de comunidade, de coletividade, tão abandonada nos dias atuais. Retomar a noção de vida em comunidade foi a estratégia escolhida pelos pescadores para o enfrentamento da sua realidade de exploração.

O desejo de organizar uma cooperativa emergiu de um ainda-não na vida destes pescadores artesanais: não-ter a qualidade de vida que almejam, a segurança para a sua família através do trabalho dependente da relação com o “atravessador”. A necessidade de superar esta problemática constituiu o ponto de partida para a organização do trabalho coletivo no modelo cooperativista.

A utopia concreta alicerçada na esperança crítica é alimentada pela imaginação criadora: os pescadores conjecturam um futuro de bem-estar e felicidade pelo devaneio poético. Exploram outras possibilidades de estar sendo, um outro contexto de vida através das imagens oníricas.

Para que o futuro seja produto da ação consciente dos sujeitos, é necessário ao ser humano decisão, coragem e conhecimento. Mas um conhecimento que não seja contemplativo, que seja crítico, mas não pessimista a ponto de produzir posições reacionárias desestimuladas e nem tampouco otimista a ponto de instaurar uma passividade que percebe o futuro como algo concluído, fechado ao progresso capitalista.

Redobrando-se a coragem e o saber, o futuro não virá como fatalidade sobre o ser humano, mas o ser humano virá sobre o futuro e ingressará nele com o que é seu. Aqui, o saber, que necessita da coragem e sobretudo da decisão, não pode assumir a forma mais comum do saber habitual, a forma contemplativa, pois o saber meramente contemplativo se refere forçosamente ao que já está concluído e já passou, não tem meios diante de coisas presentes e é cego para o futuro. (Bloch, 2005, p. 196).

O otimismo absoluto torna-se cego quanto ao futuro, naturaliza as relações de dominação e exploração, impedindo que o ser humano compreenda o processo histórico como determinado pelo trabalho e pela ação consciente dos indivíduos. O otimismo cego fortalece o mito de que o progresso conduz a humanidade à felicidade e à liberdade, tornando o sujeito individualizado e anulado em face dos poderes econômicos, escravizado por uma realidade que o ameaça com um estado de barbárie⁴.

A fé no progresso automático, reflexo desta visão otimista e fechada do processo histórico, pode se tornar um novo ópio para o povo, por esse motivo, torna-se necessário uma fração de pessimismo que perceba este contexto de barbárie implicado ao avanço capitalista. Assim, a práxis transformadora necessita deste conhecimento crítico do passado e do presente. A esta práxis, fundamentada no saber crítico, concebido em termos utópico-concretos, Bloch denomina de otimismo militante:

⁴ MENEGAT (2006, p. 27) fala de mudanças na manifestação da “regressão à barbárie”, as quais “(...) podem ser observadas no desenvolvimento histórico mais recente do capital, permitindo-nos falar numa tendência permanente à barbárie – não mais momentânea –, com traços conceituais mais nítidos do que nos períodos precedentes. Esses traços podem ser entendidos a partir do contexto no qual se dá hoje a valorização do capital, que tem dividido todos os países do mundo em nichos de incluídos e legiões de excluídos (...)”.

A postura diante desse cenário de indecisão, contudo passível de ser decidido por meio de trabalho e ação concretamente mediada, chama-se *otimismo militante*. É verdade que, por meio dele, como diz Marx, não são realizados ideais abstratos, mas certamente são liberados os elementos reprimidos da sociedade nova, humanizada, ou seja, do ideal concreto. Trata-se da decisão revolucionária do proletariado, que se aplica hoje, na batalha final das libertações: uma decisão do fator subjetivo aliado aos fatores objetivos da tendência econômico-material. (Bloch, 2005, p. 197).

Bloch afirma que tanto o fator subjetivo quanto o objetivo precisam ser compreendidos não de uma forma isolada, mas em sua interação dialética. Assim, negando o ativismo e o automatismo objetivista, reivindica-se uma práxis transformadora que compreende a necessidade de considerar a indissociabilidade entre as contradições subjetivas e objetivas. Desse modo, o espaço da história constitui o espaço das possibilidades reais, nesse ponto, os fatores subjetivo e objetivo, em constante interação dialética, apresentam-se como potências inconclusas, como elementos transformadores e realizadores da história, em que os seres humanos trabalhadores tomam consciência de seu papel construtor da história: “(...) o pivô da história humana é o seu gerador – o homem trabalhador, enfim não mais vendido, alienado, reificado, subjugado em prol do lucro de quem o explora.” (Bloch, 2005, p. 246).

O possível se revela como o desejo que, na sua trajetória de busca através da práxis concreta, encontra as condições necessárias e suficientes à sua realização. As condições adotadas nesta caminhada e a expectativa que impulsiona um otimismo militante são definidas pela noção do correlato da possibilidade real-objetiva. Ou seja, o condicionante do comportamento a ser adotado na caminhada para a realização do sonho são as medidas do possível, o que Bloch denomina de *condições de existência determinante*. Assim: “Nem tudo é possível e executável a qualquer hora: condições ausentes não só atrapalham como também chegam a impedir. Um passo mais rápido é permitido, até requerido no trecho que não revela outros perigos além dos causados por excesso de temor ou por pedantismo” (Bloch, 2005, p. 203).

O correlato da possibilidade real-objetiva está fundado na expectativa do atingível, do alcançável, a qual ilumina o entusiasmo da teoria-práxis. As estratégias exigem análise crítica do atingível, e é esta investigação que proporciona a perspectiva do que está ocorrendo e do que deve ser empreendido. O trabalho de transformação do real necessita da imaginação criadora aliada ao otimismo militante: a imaginação constitui força subjetiva de interferência na realidade, é ponto essencial para concretizar as modificações objetivas.

Sendo assim, o correlato da possibilidade real-objetiva é definido pelas *condições de existência determinante* para a concretização dos sonhos. As condições de existência determinante exigem uma interação entre os fatores subjetivo e objetivo: “Somente na sua solidariedade, em que o subjetivo constitui com o objetivo, uma unidade dialética, é possível a práxis autêntica”. (Freire, 1987, p. 38). O objetivo é percebido enquanto problema, desafio e obstáculo. A subjetividade é percebida enquanto intencionalidade, como processo criativo e reflexivo das situações e conflitos. Portanto, à medida que os pescadores vão aumentando a percepção de sua realidade de exploração, neste processo, a realidade objetiva visualizada se torna um percebido-destacado, ou seja, captam-na como situação objetivo-problemática.

Em relação aos pescadores artesanais as condições de existência de oportunidades para a organização da cooperativa foram determinantes para a realização do seu sonho de independência profissional. Através do programa RS- PESCA do governo do Estado do Rio Grande do Sul, concederam-se benefícios e incentivos à abertura de cooperativas por meio de empréstimos para a construção da empresa e compra de maquinário adequado. O incentivo do Estado aliado à esperança confiante, vontade e imaginação criativa destes trabalhadores foram definitivos para a formação e manutenção do empreendimento.

O processo de construção dos sonhos possíveis comporta, portanto, o processo da dialetização dos atos de denúncia-anúncio, esperança e imaginação criadora. A construção utópica da organização cooperativa dos pescadores artesanais, como tal, abrange os elementos formadores deste processo.

Entretanto, a compreensão do processo de construção dos sonhos possíveis no espaço de uma cooperativa de pescadores artesanais deve ser entendida em sua totalidade. Por isso é importante que entendamos que o modo como se organiza a atividade pesqueira atualmente sofre a influência e interferência da denominada crise socioambiental, sendo esta a expressão de um modelo de racionalidade econômica que justifica a exploração do ser humano e a degradação do meio ambiente. Destaca-se que o modelo de racionalidade econômica ultrapassa o campo teórico, afetando a base de fundamentação da práxis educacional, bem como a trajetória, vivências e sonhos dos pescadores artesanais.

Esta crise socioambiental está agravando a situação de insegurança do pescador artesanal: percebe-se o contexto de instabilidade tanto em relação ao trabalho, no modo como se processa as relações com a indústria e com os “atravessadores”, quanto em relação à própria continuidade de sua atividade, diante da degradação ambiental que ameaçam a sobrevivência das comunidades ribeirinhas. Diante desse contexto, os pescadores salientam

sua preocupação com a questão do aumento do esforço de pesca e suas conseqüências para a diminuição dos estoques pesqueiros.

Como afirma um dos sócios da cooperativa, pelo fato do governo federal facilitar o acesso às linhas de crédito que possibilitaram a compra de equipamento e tecnologia adequada para a prática da pesca artesanal, muitas pessoas que nunca tinham pescado começaram a partir de então, adquirindo barcos, motores e redes: *“eu já tenho essa imagem há muito tempo, e não tem como, se o arrasto continuar, piora mais e mais e mais, porque o berimbau mata ele do tamanho de um palito de fósforo, a “plancha” mata e o pauzinho mata (...), e uma das coisas que foi fundamental para que a coisa [a destruição do meio ambiente] piorasse mais foram os empréstimos do governo que quis facilitar, quem nunca tinha se molhado, retirou bote, motor, quer dizer, o mar é o mesmo que era antes”*.

Assim, no próximo capítulo, faz-se necessário problematizar o contexto de crise socioambiental como expressão do modelo de racionalidade econômica e suas conseqüências na trajetória e sonhos dos pescadores artesanais, em especial, nos conflitos que vivenciam no trabalho cooperativo. A discussão se desenvolverá a partir dos seguintes eixos temáticos: produção de conhecimento científico utilitário e lucrativo; produção da noção de liberdade aliada à idéia de sujeito econômico; o sentido do progresso tecnológico e das utopias de consumo na sociedade atual.

4. EDUCAÇÃO E CRISE SOCIOAMBIENTAL: A NECESSIDADE DAS UTOPIAS



Figura 5: Vista do trapiche localizado às margens da Laguna dos Patos, em um ponto do bairro São Miguel.

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Os que lutam

*Há aqueles que lutam um dia; e por isso são bons;
Há aqueles que lutam muitos dias; e por isso são muito bons;
Há aqueles que lutam anos; e são melhores ainda;
Porém há aqueles que lutam toda a vida; esses são os imprescindíveis.*

Bertolt Brecht

4. EDUCAÇÃO E CRISE SOCIOAMBIENTAL: A NECESSIDADE DAS UTOPIAS

*Meu sonho pode ultrapassar o curso natural dos acontecimentos (...). O desacordo entre o sonho e a realidade nada tem de nocivo se, cada vez que sonha, o ser humano acredita seriamente em seu sonho, se observa atentamente a vida, compara suas observações com seus castelos no ar e, de uma forma geral, trabalha conscientemente para a realização de seu sonho.
(Lenin, In: Bloch, 2005, p. 21)*

Pretende-se neste capítulo refletir a problemática da pesca artesanal como uma das faces da crise socioambiental, sendo esta a expressão de uma crise do modelo de racionalidade econômica, tendo como pressupostos os escritos de Max Horkheimer, estabelecendo um diálogo com Ernst Bloch, Gaston Bachelard e teóricos do campo da Educação Ambiental. Desse modo, para compreender a experiência atual vivida pelas comunidades pesqueiras, seus conflitos e utopias, é necessário percebê-la como inserida dentro do contexto de uma crise socioambiental. Desse modo, parte-se do entendimento do processo de desenvolvimento deste modelo de racionalidade que se consolidou e suas consequências no modo de pensar e agir do humano, especialmente, sua influência na trajetória e utopias destes trabalhadores.

Primeiramente, é necessário abordar as condições históricas de produção do modo de pensamento que se firmou na racionalidade moderna ou razão instrumental, visto que a crise socioambiental e a própria educação são herdeiras deste modelo de racionalidade. Para tanto, utilizo as contribuições da crítica de Horkheimer e Adorno ao modelo de fundamentação da racionalidade contemporânea, aos métodos e finalidades da Teoria Tradicional, situando os

propósitos do projeto iluminista. Cumpre apresentar a crítica de Gaston Bachelard em relação ao pensamento científico clássico, à construção de um conhecimento prático e aplicável. Enfatiza-se que a discussão da crise socioambiental não pode desconsiderar a reflexão sobre o processo de construção do conhecimento científico, do seu sentido e finalidade na sociedade atual.

Em um segundo momento, pretende-se refletir o contexto da crise socioambiental como consequência de um modelo de racionalidade que fabrica necessidades, denominados por Ernst Bloch como desejos normatizados. Constituem os sonhos de consumo que, utilizando-se das vitrines e dos anúncios comerciais, estimulam desejos, produzem a ilusão de que as mercadorias possuem a magia de trazer a utopia da felicidade, de solucionar os problemas humanos.

Dentro desse contexto, torna-se imperativo refletir criticamente o papel da Educação Ambiental e os seus propósitos, uma vez que a crise da razão na Modernidade desencadeou a denominada crise socioambiental, justificando o modelo de exploração do ser humano e degradação ambiental presente na atualidade.

Por último, pretende-se refletir o cooperativismo, como uma forma de organização do trabalho e da vida no espaço da pesca artesanal, em que é potencializado o processo de construção da esperança em Educação Ambiental. Nesta discussão, torna-se necessário partir do entendimento dos princípios e fundamentos que norteiam as práticas do trabalho cooperativo para uma melhor compreensão sobre a dinâmica das relações sociais que são construídas na cooperativa de pescadores artesanais, sujeitos desta pesquisa.

Desse modo, tomando como base o diálogo entre os autores citados, pretende-se evidenciar que a crise socioambiental é uma expressão do modelo de racionalidade econômica que, na atualidade, ultrapassa o campo teórico, afetando a base de fundamentação da práxis educacional, como também a trajetória, as vivências e os sonhos dos pescadores artesanais. Assim, reivindica-se, a partir de propostas elaboradas por estes teóricos, a necessidade da busca de perspectivas frente à barbárie e o obscurantismo que assolam as sociedades modernas, ou seja, o não abandono da utopia, bem como o imperativo da percepção do conhecimento como esforço teórico de investigação crítica da sociedade em conexão com a atitude prática de comprometimento com a emancipação do ser humano.

4.1. A crítica ao modelo de fundamentação da racionalidade contemporânea

(...) o que é inaceitável não é fomentar a nossa criatividade e a racionalidade na construção de novos conhecimentos por meio da educação científica, mas valorizar o domínio instrumental sobre o reflexivo e permitir que a propriedade privada das descobertas impeça que conhecimentos notáveis sejam utilizados em nome do bem comum. (Loureiro, 2004, p. 29).

O movimento filosófico denominado Iluminismo, desenvolvido na Europa do século XVIII, creditou à razão o papel de libertação do ser humano. Essa confiança no poder e uso da razão marca a negação das explicações mitológicas, metafísicas e religiosas de entendimento do mundo. Um dos expoentes deste período, Immanuel Kant, assim define o Iluminismo: “Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo.”⁵ De acordo com este filósofo, o ser humano atinge a liberdade quando faz uso de sua própria razão, adquirido a autonomia de pensar por si mesmo, feito que exige decisão e coragem. Assim, o esclarecimento se designa como o estágio em que o indivíduo, além de adquirir conhecimento, adquire a autonomia de fazer uso próprio de seu conhecimento. Essa liberdade é atingida quando a sociedade alcança o estágio de esclarecimento, em que existe o mínimo de opressão, coação e disciplina.

O projeto iluminista era necessário aos propósitos de uma sociedade capitalista em ascensão, à expansão comercial da classe burguesa, uma vez que defendia a idéia de liberdade política e econômica, condenando o absolutismo, o mercantilismo e o poder reservado à nobreza e ao clero. Sobre os propósitos do esclarecimento, colocam Horkheimer e Adorno:

⁵ KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: Que é Esclarecimento?**. Disponível em: www.ufpel.edu.br/~avelino.oliveira.

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber. (Horkheimer; Adorno, 1985, p. 19).

Nesse processo de constituição da razão, ambos os autores criticam o papel da razão e da ciência oficial no projeto de emancipação do ser humano. Afirmam que o pensamento racional passou a servir de instrumento para a ordem existente, resultando na autodestruição do esclarecimento. Entretanto, Horkheimer e Adorno não negam o potencial libertador do pensamento esclarecedor, mas reivindicam uma postura de autocrítica e auto-reflexão da razão, ou seja, a ciência deve ter consciência das suas contradições e limitações: “A consideração que isola as atividades particulares e os ramos de atividade juntamente com os seus conteúdos e objetos necessita, para ser verdadeira, da consciência concreta da sua limitação”. (Horkheimer, 1980.p. 124). Assim, a crítica de Max Horkheimer está voltada para a finalidade e métodos da Teoria Tradicional, representada pelo cartesianismo, salientando a autoconsciência errônea dos cientistas burgueses e o modo como é manuseado o conhecimento, questionando um saber que se pretende prático e aplicável, que busca eliminar a possibilidade de contradição, que é construído sem levar em conta os problemas e as especificidades de uma ciência particular.

Horkheimer reivindica um conhecimento que deve partir da realidade concreta, ou seja, que estabelece uma conexão com os processos sociais reais, perspectiva pela qual a Teoria Tradicional se distancia, tornando-se abstrata. Esta abordagem, privilegiada pelo desenvolvimento da ciência, fez com que a razão se desviasse de seu verdadeiro objetivo - a emancipação do ser humano, conduzindo a humanidade a um mundo irracional, onde os sujeitos econômicos possuem a ilusão de liberdade.

Em face de uma ciência que tem o objetivo de reproduzir o já existente, construindo um conhecimento de finalidade utilitária e lucrativa, como resultado, tem-se um saber fragmentado, que naturaliza as relações de dominação. Assim, o indivíduo liberto da sociedade capitalista é um sujeito que aceita naturalmente as determinações do mundo industrializado, inteiramente adaptado à sua época. Por esse motivo, a Teoria Crítica reivindica a necessidade da crítica permanente no esforço teórico de investigação da sociedade atual.

Nem a estrutura da produção industrial e agrária nem a separação entre funções diretoras e funções executivas, entre serviços e trabalhos, entre atividade intelectual e atividade manual, constituem relações eternas ou naturais, pelo contrário, estas relações emergem do modo de produção em formas determinadas de sociedade. A aparente autonomia nos processos de trabalho, cujo decorrer se pensa provir de uma essência interior ao seu objeto, corresponde à ilusão de liberdade dos sujeitos econômicos na sociedade burguesa. Mesmo nos cálculos mais complicados, eles são expoentes do mecanismo social invisível, embora creiam agir segundo suas decisões individuais. (Horkheimer, 1980, p. 123).

Diferente da Teoria Tradicional, a qual identifica o agir humano a impulsos naturais e individualistas, a Teoria Crítica reconhece o ser humano como sujeito histórico, que possui capacidade de modificar a sua realidade, um sujeito de ação intencional. Por isso não existe separação entre interesse e atividade intelectual ou, como se refere Horkheimer, entre valor e ciência. Desse modo, o autor faz a denúncia de uma ciência que manuseia o conhecimento de acordo com o seu valor de mercado e que, nesse movimento, desvia-se do seu projeto de emancipação da humanidade. Assim, ao invés do progresso, tem-se a barbárie, a regressão da humanidade a um estado de miséria e a debilidade da própria sociedade diante das situações criadas por ela própria, fatores que caracterizam a denominada crise socioambiental da atualidade:

A ação conjunta dos homens na sociedade é o modo de existência de sua razão; assim utilizam suas forças e confirmam sua essência. Ao mesmo tempo este processo, com seus resultados, é estranho a eles próprios; parece-lhes, com todo o seu desperdício de força de trabalho e vida humana, com seus estados de guerra e toda miséria absurda, uma força imutável da natureza, um destino sobre-humano. (Horkheimer, 1980, p. 128)

A sociedade contemporânea se estrutura na idéia de desencantamento do mundo, predominando uma visão positivista de ciência, de construção do conhecimento e evolução da sociedade. Nesta perspectiva, considera-se no estudo dos fenômenos sociais apenas as características externas e observáveis, ou seja, a natureza é reduzida ao quantificável, o mundo significa aquilo que pode ser calculado matematicamente.

Gaston Bachelard em sua obra intitulada *O novo espírito científico*, questiona o espírito antigo quando se refere ao pensamento científico clássico, afirmando que as idéias simples do tipo cartesiano correspondem a uma tradução imediata da realidade, sendo a prova de uma ciência que entendia o mundo como um organismo ordenado e regulado: “Era

necessária a utilização de leis matematicamente simples para impor o determinismo, para que o mundo pareça regulado”. (Bachelard, 1985, p. 94). O autor problematiza a idéia de razão, criticando sua noção de instância absoluta e preponderante sob a imaginação. Assim, constrói uma outra concepção de razão: destaca o tensionamento existente entre a razão e a dimensão onírica, imaginativa e intuitiva no pensamento científico e nas dimensões sociais e culturais da vida, como afirma Rodrigues:

Bachelard retoma a crítica da razão inaugurada por Kant na *Crítica da Razão Pura* (Kant, 1983, p. 1-415), fazendo também uma análise crítica dos limites do empirismo e do racionalismo, bem como das possibilidades da razão humana. A partir dessa crítica, Bachelard vai elaborando uma outra concepção de razão, enquanto vai aproximando-se das teorias radicais dos poetas surrealistas. Bachelard, visa a dar conta das relações entre sua concepção de razão, aliada aos princípios surrealistas, reelaborando a noção “*surracionalisme*”, que liga razão e imaginação, sonho e aventura, pensamento e instrução (...).

Assim como Bachelard, Horkheimer questiona este saber que se pretende prático e aplicável, que busca eliminar as possibilidades de contradição, portanto, assim caracteriza esta representação tradicional: “Uma exigência fundamental, que todo sistema teórico tem que satisfazer, consiste em estarem todas as partes conectadas ininterruptamente e livres de contradição”.(Horkheimer, 1980, p. 118). Bachelard, portanto, vai ao encontro da crítica estabelecida por Horkheimer ao refletir os limites da razão humana quando dissociada dos sentimentos, da emoção e imaginação criadora.

Horkheimer, neste sentido, questiona a contribuição da objetividade científica para o progresso do pensamento crítico, questionando a existência da necessária interação entre o autoritarismo da ciência moderna e o liberalismo para um controle racional rígido das instituições e o estabelecimento da noção do princípio de verdade dos métodos científicos. Por esse motivo, a problemática da crise socioambiental não pode estar apartada do processo de construção do conhecimento, do nosso entendimento sobre progresso e modelo de civilização.

A crítica não está relacionada ao avanço da ciência, mas ao modo desigual de apropriação do saber científico, impedindo a que a socialização do conhecimento e dos benefícios tecnológicos atue em vista da qualidade de vida de todas as populações. Como afirma Carlos Frederico Loureiro, a Educação Ambiental, neste sentido, deve propiciar alternativas necessárias para rompermos com a barbárie do padrão societário atual,

estabelecendo caminhos e possibilidades de construirmos as condições que julgamos mais adequadas à vida social e planetária:

Em Educação Ambiental, ciência e formação crítica precisam se relacionar de modo a compreendermos sob que condições o saber científico se desenvolveu e a favor do que e de quem, nos apropriando da base instrumental e reflexiva necessária para a educação, para a alteração objetiva das condições de vida da população e reversão do processo de degradação e exploração das demais espécies e da natureza como um todo, rompendo com dogmas e obstáculos à liberdade humana. (Loureiro, 2004, p. 30).

Nesta perspectiva, deve-se enfatizar o papel da filosofia e do próprio processo de construção do conhecimento – o de estabelecer um critério para a verdadeira natureza da ciência, sendo que a sua absoluta autoridade, deva ser justificada enquanto princípio intelectual e não em função da sua utilidade prática ao sistema econômico, como afirma Horkheimer (1980, p. 83): “A filosofia deve formular o conceito de ciência de um modo que expresse resistência humana ao retorno à mitologia e a loucura, em vez de favorecer tal retorno através da formalização da ciência e adaptação desta às exigências da existência prática”

Ernst Bloch coloca como elemento central ao processo de emancipação da humanidade a filosofia da utopia concreta, a melhoria do mundo através da relação que o ser humano estabelece com o trabalho, por meio da compreensão dialética da história e sua produção consciente: “A filosofia terá consciência do amanhã, tomará partido do futuro, terá ciência da esperança. Do contrário, não terá mais saber”. (Bloch, 2005, p. 17). A práxis do presente, como ação verdadeira, ocorre nesse processo inconcluso, na mediação entre o passado e presente. Dentro desta perspectiva, constitui teoria-práxis que se diferencia do saber contemplativo. A filosofia da utopia concreta mediada pela práxis do presente possui um pensar direcionado para a mudança do mundo, para o futuro autêntico, em que o saber, o conhecimento potencializa o desejo de mudança.

Horkheimer enfatiza que a ciência moderna nos moldes do positivismo, reduziu a teoria a simples instrumento, negando a contradição entre filosofia e realidade social, entre teoria e prática, impedindo o desenvolvimento do pensamento crítico, distorcendo e obscurecendo a realidade. Essa tendência de formalização do pensamento conduziu a humanidade a um estado de racionalidade irracional, instaurando o fortalecimento do poder autoritário e a capacidade de indiferença frente ao outro, e nesta intenção de adaptar o ser

humano a realidade reconhecida por esta doutrina está, como afirma este autor, um dos motivos do declínio intelectual desta forma de pensamento. De acordo com Bloch, de modo algum a razão pode determinar leis para a natureza: “O mundo desse idealismo epistemológico tampouco é um mundo utópico, ao contrário: a ambição do ego transcendental era, em primeira linha, a de gerar justamente o mundo concreto das leis, o mundo da experiência da matemática e das ciências naturais”. (Bloch, 2005, p. 147).

Assim, conforme foi problematizado anteriormente, a crise socioambiental é resultado de um processo histórico que produziu uma visão dualista e mecânica do meio ambiente, separando razão e emoção, ser humano e natureza, bem como natureza de cultura. Esta visão de mundo, da vida e de construção do conhecimento se justificava pela necessidade de um mundo ordenado e regulado, introduzindo a idéia de ordem universal dos fenômenos, separando as disciplinas e negando a incerteza da razão, com o objetivo de um conhecimento mais profundo e rigoroso da natureza. Desse modo, o conhecimento científico da ciência clássica pretendia alcançar uma certeza absoluta e objetiva, através da formulação de leis, com o propósito da previsibilidade dos fenômenos, de controle e domínio da realidade. Este modelo de racionalidade influenciou o campo de conhecimento das ciências humanas, dentre elas a educação, reduzindo o seu entendimento a uma concepção técnico-científica, como processo que envolve imposições normativas, com vistas a um maior domínio do processo de ensino-aprendizagem.

A escola pode ser considerada um organismo que herdou esta forma de pensamento mecanicista, estando subordinada às determinações da economia vigente, orientada para atender às exigências da produção atual. De acordo com Horkheimer (1980, p. 132): “Se é do próprio homem que seu agir seja determinado pela razão, a *práxis* social dada, que dá forma ao modo de ser (*Dasein*), é desumana, e essa desumanidade repercute sobre tudo o que ocorre na sociedade”. Desse modo, a lógica do lucro e da competição repercute também sobre a educação e a instituição escolar, determinando as suas finalidades. Assim, a escola passa a funcionar enquanto mercado educacional, sendo orientada pelos interesses do mercado que passa a ser o regulador de seus objetivos, organização e política educacional, tal como se refere José Clóvis de Azevedo, quando trabalha o conceito de mercoescola.⁶

⁶ AZEVEDO, José Clóvis de. **Reconversão cultural da escola:** mercoescola e Escola Cidadã. Porto Alegre: Sulina. Editora Universitária Metodista, 2007.

Assim, a crise socioambiental reflete também a crise na educação, a qual, nos moldes da sociedade capitalista, está amparada em uma perspectiva antiutópica, individualista, de conformismo com o princípio de dominação social e que possui o papel de adaptar o ser humano a um padrão de comportamento que reforça sua subordinação ao atual sistema econômico. A práxis educativa vai ao encontro da máxima de que ser racional no mundo contemporâneo é comportar-se e agir segundo as regras estabelecidas pela sociedade, é se adequar à realidade existente e conformar-se com ela. Neste sentido, o sujeito do mundo moderno age estando subordinado a determinados interesses capitalistas, não questionando os padrões estabelecidos. O educador, conformando-se com esse contexto, torna-se um indivíduo impotente à realidade, que não contribui com a sua desmitificação. Assim, a educação, desviando-se de seu objetivo, colabora para manter o consenso passivo, a manipulação.

O papel utópico de desvelamento da realidade, próprio da investigação exercida de maneira crítica, Bloch atribui ao processo de construção do conhecimento crítico, o qual constitui o contragolpe antecipador, que se contrapõe ao contragolpe que desfigura o existente, harmonizando-o, embelezando-o. De acordo com o autor, transmitir uma realidade enganosa é função da ideologia: “(...) aqui o existente é complementado, é verdade que de modo amplamente abstrato e idealista e jamais de modo dialeticamente explosivo e real.”(Bloch, 2005, p. 148).

Mas a própria ideologia possui uma função utópica, pois reflete os interesses e os ideais de uma classe que afirma serem os interesses e ideais de toda a humanidade. Seria a influência utópica no próprio interesse do lucro: “A boa consciência da vantagem recíproca ainda foi embelezada pelo fato de todos os seres humanos serem encarados como comerciantes livres com crescente capacidade de permuta e cujo interesse pessoal, se bem compreendido, era equivalente ao interesse coletivo”. (Bloch, 2005, p. 150). A união entre as pulsões egoístas e as pulsões imaginadas reforçou o ideal de uma classe burguesa em ascensão, mostrando que algo antecipador se encontrava na luta deste setor da sociedade.

Assim como Bloch, Horkheimer coloca a filosofia como campo que torna os homens conscientes da contradição entre ideologia e realidade existente: “A filosofia é o esforço consciente para unir todo o nosso conhecimento e penetrar dentro de uma estrutura lingüística em que as coisas são chamadas pelos seus nomes corretos” (Horkheimer, 2002, p. 179). Entretanto, compreender as contradições da cultura existente não significa a superação dos seus aspectos negativos. O autor nega que o interesse da filosofia seja o ativismo político, isto seria uma atitude prematura que confundiria reflexão crítica com planejamento. Mas o papel

da filosofia, o esforço teórico necessário ao próprio processo de construção da sociedade deve estar aliado a uma práxis, do contrário, torna-se saber abstrato:

(...) a realização do homem em uma sociedade adequada a ele e a própria construção dessas condições não são apenas um exercício teórico-especulativo. Se é verdade que a teoria representa um momento importante – e mesmo indispensável – desse processo, não é menos certo que ela não substitui a luta histórica e sem ela torna-se mera abstração. (Oliveira, 1998, p. 35-6).

Portanto, torna-se fundamental refletir a crise socioambiental da atualidade e, especialmente, sobre o papel da Educação Ambiental e o sentido da ciência em uma época em que o esclarecimento está preso ao processo global de produção, em que o pensamento racional se torna instrumento de controle social, gerando formas irracionais e desumanas de vida em sociedade, fortalecendo o mito de que o progresso conduz a humanidade à felicidade e à liberdade. Assim, o progresso da razão iluminista possibilitou aos homens livres o direito à propriedade individual, reforçou a desigualdade através da separação entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, instaurando um processo social de dominação através da divisão do trabalho. Destaca-se, dessa forma, que o inconformismo de Horkheimer está relacionado à naturalização das formas de dominação e exploração na sociedade moderna, ao sujeito individualizado, anulado em face dos poderes econômicos, escravizado pelos medos e mitos: “Os homens renovam com seu próprio trabalho uma realidade que os escraviza em medida crescente e os ameaça com todo tipo de miséria. A consciência dessa oposição não provém da fantasia, mas da experiência”.(Horkheimer, 1980, p.134).

Horkheimer não nega que a razão é emancipadora do ser humano. Dessa forma, o inconformismo do autor está relacionado à forma como foi conduzido o projeto de racionalidade, pelo fato de estar subjugada a interesses e valores que justificam a opressão, a dominação e as injustiças, fatores que caracterizam a denominada crise socioambiental. Critica a razão individualizada, subordinada a interesses pessoais. Nesse processo, os fundamentos da razão são negados, são revertidos a um aspecto irracional. Sua crítica se refere à razão que se desviou do seu objetivo, revertendo-se a um estado mitológico. Portanto, faz a denúncia de uma razão que se tornou cega diante da realidade existente, negando a contradição entre o progresso e as condições desumanas, subordinando-se aos interesses do mercado capitalista, que é percebida como entidade intelectualizada, neutra, reguladora do comportamento do ser humano e das relações que estabelecem entre si.

Estas formas desumanas determinadas pela razão econômica neoliberal se refletem na trajetória histórica de vivências dos pescadores artesanais, na forma como seu trabalho vem sendo explorado durante toda a sua vida pelos grandes empreendimentos pesqueiros e pelos “atravessadores”. Em tempos de crise da razão, de formas desumanas de vida em sociedade, de esgotamento dos recursos naturais, o quanto necessárias e relevantes se mostram as utopias que constroem o social, o quanto importante se torna desvelar as realidades destas populações marginalizadas, investigar a forma como procuram superar as suas dificuldades do cotidiano, no seu modo de se organizar e de compreender a realidade e as relações humanas.

4.2. Desejos normatizados, sonhos de consumo

A vitrine reflete e assim multiplica o que deveria se passar no comprador, o que ele gostaria de ser em termos pequeno-burgueses, para que compre. (Bloch, 2005, p. 333).

Pois essa esperança está fundada no impulso humano para a felicidade e dificilmente poderá ser destruída, e com suficiente clareza ela sempre foi um motor da história. Ela o foi como expectativa e instigação para um objetivo positivamente visível, pelo qual importa lutar, e dá impulso para frente no transcurso monótono do tempo. (Bloch, 2005, p. 430).

Os teóricos da denominada Escola de Frankfurt, representada neste trabalho por Max Horkheimer e Ernst Bloch, podem ser tomados como referência para refletir a crise socioambiental como consequência do modelo de racionalidade que foi desenvolvido pela

civilização ocidental. O processo de questionamento do ideal emancipador da razão, de crítica ao modelo de racionalidade econômica marca a reflexão destes teóricos.

Cumprе salientar que, nesta etapa do trabalho, pretende-se retomar aspectos da crítica ao modelo contemporâneo de fundamentação da razão, salientando a crise socioambiental como reflexo de uma crise da racionalidade econômica, como imperante que ultrapassa o aspecto teórico, atingindo a trajetória e utopias das populações de pescadores artesanais.

A proposta é refletir o sentido do progresso tecnológico, do conhecimento e das utopias de consumo na sociedade atual. Portanto, pretende-se problematizar os conceitos de racionalidade econômica, crise socioambiental e desejos normatizados, utilizando as contribuições dos autores citados e estabelecendo um diálogo com a problemática vivenciada pelos pescadores artesanais.

Na crise da razão emergem fatores que caracterizam a crise socioambiental do nosso período, marcado por um pensamento que está subordinado a interesses comerciais, e tanto as idéias, a linguagem, como a natureza foram funcionalizadas, o mundo das coisas, perdeu o sentido, tornaram-se bens reduzidos ao seu valor de troca. O sentido da atividade humana adquiriu um novo significado com o advento da sociedade industrial e pós-industrial, reduzindo-se ao seu valor utilitário ao sistema econômico: “As atividades são classificadas como sendo sem sentido ou supérfluas, como luxos, a menos que tenham, alguma utilidade ou, como durante a guerra, contribuam para manter e salvaguardar as condições gerais sob as quais a indústria pode florescer”. (Horkheimer, 2002, p. 48). O próprio trabalho adquiriu um outro sentido, não sendo valorizado como resultado de trabalho físico, de criatividade, mas pelo seu valor produtivo ao sistema econômico, pelo seu valor rentável.

Os pescadores reivindicam essa valorização do seu trabalho, visto a sua importância dentro da economia da cidade do Rio Grande. A formação da cooperativa representa uma tentativa de buscar esta valorização profissional: “*Nós não somos simplesmente pescadores, nós somos trabalhadores que movimentam um município, se der uma boa safra de peixe e de camarão o comércio está cheio*”. (pescador da cooperativa).

A crise socioambiental é reflexo do modelo de racionalidade que se instaurou na atualidade, denota um conflito atual existente nas relações que os seres humanos estabelecem entre si e com o meio ambiente: no modo de perceber a natureza como fonte de uso inesgotável de energia e o humano como mercadoria. Seria a própria coisificação do homem e da natureza.

Nesse contexto, a ciência possui um papel decisivo, pois através de suas teorias justifica e legitima um modelo de desenvolvimento econômico que objetiva o aumento do

padrão de consumo, de bens materiais, o uso indiscriminado dos recursos naturais: “(...) tanto a vida humana quanto o equilíbrio dos sistemas não-humanos que fazem parte do “meio ambiente” estão ameaçados pelo capitalismo, em especial pelos efeitos destrutivos da ciência e da tecnologia transformada pelo capital na sua principal força produtiva”. (Velasco, In: Ruscheinsky, 2002, p. 40).

Entretanto, a crítica não está relacionada ao avanço da ciência e da técnica em si, mas ao modo como estes avanços estão sendo utilizados e para qual parcela da sociedade estão reservados os seus benefícios. Um exemplo disso é o sistema de avanço na saúde, na área da genética, no desenvolvimento de novos medicamentos para prevenir e combater certas doenças. Apesar da humanidade se vangloriar deste progresso, apenas uma pequena parcela da população tem acesso a este desenvolvimento tecnológico. A ciência, neste sentido, torna-se instrumento de poder e mais um elemento que fortalece a desigualdade social.

Nesse sentido, cabe ressaltar, que o fetiche da tecnologia constitui uma das bases do processo de produção e reprodução do capital e de seus interesses. É interessante observar que esse processo se reflete na desigualdade do uso do progresso tecnológico entre a pesca artesanal e a industrial: revela-se como um dos fatores que fortalece a dependência dos pescadores artesanais em relação aos denominados *atravessadores*. A impossibilidade de terem acesso a estes avanços limita a capacidade de pesca do profissional artesanal, prejudicando a sua posição de competitividade e conseqüentemente seus rendimentos, já que se encontra em plena desvantagem em relação àqueles profissionais que possuem capital para investir nestas inovações. Assim, ao contrário do trabalhador da pesca industrial que utiliza o radar e o sonar para aumentar a sua produtividade, o pescador artesanal emprega o seu conhecimento empírico para a localização dos cardumes, observando, por exemplo, as diferenças nas ondulações da superfície da água.

Diante desse contexto de naturalização e reprodução de uma ordem que se apresenta como única e possível alternativa de organização social, torna-se urgente o rompimento com essa visão apática e submissa da sociedade em relação aos efeitos do avanço da ciência e da tecnologia. Reivindica-se, portanto, uma reflexão crítica em relação à intencionalidade e objetivos da atual lógica de produção e desenvolvimento econômico, bem como a possibilidade de denúncia deste modelo de racionalidade.

A crise socioambiental é o resultado histórico da maneira como o humano interage com o restante da natureza, da sua concepção na forma de percebê-la como espaço utilitário, sem avaliação e reflexão das conseqüências opressoras e devastadoras na vida humana e não-humana. Assim, a crise socioambiental denota uma crise de ética, crise de valores,

evidenciando a necessidade do imperativo debate das situações que refletem aspectos dessa problemática, relacionadas tanto ao esgotamento dos recursos naturais e extinção de espécies, quanto ao aumento do padrão de consumo, da desigualdade e das injustiças sociais, da precarização das condições de trabalho, da insegurança e incertezas da vida do cotidiano.

Fomos tomados pela beleza do sacrificial, da insensibilidade com o sofrimento da vítima, com o sentimento de culpa, pela inexorabilidade do inferno que criamos, acostumamo-nos com a morte. Estamos nos acostumando com a beleza do inferno, com o gosto pela tecnodestruição, pela satisfação com o descartável, pelo gosto do consumo desnecessário, pela sociedade do esbanjamento, pelo espetáculo da combustão. (Passos e Sato. In: Ruscheinsky, 2002, p. 31)

O processo de desenvolvimento científico, de progresso tecnológico, gerou práticas sociais que tiveram uma influência direta na cultura, nos saberes de diversas populações, alterando o sentido do trabalho e de toda e qualquer atividade humana, dando-lhes um novo significado, gerando mudanças nas relações estabelecidas entre os sujeitos sociais e o meio que lhes cerca: “(...) o que há de inédito na crise ambiental do nosso tempo é a forma e o grau em que a racionalidade da modernidade vem intervindo no mundo, sovacando as bases de sustentabilidade da vida e invadindo os mundos de vida das diversas culturas que conformam a raça humana (...)” (Leff, 2006, p. 17).

Os pescadores artesanais vivenciam esse contexto atual de crise socioambiental de uma maneira peculiar, já que sua sobrevivência depende diretamente das espécies capturadas no meio ambiente. Podemos aqui, explicitar alguns processos que caracterizam a conjuntura atual dessa crise relacionada ao contexto de vivências destes profissionais: o processo de urbanização acelerado sem um planejamento sustentável ao meio ambiente e às comunidades aumentou a quantidade de resíduos poluentes (agrotóxicos, esgotos, resíduos industriais,...) despejados nos rios e lagoas, acarretando uma diminuição de espécies; o aumento da população das cidades elevou ainda mais os índices de desemprego, principalmente, entre as mulheres de pescadores; o pescado diminuiu consideravelmente, quando comparado há décadas passadas, sendo que algumas espécies já se encontram em extinção; ocorre também dificuldades de acesso das comunidades à saúde, educação e saneamento básicos, entre outros; a desigualdade no acesso às tecnologias de pesca favoreceu a posição de competitividade do pescador industrial no mercado, prejudicando o profissional artesanal que não possui capital suficiente para adquirir estes avanços, aumentando sua dependência em

relação ao atravessador. Como afirma um pescador artesanal, é fundamental ter acesso às tecnologias de pesca para poder competir no mercado com as indústrias e os comerciantes intermediários, e esse objetivo os pescadores alcançaram com a formação da cooperativa: *“O nosso primeiro objetivo era tirar o atravessador que leva só o lucro e não investe nada, e em benefício nosso e das pessoas que nos rodeiam, mesmo aqueles que não são sócios, nós estamos dando um melhor preço e lucro, (...) o nosso objetivo nós inicialmente conseguimos, só que falta ainda mais estrutura para que melhore mais ainda, (...) [estrutura para] poder embalar o nosso produto sem precisar depender de qualquer indústria.”*.

As dificuldades do trabalho com a pesca, a situação de miserabilidade em que se encontram estas populações, é consequência do modelo de racionalidade que se consolidou, do processo de desenvolvimento econômico e tecnológico que gerou um aumento da desigualdade social, um consumo desregrado e intensa exploração do ser humano e do meio ambiente. Assim, cabe aqui se questionar sobre as forças obscuras que agem sobre os efeitos destrutivos da razão e o motivo pelo qual esse modelo de racionalidade seja aceito. Horkheimer reflete este questionamento afirmando que existe um princípio pelo qual justifica esse modelo e que é universalmente aceito como verdade, existe um consenso universal econômica e politicamente poderoso que busca reafirmar estes princípios. Princípios que são ilusórios, são mitos como, por exemplo, o mito de que todos terão acesso aos avanços e benefícios da tecnologia, como também o mito do progresso democrático. O autor coloca que mesmo o princípio da democracia está subordinado às cegas forças econômicas, sendo assim, muitas vezes pode servir como instrumento de controle social: *“Destituído do seu fundamento racional, o princípio democrático torna-se exclusivamente dependente dos chamados interesses do povo, e estes são funções das forças econômicas cegas ou mais do que conscientes. Não oferecem quaisquer garantias contra a tirania”*. (Horkheimer, 2002, p. 36).

O ser humano inserido nessa lógica é um ser escravizado: seus sonhos são manipulados, estão aprisionados à lógica do mundo globalizado. Constituem utopias de consumo, expressam o significado e o sentido utilitário dado ao mundo das coisas, ao meio ambiente e ao conhecimento.

O sujeito subjetivado pelo interesse individual não percebe a realidade além dessa lógica do mercado: a própria identidade de sonhador é constituído por ela. Por isso, os desejos normatizados do mundo globalizado, conceito utilizado por Ernst Bloch, constitui um dos elementos que sustentam o processo de produção do capital e de seus interesses. Configura o sujeito moderno guiado pelo espírito empresarial, com objetivos e necessidades que operam “não para submeter a matéria e a natureza aos ‘objetivos do homem’, mas sim à lógica do

capital” (Leff, 2006, p. 53). Este processo se percebe com os pescadores artesanais: ao formarem a associação adquiriram a visão empresarial, os saberes necessários para competir no mercado com os atravessadores e as indústrias. Assim, afirma um pescador da APESMI: *“Nós temos que conquistar espaço no mercado e, quem sabe, nós não conseguimos exportar, (...) colocar o nosso produto no mercado e outra coisa, a partir do momento que nós fizemos o nosso produto aqui [na sede da associação], [no momento] nós estamos fazendo ele nas fábricas que tem licença de saúde, mas o nosso camarão, a partir do momento que nós fizemos ele aqui, nós vamos ter qualidade e, você sabe que, se você quiser competir, a qualidade é fundamental”*.

Portanto, importante salientar que um dos pontos de reflexão de Ernst Bloch e Horkheimer está em relação ao que Bloch denomina de *desejos normatizados*, ou seja, as aspirações dirigidas pela burguesia, que refletem aquilo que a classe dominante quer do desejo do proletariado. Ambos afirmam que a indústria cultural reproduz uma realidade ilusória ao indivíduo: são as ilusões sedutoras da terra dos sonhos do mundo capitalista, dos sonhos do pequeno-burguês, despertados diante de uma vitrine:

A atração por fantasiar-se, a vitrine iluminada, faz parte disso, mas também o mundo dos contos de fada, o lugar longínquo embelezado na viagem, a dança, a fábrica de sonhos chamada cinema, o exemplo do teatro. Tais coisas criam a ilusão de uma vida melhor, como na indústria do entretenimento, ou realmente retratam uma vida que é mostrada em sua essência. (Bloch, 2005, p. 23-4).

De acordo com Horkheimer (2002, p. 144): “Todos os engenhosos artifícios da indústria da diversão reproduzem continuamente cenas banais da vida, que são ilusórias, contudo, pois a exatidão técnica da reprodução mascara a falsificação do conteúdo ideológico ou a arbitrariedade da introdução de tal conteúdo”. Esse processo de adaptação está relacionado à capacidade de autopreservação do sujeito moderno, à sua utilidade prática, sendo assim, suas aspirações devem se adaptar aos padrões existentes: “Desde o dia do seu nascimento, o indivíduo é levado a sentir que só existe um meio de progredir nesse mundo: desistir de sua esperança de autorealização suprema” (Horkheimer, 2002, p. 143).

Conforme afirma Bloch as necessidades despertadas pela vida moderna unificam os sonhos de consumo e os racionaliza. Mesmo na divagação mais longínqua, não é necessário modificar a realidade para alcançar a mentirosa felicidade da riqueza burguesa, este é o princípio imóvel de organização da sociedade afirmado pela indústria cultural. A

possibilidade de alcançar o sonho da ascensão social está relacionada a questões morais, de postura e comportamento do indivíduo: “(...) pois nem todos se tornam ricos e felizes; tal quantidade de açúcar não está disponível nem mesmo no mundo dos magazines. Apenas ao virtuoso está reservada uma conta bancária, ao perverso, e apenas para ele, está reservada a miséria (...)” (Bloch, 2005, p. 429).

Este pode ser considerado o processo de ajustamento do indivíduo, a racionalização do comportamento subjetivo do qual se refere Horkheimer, necessário à preservação do sistema. Mas por traz destes sonhos do pequeno-burguês, encontra-se uma linguagem do poder capaz de moldar as práticas materialistas dos sujeitos, que sentem sua liberdade aumentar conforme cresce a capacidade de escolha de bens de consumo.

Assim, àqueles que não se ajustam ao sistema “moral” da atual sociedade, restam-lhes a fome, as favelas e as prisões. Apenas aos moralmente bons, àqueles que possuem bom comportamento está reservada a chance da ascensão social, a possibilidade de um final pleno de riqueza e felicidade.

Tendo a imaginação reiteradamente aquecida, o pobre-diabo que em seus sonhos dourados se alça para as alturas, deve continuar acreditando que esses sonhos certamente poderão ser realizados no capitalismo, ao menos no capitalismo somado com paciência e algum tempo de espera. Entretanto, para o homem humilde não há ganhos na bolsa de valores da vida; todo cor-de-rosa acaba para ele numa sexta-feira sombria. (Bloch, 2005, p. 429).

A promessa do final feliz afirmada pela indústria do entretenimento, pelo cinema, novelas e comerciais, faz com que o ser humano se sinta atraído por uma ilusão, pela mentira de que todos terão um *happy end*, sem que, para isso, seja necessário transformar qualquer situação na realidade dada:

Onde o trabalho não proporciona mais nenhuma alegria, a arte é que deve desempenhar o papel de diversão, logro engraçado, *happy end* simulado. (...) Os frequentadores do cinema e os leitores das histórias de magazines vislumbraram ascensões sociais cor-de-rosa como se fossem a regra na sociedade atual, e como se apenas o acaso tivesse impedido o espectador ocasional de ser contemplado. (Bloch, 2005, p. 428-9).

Essa produção de necessidades na vida moderna é estimulada pelo desejo do ser humano de sobressair-se. O homem se torna uma mercadoria que deseja chamar a atenção pelo seu exterior, ou seja, existe o desejo de aparentar mais do que ser. Deixa-se seduzir com gosto porque está insatisfeito com a condição em que se encontra: deseja ser estimado como um ser humano melhor por aquilo que veste, pelo carro que usa, pelos bens que pode consumir, pelas viagens que realiza. Acredita que uma imagem atrativa pode passar confiança.

O ser humano, nesta perspectiva, torna-se uma mercadoria que se põe à venda, por esse motivo, precisa agradar. Isso ocorre, por exemplo, com aquele candidato a um emprego que precisa da imagem de como o seu chefe deseja que ele se apresente como empregado, caso queira passar esta imagem de confiança. No modo de vida capitalista, desejam-se dos empregados, imagens de um bom comportamento, de uma boa aparência, por isso, normatizam-se condutas, sorrisos, vestimentas, estimula-se a padronização do feminino e do masculino na pessoa contratada: “Para manter os dois [a imagem do feminino e do masculino] bem dentro desse padrão, há um espelho pendurado também em cada rua, em cada espaço público; há muitos espelhos pendurados, praticamente em cada passo que se dá”. (Bloch, 2005, p. 333). Como afirma Bloch, o objetivo é extasiar aquele que é tão sagrado quanto a propriedade, ou seja, o cliente. Fazer das mercadorias objetos mágicos, irresistíveis, capazes de “transformar qualquer possível necessidade real numa fraqueza”. (Bloch, 2005, p. 336).

As imagens sedutoras de felicidade, exibidas nos anúncios comerciais, nas vitrines, em revistas, na televisão, fazem das mercadorias objetos atrativos, fascinantes, desejados. É uma indústria que forma sonhos, que estimula a inquietação da vontade de possuir, que apresenta imagens ilusórias de felicidade, de uma vida mais confortável e elegante quando se podem comprar as mercadorias.

Há uma luz entre as árvores provinda das casas iluminadas, do lugar ao final, e ela chama. Mas o que chama aí na verdade é a mercadoria esplendidamente iluminada atrás dos vidros, que procura clientes. Ao modelo sob medida vem somar-se, portanto, a vitrine, para estimular a vida elegante que se deseja. A vitrine só veio a surgir com o mercado capitalista aberto, e ela ainda tem, sintomaticamente com mais intensidade no Ocidente, a propriedade de estimular necessidades, principalmente aquelas com uma ‘nota pessoal’. Com o propósito de satisfazer com isso o desejo íntimo do próprio negociante: auferir lucro. (Bloch, 2005, p. 334).

Apesar desse contexto de adaptação, de normatização de necessidades, o ser humano não é totalmente resignado a esse estado de coisas. Existe um movimento de resistência no indivíduo que nega e desafia a máscara comercial desse modelo de felicidade. Portanto, a relação do sujeito com esse processo de dominação técnica e mecanização da vida é uma relação de permanente conflito, em que não existe uma total apatia e conformação.

O objetivo dessa indústria estimuladora de sonhos de consumo é negar e eliminar qualquer possibilidade de resistência e espanto a este mundo fascinante das aparências. Entretanto, o ser humano resiste quando desenvolve sua capacidade criativa, quando dedica o seu tempo livre (aquele tempo que não é preenchido pelo trabalho explorado) ao ócio ou à realização de atividades que realmente lhe proporcionem prazer e conhecimento.

Assim, existem momentos que fogem do prolongamento do trabalho explorado, momentos benéficos à tranquilidade do ser humano, de reorganização e reflexão da sua vida. Pode ser a leitura de um livro, uma viagem ou um passeio a lugar que aprecia ou que traz boas recordações. São estes momentos que alimentam as nossas imagens de felicidade, que possibilitam ressignificar o mundo como princípio de bem-estar, tranquilidade e acolhimento: “(...) o devaneio criador anima os nervos do futuro”. (Bachelard, 1988, p. 154).

Os devaneios criadores possibilitam submergir o próprio tempo do contexto habitual do mundo, ressignificando a comunicação do sujeito com a sua realidade: “Semelhantes devaneios da vontade preparam e sustentam a coragem no trabalho. (...) A imaginação deve, portanto, servir a vontade, despertar a vontade para todas as novas perspectivas. E é assim que um sonhador de devaneios não pode satisfazer-se com os devaneios costumeiros”. (Bachelard, 1988, p. 204-5). Portanto, em meio aos desejos normatizados, existem aqueles que escapam a esta lógica manipuladora e mecanizadora de sonhos, relacionados à imaginação criadora, que recriam a transcorrência constante e monótona do tempo e alimentam as nossas esperanças de construir um mundo melhor, em que o *happy end* signifique uma sociedade sem exploração e desigualdade social. O ser humano possui esta potencialidade de recriar, de imaginar como expectativa instigante, impulsionadora do movimento de concretização de possibilidades.

Assim, como reflexão conclusiva, percebe-se que a crítica ao modelo contemporâneo de fundamentação da razão não representa o abandono e renúncia da própria razão, não significa orientar a ação através de sentidos ocultos, não pensados. A crítica, portanto, volta-se à razão que assumiu um aspecto irracional, desvinculando-se da emoção, dos sentimentos e da imaginação criadora. Sobre isso, afirma Frei Betto (In: Betto e Cortella, 2007, p. 25): “Não somos só razão. Somos sentimento, emoção, inteligência, intuição. Essa é a matéria-prima da

nossa esperança. Ela nasce dessa capacidade do coração de se projetar no tempo, pois se não houvesse projeção no tempo, não haveria esperança”.

Ao defender a razão enquanto teoria-práxis inerente ao processo de emancipação da humanidade, Horkheimer afirma que o esforço teórico de investigação crítica da realidade necessita de sua práxis libertadora, com interesse na transformação: “Esse interesse, que é reproduzido necessariamente pela injustiça dominante, deve ser enformado e dirigido pela própria teoria, ao mesmo tempo que exerce uma ação sobre ela”(Horkheimer, 1980, p. 153). Atribui à filosofia o potencial utópico de percepção dos conflitos entre o ideal e o real do progresso capitalista e inserção da práxis racional na sociedade e na própria educação.

A Teoria Crítica, ao acreditar na razão como elemento capaz de transformar as condições objetivas da sociedade industrializada, mas uma razão que reconhece os seus limites, deposita confiança na espécie humana e esperança no futuro da humanidade. Compreende-se que o processo de emancipação da humanidade constitui um processo direcionado para a mudança dos seres humanos em suas formas de pensar e agir. Nesse sentido, deve-se compreender a realidade como *tendência*, ou seja, como tensão e conflito, bem como *latência*, como sendo a possibilidade real e objetiva do que ainda não se concretizou.

O inconformismo com o estado de crise sociambiental, de produção de mitos e escravização do ser humano manifesta um interesse da função utópica, a saber, a necessidade de reflexão crítica do modo de funcionamento da sociedade, a capacidade de se angustiar diante do sistema e de se identificar com o sofrimento do outro. Ou seja, deve-se desenvolver uma racionalidade que seja capaz de unir razão e sentimento, razão e emoção.

Gaston Bachelard denomina de *surracionalidade* esta outra forma de pensar, sentir, imaginar, valorar e significar a vida humana, o meio ambiente e as relações sociais, enfim, as coisas do mundo. Enfatiza-se a importância do sonho enquanto processo criativo, de libertação, denúncia e reflexão crítica da realidade. Um dos desafios da Educação Ambiental é potencializar a prática de construção de sonhos despertos que permitam repensar os fundamentos da civilização moderna, conjecturando outras possibilidades de vivência em sociedade, que contrariem os princípios e valores ditados pela racionalidade econômica guiada pela lógica do mercado.

Portanto, é papel da Educação Ambiental frente à crise socioambiental contribuir para a falência de uma razão que oprime o sujeito, que o leva à abstração e à renúncia de seus sonhos, instaurando o poder autoritário e a capacidade de indiferença frente ao outro, o que Theodor Adorno denomina de desenraizamento do indivíduo. E enquanto o indivíduo se

identifica com o poder, com a personalidade autoritária, não possui capacidade de denúncia e reação. Deve-se desenvolver uma outra concepção de razão, uma outra forma de pensar e sentir, que compreenda e reconheça a existência do permanente conflito entre razão e imaginação, em que o ser humano se perceba como sujeito social de criação, descobertas, sonhos e esperança, capaz de construir sua própria trajetória. Este é o desafio da educação: despertar para a necessidade de que, para além da razão, seja trabalhado também a emoção, a criação, a intuição e o fortalecimento da esperança.

4.3. Educação Ambiental: expressão de uma utopia pedagógica

Podemos e devemos continuar progredindo e nos desenvolvendo. Mas com uma nova sensibilidade e um novo sentido humano de partilha, de gratuidade, de generosidade, de solidariedade, de cooperação, de participação crítica e criativa, e de uma amorosa co-responsabilidade para com Nós mesmos, para com a vida e para com o nosso Mundo.
(Brandão, 2005, p.81)

As reflexões trabalhadas anteriormente pretenderam realizar uma crítica ao modelo imperante da racionalidade econômica e sua influência e repercussão no processo de construção do conhecimento científico e suas finalidades, na educação e produção de mitos. As conseqüências deste modelo de racionalidade também se perceberam em relação ao fator de discrepância entre progresso tecnológico, bem-estar e justiça social, no contexto de naturalização de formas desumanas de vida em sociedade e produção de necessidades ou sonhos de consumo, elementos que são a expressão da crise socioambiental da atualidade.

Destaca-se que a importância desta discussão está relacionada à necessidade de um entendimento sobre a influência e os reflexos desta lógica na educação e na trajetória,

escolhas e sonhos dos pescadores artesanais e sobre o papel que tem a cumprir a Educação Ambiental nesse contexto. Diante da crise socioambiental, a Educação Ambiental surge como proposta de enfrentamento a esta conjuntura, demandando para um processo educativo que aponte para a possibilidade de fortalecermos nossa esperança e construirmos sonhos de mudança.

Entretanto, a Educação Ambiental deve suscitar processos educativos direcionados para a problematização crítica do contexto em que vive a comunidade, para a necessidade de promover mudanças nas suas formas de mobilização e organização, gerando processos participativos, de modo que impulse a intervenção na sua relação com o governo e a iniciativa privada, bem como estimule interferências nas políticas públicas. Desse modo, “(...) é preciso ir além e explicitar as opções, fazendo com que as nossas ações se traduzam em escolhas e atitudes claras e em efeitos coletivos e sociais”. (Loureiro, 2004, p. 48).

Dentro dessa lógica de crise socioambiental, os pescadores artesanais procuram elaborar alternativas de geração de renda que possibilitem a vivência de um presente melhor e o vislumbre de um futuro melhor para si e suas famílias. Este é o sentido do cooperativismo na vida desta comunidade de pescadores artesanais, sujeitos desta investigação: potencializar o processo de vivência e construção de sonhos possíveis, voltados para a esperança, no contexto da pesca artesanal.

O processo educativo no espaço do trabalho cooperativo da pesca artesanal deve impulsionar a possibilidade de efetivação dos interesses e necessidades da vida da coletividade. Nas palavras de Paulo Freire, a educação como ato político deve levar a pensar criticamente as relações sociais de poder e dominação, por isso é necessária uma educação que “ilumine” a realidade. À educação, portanto, Freire atribui o papel de desmitificação da realidade.

(...) a ideologia dominante ‘vive’ dentro de nós e também controla a sociedade fora de nós. Se essa dominação interna e externa fosse completa, definitiva, nunca poderíamos pensar na transformação social. (...). Enquanto seres humanos conscientes, podemos descobrir como somos condicionados pela ideologia dominante. Podemos distanciar-nos de nossa época. Podemos aprender, portanto, como nos libertar através da luta política na sociedade. Podemos lutar para ser livres, precisamente porque sabemos que não somos livres!. (Freire, 1986, p. 25).

Através da reflexão crítica sobre o seu contexto de vida e sobre sua existência, os pescadores artesanais devem interrogar, questionar e desafiar a sua situação de exploração,

através de um esforço permanente de construção de alternativas que permitam uma interferência nas práticas de superexploração. Estes projetos populares de trabalho e renda, de geração de economias associativas constituem iniciativas que, apesar de contribuir no processo de luta pelas garantias de direitos fundamentais e por condições de trabalho qualificado, não podem ser compreendidos fora do sistema de produção global, desvinculados dos conflitos e contradições que caracterizam o atual modo de produção. Entretanto, apesar de englobar as contradições inerentes ao atual sistema de produção, o cooperativismo pode contribuir para romper com o aparente rumo natural dos acontecimentos enquanto princípio educativo orientado para a construção de alternativas utópicas de organização do trabalho e da vida.

Paulo Freire acredita no processo de libertação do ser humano através da educação conscientizadora, entretanto, deve-se compreender que a necessária emancipação do ser humano envolve a inter-relação dos fatores econômicos, políticos, sociais e educacionais. Freire atribui à educação uma função utópica – constitui o caminho das possibilidades de realização das potencialidades ainda latentes da humanidade. Para este educador, a utopia está relacionada à dialética da denúncia e anúncio, ou seja, como sujeitos históricos e transformadores da realidade, tem-se a necessidade da denúncia de um presente opressor, desumanizador, ou seja, a denúncia da própria razão, e anúncio de uma nova existência humanizadora, de um futuro a ser criado e construído, política e eticamente pelos seres humanos, este processo representa o desenvolvimento do pensamento crítico e racional.

Neste sentido, a utopia é entendida como processo auto-reflexivo das contradições do presente e reflexão crítica do futuro. Ernst Bloch (2005, p. 22) assim define o princípio utópico: “(...) a categoria do utópico possui, além do sentido habitual, justificadamente depreciativo, também um outro que de modo algum é necessariamente abstrato ou alheio ao mundo, mas sim inteiramente voltado para o mundo: o sentido de ultrapassar o curso natural dos acontecimentos”.

O compromisso histórico que se apresenta à Educação Ambiental, portanto, é o compromisso de denúncia do modelo de racionalidade econômica e anúncio de possibilidades e alternativas que desafiem o projeto neoliberal e permitam construir uma outra referência de felicidade que confronte com o modelo de organização da sociedade vigente. Neste contexto, o cooperativismo constitui uma das alternativas de Educação Ambiental presente no espaço da pesca artesanal enquanto forma de luta e enfrentamento à situação de exploração, insegurança e precarização das condições de trabalho dos pescadores artesanais.

Não podemos fechar os olhos e negar a gravidade dos problemas ambientais que tem assolado a sociedade da economia do mundo globalizado: aquecimento global, períodos longos de secas, efeito estufa, doença da febre asiática, gripe do frango, aumento das áreas desérticas, devastação de áreas florestais, poluição das águas, aumento da desigualdade social, deterioração das condições de vida e de trabalho. Entretanto, torna-se necessário compreender que a problemática da crise socioambiental está relacionada a uma crise do modelo estrutural de sociedade. Portanto, é fundamental que partamos da crítica desse modo de organização para podermos conjecturar as mudanças que são necessárias para reverter a lógica destruidora dos meios de vida.

Longe de apenas vislumbrar uma visão catastrófica, a Educação Ambiental, pelo contrário, tem o papel de fortalecer o sentimento de esperança, apesar desse contexto. A utopia ambiental aparece no sentido da criação de uma sociedade sustentável. Mas o que significa uma sociedade sustentável? Qual o caminho para a concretização desta utopia? São questionamentos que temos que tomar um certo cuidado, pois podemos correr o risco de idealizar modelos de sociedade, desconsiderando o processo histórico e por isso dinâmico da realidade. Por esse motivo, torna-se necessário problematizar a intencionalidade, o sentido e significados presentes nas visões que configuram o conceito de sustentabilidade, tão enfatizado em pesquisas científicas, ações comunitárias e em projetos de natureza pública e privada. Neste sentido, o debate crítico deve ser um exercício permanente: problematizar a intencionalidade dos discursos, a compreensão teórica e a visão de projeto de sociedade presentes nas diferentes orientações e compreensões da questão ambiental e suas problemáticas. Desse modo, é papel da Educação Ambiental promover o embate de idéias, o diálogo crítico e desvelador dos conflitos, como afirma Loureiro (2004, p. 141):

A educação, por ser uma prática social, expressa o modo como nos organizamos e vivemos em sociedade, como nos compreendemos como ser da natureza e, simultaneamente, manifesta e potencializa os questionamentos e reflexões sobre a realidade, num processo de crítica e auto-crítica, de ação política e de conscientização coletiva. Logo, é parte constitutiva da Educação Ambiental buscar entender e atuar no campo dos embates de idéias, dos conflitos sociais, assumindo posições, contrapondo tendências que buscam se afirmar hegemonicamente, num contínuo movimento de aprendizagem, de viabilização de novos patamares societários e civilizacionais.

Entretanto, parece-nos um pouco piegas falarmos em sonhos de mudança e fortalecimento do sentimento de esperança diante da amplitude dos problemas ambientais que assolam a sociedade como um todo. Em certos momentos o sentimento que nos abate é de vulnerabilidade e impossibilidade de realmente fazermos alguma diferença neste sentido. Como posso falar em mudança de valores, utopias, esperança, solidariedade, diálogo e cooperação se o cenário em que vivo tende a negar permanentemente a prática destes princípios?

Mas é como enfrentamento a este contexto que devemos fortalecer nossa esperança, falar em possibilidades de mudanças mesmo que sejamos taxados de utópicos como foi Paulo Freire, Marx, Gandhi, Che Guevara e outros, como os pescadores artesanais, sujeitos desta pesquisa, que mobilizaram sua comunidade a formarem uma cooperativa em busca do sonho de romperem com as relações de exploração a que estavam submetidos. Por isso, a esperança é elemento constitutivo da nossa capacidade ontológica de sonhar:

Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se. (...).

A utopia implica essa denúncia e esse anúncio, mas não deixa esgotar-se a tensão entre ambos quando da produção do futuro antes anunciado e agora um novo presente. A nova experiência de sonho se instaura, na medida mesma em que a história não se imobiliza, não *morre*. Pelo contrário, continua. (Freire, 1992, p. 91-2).

A História é construída a partir de sonhos, a ciência se edifica a partir de sonhos – todo projeto científico surge da necessidade de alcançar uma descoberta para suprir uma carência, o próprio sistema capitalista se constituiu a partir de um projeto utópico. Desse modo, o sonho é um processo construtivo presente nas realizações da humanidade, conforme coloca Ernst Bloch, quando fala das utopias médicas, das utopias sociais, das utopias religiosas com o sonho do paraíso, e das utopias que constroem as imagens de esperança presentes na literatura, poesia, música e teatro.

Dizer que não há mais porque sonhar é desconsiderar a história como possibilidade, como processo dinâmico, passível de mudanças e rupturas, é perceber a situação em que nos encontramos como pura tragédia. Mario Sergio Cortella faz uma interessante reflexão a esse respeito afirmando que as duas vertentes de cosmovisão predominantes no Ocidente são a trágica e a dramática. Sobre a perspectiva trágica afirma o seguinte: “A determinação – “vida

é destino”, estamos fadados a certos comportamentos, nada do que o humano fizer poderá alterar o curso dos acontecimentos porque tudo já está escrito e assim será. Em toda a literatura clássica grega podem-se observar aspectos trágicos. (...) Não há alternativa”. (Cortella. In: Betto e Cortella, 2007, p. 19-20).

Portanto, nos eventos trágicos não ocorre a possibilidade de escolha, como acontece no drama, os acontecimentos são fatos determinados. Por exemplo, uma safra de camarão mal sucedida devido às fortes chuvas que diminuíram a salinidade da água na Laguna dos Patos é uma tragédia, mas a situação de exploração e miserabilidade em que se encontram as populações que sobrevivem da pesca é um drama, portanto, uma escolha da sociedade. Assim, o fato de predominar uma sociedade do consumo, da produção do descartável, do desperdício, da apropriação privada e desigual dos bens ambientais, é reflexo das opções feitas pela humanidade. A crise socioambiental não é uma tragédia, mas consequência das escolhas que fizemos ao adotar um determinado modelo de organização da sociedade.

O trabalho cooperativo da pesca artesanal pode ser pensado como um espaço de construção dos sonhos possíveis em Educação Ambiental, desde que atue no sentido de fortalecer o desenvolvimento de processos produtivos de autogestão enraizados nos saberes tradicionais e nos sonhos, objetivos e perspectivas das comunidades ribeirinhas. A Educação Ambiental deve potencializar a prática da utopia, assumindo o desafio de reelaborar a noção de razão, questionando a compreensão que a toma enquanto instância imperante e autônoma, trabalhando a perspectiva da relevância do sonho, da imaginação, da criação e invenção no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula e nas ações comunitárias. Essa perspectiva de Educação Ambiental vincula a noção de *surrationalisme*⁷, de Gaston Bachelard, ao princípio de *racionalidade ambiental*⁸, de Enrique Leff, conceitos que problematizam a importância dos sonhos, dos sentimentos, da imaginação e criatividade humana na experiência científica, na práxis pedagógica, nas práticas sociais e no pensar outros mundos de vida. De acordo com Rodrigues (2005, p. 67), Bachelard edifica a possibilidade de pensar e viver ou aprender a viver um mundo sonhado, através das experiências imaginárias. Este é um dos desafios da Educação Ambiental: irromper com a perspectiva trágica e determinista da história, resgatando a potencialidade da dimensão imaginária e criativa do ser humano, a força inventiva e instabilizadora dos sonhos despertos.

⁷ Sobre o conceito de *surrationalisme* em Gaston Bachelard, que pode ser traduzido como surracionalismo, ver artigo RODRIGUES, 2005, v.15. Disponível em: www.remea.furg.br.

⁸ Sobre o conceito de racionalidade ambiental, ver LEFF (2006).

O sonho desperto liga o homem a si mesmo e o prepara para experiências imaginárias salutares e autônomas com relação à realidade cotidiana. O sonho desperto prepara o filósofo-sonhador para predispor-se aos instantes de espanto imaginário, que contrariam a lógica anti-onírica da vida cotidiana. O sonho desperto prepara o homem para um viver saudável consigo mesmo e com seu mundo, tornando concretas as experiências de liberdade, felicidade e bem estar (...). (Rodrigues, 2005, p. 67).

Esta concepção de Educação Ambiental que considera a dimensão onírica como instância presente no espírito científico, nas relações humanas e projetos de sociedade, torna-se necessária enquanto questionamento e enfrentamento à concepção de racionalidade econômica de um mundo insustentável, que nega a possibilidade de sonhar e esperar. A experiência onírica – o sonhar e imaginar possibilidades de encantamento do mundo - retoma o sentido da crítica à crise ambiental e à perspectiva antiutópica do projeto de modernidade, percebida como “(...) decadência da vida, como vontade de suicídio do ser e extermínio do outro, como a perda de sentidos que acarreta a coisificação do mundo e a mercantilização da natureza”. (Leff, 2006, p. 20).

Importante salientar que a concepção de Educação Ambiental confronta uma série de visões, significados e interesses, muitas vezes, vinculadas à idéia de manutenção do atual desenvolvimento econômico, de lógica de consumo e padrão de exploração dos recursos naturais. Essa perspectiva desconsidera todo processo histórico de destruição do meio ambiente (extinção de milhares de espécies vegetais e animais, derretimento acelerado dos pólos, seca onde antes havia água em abundância, incêndios florestais), de genocídio cultural dos povos do Terceiro Mundo em nome do avanço tecnológico e econômico, nega a existência da própria crise ambiental e suas conseqüências devastadoras à vida dos ecossistemas, visões muitas vezes, embasadas em pesquisas científicas. Uma delas é sobre o aquecimento global, afirmado por muitos cientistas como sendo um fenômeno relacionado a alterações climáticas causados não pela ação humana, mas constitui um fenômeno exclusivamente natural ocasionado por variações na atividade solar.

Assim, afirma-se que a Educação Ambiental somente tem sentido nos dias atuais se ultrapassar a abordagem comportamentalista⁹ que visa ao alcance de mudanças de comportamento, concepção que compreende a superação da problemática da crise socioambiental desvinculada do processo de mudança na base estrutural da sociedade.

⁹ Sobre este assunto, ver LOUREIRO (2004, p. 40) e CARVALHO (2004, p. 177).

Diante do que foi problematizado, pode-se afirmar que se apresentam como urgências utópicas de nosso tempo e desafios à Educação Ambiental: a questão da importância de resgatar o pensamento dialético; fortalecer o processo comunicativo, o diálogo de saberes; resgatar a noção de historicidade do sujeito e da realidade socioambiental; realizar uma reflexão crítica permanente dos conflitos internos dos modelos utópicos, no caso da pesquisa em questão, explicitar as contradições inseridas no processo de construção e vivência dos sonhos despertados na cooperativa dos pescadores artesanais; fortalecer o sentimento de esperança e resgatar o sentido da solidariedade e cooperação.

O eixo de discussão a seguir tem como objetivo refletir o cooperativismo enquanto espaço de construção e vivência de *sonhos possíveis*, como possibilidade em Educação Ambiental, problematizando o seu conceito, seus princípios e conflitos. Esta reflexão é fundamental para compreender os limites e as possibilidades da organização cooperativa desenvolvida no contexto da pesca artesanal.

4.4. Economia Solidária Popular: espaço de possibilidades em Educação Ambiental

(...) a idéia (é) que os próprios trabalhadores podem lutar e reagir contra o desemprego, contra a exclusão social, e eles próprios, organizados, são capazes de tomar o seu destino em suas mãos, criar suas próprias empresas e resolver portanto a questão, ao invés de esperar soluções vindas do alto, do governo ou da classe dominante (...).
(Singer, 1998).

A maneira como as atividades econômicas se organizam na sociedade é denominado modo de produção, e o capitalismo se constituindo como tal, produz uma crescente

desigualdade, dividindo a sociedade em duas classes sociais, a classe proprietária do capital e a classe que vende a sua força de trabalho. Neste modo de organização da sociedade, os meios de produção e distribuição são apropriados de modo privado se tornando mercadorias e se concentrando nas mãos de uma minoria que detêm o capital.

Entretanto, dentro deste modo competitivo, desigual e concentrador de capital, tem-se desenvolvido iniciativas de geração de trabalho e renda alternativas ao capitalismo, que procuram a socialização dos meios de produção e distribuição. Dentro desta perspectiva, é relevante a conceituação formulada pelo economista Paul Singer (2002, p. 10):

“A economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica. O resultado natural é a solidariedade e a igualdade, cuja reprodução, no entanto, exige mecanismos estatais de redistribuição solidária da renda (...)”.

O cooperativismo fundamenta-se na economia solidária. Constitui uma forma de associação de pessoas que procuram, por meio da gestão democrática e participativa, atender às necessidades comuns de seus sócios através de uma atividade econômica. Desse modo, contrasta com os modelos autoritários e hierárquicos predominantes na empresa capitalista, na medida em que ocorre uma partilha equilibrada do resultado comum obtido.

De acordo com Luis Razeto, a economia popular resulta das diferentes atividades, iniciativas e experiências alicerçadas pelos setores populares, com o objetivo de assegurar a sua subsistência e satisfazer suas necessidades econômicas, é iniciativa de uma população que se encontra marginalizada dos dois sistemas formais de destinação e distribuição de recursos, a saber, o mercado e o Estado. Importante destacar a definição deste autor para o que se denomina de economia popular:

Concebemos a *economia de solidariedade* como uma formulação teórica de nível científico, elaborada a partir e para dar conta de conjuntos significativos de experiências econômicas – no campo da produção, comércio, financiamento de serviços etc. –, que compartilham alguns traços constitutivos e essenciais de solidariedade, mutualismo, cooperação e autogestão comunitária, que definem uma racionalidade especial, diferente de outras racionalidades econômicas. Trata-se de um modo de fazer economia que implica comportamentos sociais e pessoais novos, tanto no

plano da organização da produção e das empresas, como nos sistemas de destinação de recursos e distribuição dos bens e serviços produzidos, e nos procedimentos e mecanismos de consumo e acumulação. (Razeto, 2001, p. 40).

O cooperativismo constitui uma das formas de experiência em economia solidária, sendo definido por Paulo Sandroni (apud VERAS NETO, 2002, p. 26) como:

Empresa formada e dirigida por uma associação de usuários, que se reúnem em igualdade de direitos com o objetivo de desenvolver uma atividade econômica ou prestar serviços comuns, eliminando os intermediários. O movimento cooperativista contrapõe-se às grandes corporações capitalista de caráter monopolista. Conforme a natureza de seu corpo de associados, as cooperativas podem ser de produção, de consumo, de crédito, de troca e comercialização, de segurança mútua, de venda por atacado ou de assistência médica. As mais comuns são as cooperativas de produção, consumo e crédito; há ainda as cooperativas mistas, que unem numa só empresa essas três atividades.

Diversos empreendimentos autogestionários foram experimentados ao longo da história. Desde o século XIX, este modo de organização foi adotado em diversos países como, por exemplo, na Inglaterra, com a “Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale”, fundada em 1844 por artesãos submetidos a condições subumanas de trabalho nas fábricas. Esta mobilização de trabalhadores representou uma reação à ganância capitalista e o êxito desta iniciativa passou a ser um exemplo para outros grupos. Na história da classe operária a perspectiva da autogestão foi trabalhada pelos socialistas utópicos como Robert Owen, Louis Blanc e Charles Fourier, bem como em movimentos sociais como o marxismo, anarquismo, sindicalismo e socialismo cooperativo.

Os princípios do cooperativismo foram idealizados, primeiramente, pelos trabalhadores da cooperativa de tecelões de Rochdale. Posteriormente, estes princípios foram revistos no Congresso da Aliança Cooperativa Internacional, realizado em 1966, em Viena e em 1995, em Manchester. De acordo com Francisco Veras Neto (2002, p. 97–9) os princípios básicos do cooperativismo são os seguintes: as organizações cooperativas estão abertas a todas as pessoas aptas a usarem os seus serviços e que aceitem as mesmas responsabilidades dos sócios já existentes, sem nenhuma discriminação social, política, racial ou religiosa; o princípio da adesão livre determina o direito que cada indivíduo tem de entrar em uma cooperativa ou dela sair, se assim o desejar, inclui também a inexistência de coação para que

dela saia ou participe; o princípio do controle democrático estabelece que cada sócio tem direito a um voto, seja qual for a sua quantidade de ações, dessa forma, todos participam eqüitativamente das decisões, devendo estas representar sempre à vontade da maioria; em relação à participação econômica dos sócios e distribuição das sobras, pelo fato de exercer atividades econômicas é estabelecido que, em caso de déficit, as perdas devem ser divididas pro rata, ou seja, todos devem entrar com igual valor para equilibrar as contas da cooperativa e os ganhos devem ser colocados à disposição dos sócios para que, em assembléia, eles decidam sobre o seu destino; tais organizações também estabelecem que exista um juro limitado sobre o capital, tanto no que se refere ao capital empregado pelo associado quando da formação da cooperativa, quanto às sobras referentes a dividendos do empreendimento.

Ainda assim, estabelecem-se como princípios do cooperativismo o objetivo de permanentemente ser destinadas ações e recursos para a educação contínua, treinamento e formação de seus associados, capacitando-os para a prática cooperativista e para o uso de equipamentos e técnicas no processo produtivo e comercial. Além disso, as cooperativas devem atender ao princípio de cooperação mútua entre suas organizações, trabalhando juntas, através de estruturas locais, regionais, nacionais e internacionais. Seus objetivos devem estar direcionados para o desenvolvimento sustentável da comunidade a qual está inserida, através de políticas definidas e aprovadas por seus sócios.

A economia solidária engloba um conjunto de empreendimentos produtivos de iniciativa coletiva, de luta dos trabalhadores contra o contexto de insegurança no capitalismo, com valores sociais de ajuda mútua, solidariedade, democracia e responsabilidade social. Na verdade, estes valores que fazem parte das instituições de iniciativa solidária, retomam os princípios presentes na cultura do movimento operário.

Entretanto, ao pretender fortalecer o sentimento de segurança, confiança e solidariedade através do resgate da idéia de comunidade, o trabalho cooperativo não exclui a existência de uma permanente tensão entre estes valores (do qual a própria sobrevivência do empreendimento é dependente) e os princípios ditados pela vida moderna, como a liberdade individual. Os pescadores artesanais da APESMI expressam este conflito como uma das problemáticas que a associação enfrenta permanentemente, ou seja, a existência da dificuldade em fortalecer a solidariedade dentro do grupo: *“Eu acho que falta um pouco de solidariedade, acho que se tu for solidário, estás ajudando a ti mesmo, não só o teu próximo, mas a ti mesmo, então, eu vejo da parte de alguns solidariedade até demais e, da parte de outros, pouca solidariedade”*. (trabalhadora da cooperativa).

O sucesso do trabalho autogestionário nas cooperativas implica na necessidade do cumprimento de deveres para com a coletividade, a assunção de um compromisso social, a obrigação com a disciplina. Este é um dos desafios dos pescadores cooperativados que enfrentam o problema com a falta de responsabilidade, de disciplina, por parte de alguns sócios: “[*existe o problema*] da falta de responsabilidade, (...) eles [os pescadores] de fora acham que nós temos uma baita organização quando, na verdade, nós estamos tropeçando em algumas pedrinhas” (pescador da cooperativa).

Portanto, questionamos a afirmação de Paul Singer destacada anteriormente, quando afirma que as cooperativas asseguram o direito à liberdade individual, não obstante se percebe justamente que é este um dos princípios que pode restringir o progresso da cooperativa – o bem da coletividade deve estar acima dos interesses individuais. Por esse motivo, é tão difícil, ou quase impossível, eliminar o conflito entre os sonhos individuais e os sonhos coletivos.

A existência de conflitos entre os valores de ajuda mútua, interesse da coletividade e individualismo vai ao encontro da premissa de que as instituições de economia solidária condenam a lógica opressora da empresa capitalista: criticam a ditadura do capital na empresa e o poder ilimitado que o direito de propriedade proporciona ao dono dos meios de produção. A crítica operária volta-se à empresa capitalista e aos efeitos que o modo de produção atual gera na sociedade, em que o resultado do trabalho coletivo é propriedade de um patrão. À classe dos trabalhadores, que vivencia o quadro atual de desemprego, insegurança e empobrecimento, resta o ganho suficiente para reproduzir sua força de trabalho no cotidiano.

A expansão, nos dias de hoje, de empreendimentos comunitários cooperativos se deve a esse contexto de insegurança e precarização das condições de trabalho que a classe trabalhadora vivencia atualmente:

Na realidade, pela pressão do desemprego em massa, a situação dos trabalhadores que continuaram empregados também piorou: muitos foram obrigados a aceitar a “flexibilização” de seus direitos e a redução de salários diretos e indiretos. Sobretudo a instabilidade no emprego se agravou, e a competição entre os trabalhadores dentro das empresas para escapar da demissão deve ter se intensificado. Como resultado, ressurgiu com força cada vez maior a economia solidária na maioria dos países. (Singer, 2002, p. 110).

A economia solidária frente a esta nova etapa do capitalismo caracterizado pelo desemprego e precarização do trabalho, sob a hegemonia da globalização, evoca os valores

que estão presentes na história do movimento operário, como a solidariedade, a democracia, a autonomia e a autogestão. Constitui-se, portanto, como uma prática social e política, caracterizada pela mobilização dos trabalhadores no processo de desenvolvimento de alternativas de organização do trabalho e da vida que negam a estrutura hierárquica e burocrática da empresa capitalista.

Nas instituições que praticam a economia solidária, ao contrário da empresa capitalista que é caracterizada pela heterogestão, a administração é baseada na *autogestão*, modelo em que as decisões e o controle da empresa são exercidos pelos próprios trabalhadores, sendo assim, ocorre a mobilização e a participação de todos os sócios nas diretrizes, decisões e resolução de cada problema. Na concepção autogestionária, os trabalhadores são tanto os proprietários quanto gestores dos estabelecimentos.

Entretanto, para que o desafio de pensar e agir coletivamente funcione, Marilena Nakano (2003, p. 65-80) coloca que se deve ter transparência e democratização das informações, incentivo e contribuição dos trabalhadores na gestão do projeto, realizado através de uma permanente ação e reflexão sobre a estrutura organizacional, motivando o diálogo e a participação de todos os membros no processo produtivo. Esta questão é permanentemente salientada pelos membros da APESMI, a questão da necessidade do diálogo e da transparência para a superação dos problemas, fatores fundamentais ao sucesso do empreendimento como coloca um dos sócios: *“[os problemas] tu consegue superar no momento do trabalho, conversando, mostrando transparência, que eu acho que o fundamental de tudo é a transparência com os teus companheiros, com os sócios, com as pessoas que estão te rodeando, porque em toda caminhada da associação, tu conseguindo mostrar isso, com certeza a tranquilidade sobre a confiança vai acontecendo (...), o pessoal vai começando a acreditar mais no trabalho, que é possível, e se tu não tiver transparência é muito difícil, aí a coisa se torna muito difícil”*.

Além disso, de acordo com Marilena Nakano, a motivação autogestionária constitui a base para a estruturação do projeto de educação da entidade, elemento fundamental para que os trabalhadores possam gerir o empreendimento segundo novos valores e padrões. O projeto educativo da autogestão tem como intenção potencializar práticas centradas na ética, nas relações de solidariedade e cooperação mútua.

Portanto, o movimento de economia solidária autogestionária que incentiva a democracia, a participação dos cidadãos e a solidariedade, como movimento de estratégia política, deve-se articular com as experiências concretas de vida dos trabalhadores no sentido da mudança nas formas de vida e de trabalho. A experimentação coletiva implica na tomada

de consciência, provoca um repensar a organização do trabalho, as relações humanas e a convivência social: *“Eu aprendi muito trabalhando na cooperativa, eu gosto do que faço aqui, eu gosto de trabalhar assim, a gente tem erros, a gente corre em busca dos acertos, a gente vai errando, vai aprendendo, mas o fundamental é que nós estamos conseguindo é dar uma visão diferente e mostrar a realidade [de exploração para o pescador] e, realmente, fazer por onde acontecer, porque não adianta só dizer que tem que tirar o atravessador, que tem que pagar melhor, a gente paga melhor, a gente mostra uma realidade para eles [para os pescadores] que compensa e é isso, é uma família, é bom, cria um laço de amizade, um vínculo, não com todos, tem outros que não vêm dessa forma”* (trabalhadora da cooperativa). Sendo assim, o trabalho cooperativo no contexto da pesca artesanal pode ser compreendido enquanto espaço de possibilidades em Educação Ambiental, uma vez que constitui uma forma de organização voltada para a construção da esperança, concretização dos sonhos, interesses e satisfação das necessidades da comunidade local em que está vinculada.

É inaceitável que a sociedade permaneça exercendo uma atitude passiva diante de um modelo de desenvolvimento individualista, consumista e destruidor da vida. Por isso, torna-se necessário ampliar o debate ambiental a todos os setores sociais. Refletir e integrar os saberes e valores das diferentes culturas e povos, pensar coletivamente a sobrevivência do planeta. Assim, problematizar a questão ambiental em todas as esferas da sociedade se constitui num chamado para a transformação nas formas de relacionamento entre os seres humanos e entre estes e o meio ambiente, mudanças no modo de sentir, pensar e agir dos sujeitos.

Temos a opção da imobilidade, de acreditar que não existem problemas fora do âmbito da nossa esfera de vida, que reina a harmonia e o equilíbrio, podemos ser indiferentes quanto às transformações que estão ocorrendo no nosso planeta, nas relações entre os seres humanos. Entretanto, podemos adotar uma atitude crítica e participativa procurando, primeiramente, reconhecer o meio em que vivemos, refletindo sobre o nosso cotidiano, ou seja, aprender a olhar, perceber e compreender a realidade local, o espaço em que nós nos desenvolvemos para podermos construir ações participativas e mobilizadoras. A Educação Ambiental, neste sentido, pode ser pensada enquanto alternativa teórico-prática, apontando para um repensar sobre as nossas formas de atuação no mundo, sobre nossa co-responsabilidade pela trajetória da vida no planeta, pela qualidade de vida de todos os seres humanos e do meio ambiente. Sendo assim, cumpre salientar como seu determinante: “(...) gerar um sentido de responsabilidade social e planetária que considere o lugar ocupado pelos diferentes grupos sociais, a desigualdade no acesso e uso dos bens ambientais (...), problematizando as

ideologias e interesses existentes por trás dos múltiplos modelos de sociedades sustentáveis (...)" (Loureiro, 2004, p. 58).

A Educação Ambiental crítica e transformadora enfatiza a práxis educativa a partir da realidade cotidiana, trabalhando a ação modificadora nos indivíduos e nos grupos sociais. O desafio de transformar o mundo, parte, primeiramente, do desafio de modificar a mim mesmo. Não significa afirmar uma atitude individualista, mas repensar o que sou e como estou sendo no mundo, refletir sobre os meus valores, sonhos, práticas, projetos e de que forma a partir do meu espaço, posso melhorar a minha atuação, de forma individual e coletiva. Como afirma Carlos Loureiro (2004, p. 133): "Desprezar a cotidianidade e o indivíduo faz com que queiramos, paradoxalmente, transformar o mundo sem mudar a nós mesmos, o que seria a suprema demonstração de vaidade ou a simplista crença de que as estruturas mudam mecanicamente os indivíduos". Assim, podemos refletir e construir um mundo melhor a partir das nossas próprias vidas, pois a cada gesto individual e coletivo, somam-se outros gestos, formando uma rede de ações locais que se integram às atuações locais de outros muitos indivíduos e grupos. Desse modo, minha reflexão e ação cotidiana se tornam ao mesmo tempo um pensar e atuar local e global.

Entretanto, é fundamental que o debate sobre a problemática ambiental não esteja vinculado somente à exigência de mudanças comportamentais. Percebe-se que muitos projetos em Educação Ambiental atuam neste sentido, quando salientam a necessidade das famílias pouparem água potável, plantarem árvores, separarem o lixo doméstico, por exemplo. Certamente, não estamos desconsiderando a importância destas iniciativas, porém, é necessário que o debate não recaia somente no discurso das transformações no plano da moral ou da ausência de ética, deve incluir, em especial, o questionamento do nosso modelo de organização da sociedade e a reflexão crítica sobre a possibilidade de trilharmos caminhos sustentáveis sob o atual projeto de civilização.

Concebendo o cooperativismo como uma das experiências em economia popular, é imperativo salientar que as ações realizadas neste âmbito fundamentam-se em valores e práticas compatíveis com a perspectiva da Educação Ambiental, uma vez que estimulam a mobilização popular, a prática da solidariedade e a cooperação no trabalho. O enfoque educativo da organização cooperativa incentiva à formação de sujeitos participativos, voltados para a construção da esperança, que lutam não apenas pela melhoria da qualidade de vida e valorização do seu trabalho, mas pela reconstrução das relações humanas na esfera da comunidade.

Segundo Paul Singer (apud Veras Neto, 2002, p. 142), o cooperativismo desenvolvido no campo da economia solidária, criado como alternativa ao neoliberalismo, é entendido, atualmente, como um espaço de lutas sociais, como organização socioeconômica regida por princípios que diferem daqueles predominantes nas empresas capitalistas, as quais são centradas na exploração do empregado em detrimento do enriquecimento do patrão: “O novo cooperativismo constitui a reafirmação da crença nos valores centrais do movimento operário socialista: democracia na produção e distribuição, desalienação do trabalhador, luta direta dos movimentos sociais pela geração de trabalho e renda, contra a pobreza e exclusão social”. Assim, este autor salienta que o cooperativismo da atualidade surge como oposição à globalização, em especial à sua versão neoliberal, visto como sistema concentrador de riqueza e explorador da classe trabalhadora. Nesse sentido, vai ao encontro da crítica ecológica: “O mundo contra o qual a crítica ecológica se levanta é aquele organizado sobre a acumulação de bens materiais, no qual vale mais ter do que ser, no qual a crença na aceleração, na velocidade e na competitividade sem limites tem sido o preço da infelicidade humana (...)” (Carvalho, 2004, p. 68).

A Educação Ambiental, nesta perspectiva apresentada por Isabel Carvalho, está enfocada em uma postura ética de crítica à ordem social vigente, a qual se baseia na exploração dos bens ambientais, na manutenção da desigualdade e exclusão social e ambiental. As possibilidades de mudanças através de um ambiente de aprendizagem social e individual, que gera processos de formação do ser humano, construindo-se novas práticas, novos modos de pensar o mundo e as relações estabelecidas nele, são processos percebidos no âmbito da economia solidária.

Percebemos que o discurso do *novo* está muito presente em pesquisas científicas e projetos de Educação Ambiental. Entretanto, os conceitos devem ter seu significado esclarecido, pois podemos reduzir nossas falas em discursos vazios e sem sentido. Portanto, entendemos o *novo* como algo importante que permanece no tempo, diferente daquilo que é *novidade*, *urgência*. E a esperança deve ser percebida como a possibilidade de ser construído algo que é novo e se mostra como essencial ao ser humano. Cortella (In: Betto e Cortella, 2007, p. 30-1) faz uma importante colocação a esse respeito quando fala do novo como possibilidade da esperança, como movimento de valorização daquilo que é essencial nas relações humanas e ultrapassa os modismos e impulsos materialistas da sociedade moderna. Citamos como exemplo, além da solidariedade, da religiosidade e da amorosidade, as manifestações da arte, poesia, música e literatura que permanecem no tempo. Assim, utilizo as palavras de Cortella para distinguir o novo daquilo que é novidade:

(...) à distinção entre novo e novidade, gostaria de ressaltar ainda que, além da imensa profusão de novidades, hoje, no nosso cotidiano, elas têm em comum o fato de serem modismos; elas passam, a precariedade é sua principal característica. Já o novo é algo que se implanta, que revoluciona e permanece no tempo. Por exemplo, a mensagem de Sócrates por meio de Platão é nova, revolucionária. O novo é aquilo que mantém a vitalidade, que é viçoso. Outros exemplos que eu poderia citar são a música de Mozart e de Catulo da Paixão Cearense, assim como a obra de Mestre Ataíde ou de Aleijadinho. Todas essas manifestações são novas, não são meras novidades. No mundo de hoje, creio que parte dos jovens perde o foco da possibilidade de esperança porque persegue o urgente e a novidade, deixando o que é importante e também aquilo que é novo de lado. (Cortella, In: Betto e Cortella, 2007, p. 301).

Assim, quando afirmamos que o cooperativismo permitiu o estabelecimento de novas relações de trabalho no contexto da pesca artesanal, afirmamos que ele construiu e fortaleceu a possibilidade da esperança neste espaço, implantou algo que se mostra essencial à construção de uma vida melhor para estas famílias: a busca pela materialização dos seus sonhos através da cooperação no trabalho. A esperança no espaço da pesca artesanal está relacionada ao sonho de serem construídas estas cooperativas de pescadores: *“eu espero que daqui há dez anos vai ter uma boa estrutura ali [na cooperativa], nós vamos expandir, essas coisas, futuramente, e nós vamos ter 200 famílias, 300, trabalhando ali, sendo sócio cooperativado, trabalhando em forma de cooperativa, eu acho que isso vai ser muito bom, vai dar o que pensar para os outros do porquê não construir se eles conseguiram, porque nós e outras comunidades não fazemos igual a eles, agora nós começamos a ser vitrine dos outros”* (pescador da cooperativa).

O movimento cooperativista reflete o desejo de busca por segurança através da organização coletiva do trabalho na comunidade. Esta procura é impulsionada pelo sonho com a mudança da situação de exploração e insegurança do trabalhador na atualidade, em especial, no espaço da pesca artesanal, o trabalho cooperativo atua neste sentido: *“(..) o que fez com que eu me associasse também, foi que a gente saia fora do intermediário, que o intermediário nos explora muito na compra do peixe, então, nós como associados, com a associação, nós temos como trabalhar o nosso peixe (...), o nosso sonho é poder trabalhar o nosso peixe para que nós tenhamos ma renda melhor e poder oferecer um serviço para a minha família, para os meus netos, para as minhas enteadas, que todo mundo da família possa viver através da associação, que aí ela vai nos dar uma renda melhor”* (pescador da cooperativa).

Moacir Gadotti salienta que o paradigma que orienta a educação comunitária é o da educação permanente. O processo educativo no espaço da economia popular visa à

consolidação de princípios como a comunicação, a cooperação e contestação ao individualismo: “(...) a economia popular, como a entendemos, significa, sobretudo, uma opção, um modo de vida – que nada mais é do que um modo de produção -, o que implica um projeto de sociedade e novos valores” (Gadotti, 2001, p. 13-4). Inserida no contexto dos movimentos econômicos populares, a educação comunitária acredita no potencial de luta dos movimentos sociais, pensa a articulação das pessoas e como cada sujeito pode contribuir para o bem-estar da coletividade. Neste caso, expressa certos valores como a articulação, a parceria, a rede, a co-manutenção e a co-gestão.

Princípios e práticas como a posse coletiva dos meios de produção, gestão democrática do empreendimento, solidariedade e companheirismo caracterizam a organização coletiva dos empreendimentos solidários, constituindo um implante que procura contrariar a cultura individualista do atual sistema, apesar de se desenvolver a partir do modo de produção capitalista:

A vantagem oferecida pelas cooperativas, e que explica grande parte do seu êxito relativo, é que a forma cooperativa de organização, seja do consumo ou da prestação de serviços ou da produção para os mercados, permite e compele o diretamente interessado a participar nas discussões e negociações sobre questões de seu interesse.
(Singer, 1998, p. 130).

No processo de concretização do fazer educativo ambiental, baseado na perspectiva crítica e emancipatória, devem-se afirmar alguns princípios, apresentados por Carlos Loureiro (2004, p. 90–1): o entendimento da educação como instrumento mediador de interesses e conflitos, tendo no diálogo a base do processo educativo; compreender que a problemática ambiental é mediada pelas dimensões relacionadas aos fatores abióticos, econômicos, políticos, simbólicos e ideológicos; entender o processo global de aprendizagem permanente através da perspectiva crítica e histórica, percebendo as relações existentes entre educação, sociedade, trabalho e natureza; compreender que o desenvolvimento da capacidade teórica está inserida na relação entre a teoria e a prática, com a finalidade de concretizar processos objetivos de mudança; e por fim, entender que a educação é emancipação, devendo servir de instrumento de preparação do indivíduo para a organização e intervenção nos diversos espaços de participação que compõem as esferas de vida do sujeito.

Para que estes princípios possam ser concretizados, devem ser adotados procedimentos participativos e dialógicos, permitindo que o processo educativo leve o sujeito

a conhecer a realidade em que vive, fortaleça a ação coletiva e organizada, articule saberes na busca de soluções para os problemas e permita a compreensão do ambiente em sua complexidade e totalidade. Neste sentido, a economia solidária é percebida como estratégia de ação, inserindo-se no fazer educativo ambiental, uma vez que os processos educativos voltam-se para a construção de sujeitos participativos, construtores de sonhos e esperanças em uma vida melhor.

Portanto, o trabalho cooperativo contrapõe os fundamentos de uma economia baseada na acumulação individual de riquezas, desenvolvendo uma socioeconomia que procura valorizar o ser humano e o seu trabalho. Neste âmbito, o trabalho se torna um elemento educativo, propiciando a formação de sujeitos coletivos, que desenvolvem ações para a autogestão e solidariedade.

A cooperativa operária realiza em alto grau todas as condições para a desalienação do trabalho e, portanto, para a realização do socialismo no plano da produção. Ela é gerida pelos trabalhadores, as relações de trabalho são democráticas, ela traduz na prática o lema: ‘de cada um segundo suas possibilidades, a cada um segundo as suas necessidades’. (Singer, 1998, p. 128)

A Educação Ambiental entende o cenário atual de desigualdade social, individualismo e competitividade, de exploração do ser humano e degradação ambiental como fatores inseridos em um quadro de crise ambiental, desse modo, percebe a necessidade de se repensar, para além de valores e princípios éticos que se diferenciem daqueles afirmados pela sociedade de consumo, de redefinir o modo como os seres humanos se relacionam entre si e com as demais espécies do meio ambiente.

Dentro desse contexto de crise socioambiental, o trabalho cooperativo fundamentado na economia solidária surge como espaço de possibilidades em Educação Ambiental, constituindo-se como um campo de relações educativas, em que é estabelecida a troca de conhecimentos e experiências, recriando o ser humano e a vida comunitária. Por meio da organização participativa e cooperativa, os sujeitos interagem compartilhando saberes e vivências, desenvolvendo no cotidiano uma crescente consciência de partilha, solidariedade e luta coletiva.

Porém, a estes empreendimentos de natureza cooperativa, apesar de transmitirem a noção de segurança e proteção retomando a idéia de comunidade e pertencimento, evidencia-se a convivência conflituosa entre os valores necessários ao sucesso da organização, como a

confiança e a solidariedade, e aqueles afirmados constantemente pela parafernália publicitária, pela educação bancária, quer sejam, o valor da liberdade, dos interesses e sonhos individuais. Conforme foi destacado anteriormente, Paul Singer afirma que este é um direito garantido pelas instituições cooperativas. Mas é justamente o conflito entre estes valores - segurança, solidariedade e liberdade individual – que explicam a tensão, os atritos existentes nas relações de trabalho estabelecidas nas cooperativas.

Zygmunt Bauman destaca que o sonho de “viver em comunidade”, o desejo de encontrar uma existência coletiva segura (na pesquisa em questão, retoma-se a idéia de comunidade através das relações cooperativas) está cada vez mais distante de ser concretizado, pois entra em conflito com a tão valorizada liberdade individual. A comunidade é sinônimo de segurança, proteção e conforto. Entretanto, este viver em comunidade possui o seu preço: a renúncia da possibilidade de fazermos escolhas individuais.

A segurança, como todos os aspectos da vida humana num mundo inexoravelmente individualizado e privatizado, é uma tarefa que toca a cada indivíduo. A “defesa do lugar”, vista como condição necessária de toda segurança, deve ser uma questão do bairro um “assunto comunitário”. Onde o Estado fracassou, poderá a comunidade – a comunidade local, uma comunidade corporificada num território habitado por seus membros e ninguém mais (ninguém que “não faça parte”) – fornecer aquele “estar seguro” que o mundo mais extenso claramente conspira para destruir?. (Bauman, 2003, p. 102).

Assim, quando os pescadores artesanais resolveram unir-se em torno de um mesmo sonho – o sonho coletivo de alcançar a segurança, a estabilidade financeira e o rompimento com as relações de exploração – decidiram empreender o desafio de organizar uma cooperativa, resgatando o sentido da idéia de comunidade. Ao fundarem este empreendimento, implementaram um projeto de Educação Ambiental no âmbito de sua comunidade, gerando processos educativos voltados à autogestão e mobilização solidária, para uma intervenção e alteração destas relações de exploração e o estabelecimento de um possível diálogo com os interesses públicos e privados.

No capítulo a seguir, será abordado o processo de construção dos *sonhos despertos* nesta cooperativa de pescadores, a Associação dos Pescadores Artesanais da Vila São Miguel. Destaca-se que a finalidade é discorrer sobre os sonhos e os conflitos vivenciados por estes trabalhadores, problematizando a dimensão onírica e conflitiva construídas nestas relações cooperativas, ou seja, os seus limites e as suas possibilidades, trazendo à tona suas falas. Fazer

com que suas vozes sejam ouvidas, lidas e valorizadas, conquanto representem um anúncio de possibilidades a serem concretizadas no campo da Educação Ambiental relacionada ao contexto da pesca artesanal. Em nosso entender, são os *sonhos despertados* construídos e vivenciados no cotidiano desta organização, a maior razão de ser do projeto destes trabalhadores artesanais.

**5. PESCADORES DE SONHOS E ESPERANÇAS:
EXPERIÊNCIAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM
TRABALHADORES DA ASSOCIAÇÃO DE PESCADORES
ARTESANAIS DA VILA SÃO MIGUEL – RIO GRANDE-RS**



Figura 6: Membros da Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel
Fonte: Arquivo da Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel

Nossos inimigos

Nossos inimigos dizem:

“a luta terminou”.

Mas nós dizemos:

“ela começou”.

Nossos inimigos dizem:

“a verdade está liquidada”.

Mas nós dizemos:

“nós ainda a conhecemos”.

Nossos inimigos dizem:

***“mesmo que ainda se conheça a
verdade, ela não pode mais ser divulgada”.***

Mas nós a divulgamos.

Bertolt Brecht

**5. PESCADORES DE SONHOS E ESPERANÇAS:
EXPERIÊNCIAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM
TRABALHADORES DA ASSOCIAÇÃO DE PESCADORES
ARTESANAIS DA VILA SÃO MIGUEL – RIO GRANDE-RS**

*Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da herança crítica, como o peixe necessita da água despoluída.
(FREIRE, 1992, p. 10)*

O presente texto designa o papel de convidar o leitor a sonhar com os pescadores artesanais da cidade do Rio Grande, a sonhar através dos seus sonhos e ser levado por eles, assim como eu nesta pesquisa. Desejo que o seu olhar leitor não seja aquele que desqualifique as palavras destes trabalhadores, pois a visão de um leitor desavisado pode conduzi-lo a pensar que este é mais um trabalho sobre pescador artesanal, sem repercussão em suas vidas. Compartilho da sua inquietação, enquanto fator que me motivou a escrever esta dissertação. Assim, até quando os pescadores serão considerados e tratados somente como objetos de pesquisa e não como seres humanos de sonhos, esperanças, desejos e objetivos?

Este é mais um momento do trabalho em que me reencontro com os sonhos de meu pai, pescador tanto quanto os sujeitos desta investigação, o qual me ensinou a olhar a pesca artesanal e a história destes trabalhadores com carinho, respeito e admiração. Neste momento,

percebo-me movida pelos seus sonhos ao tentar narrar um universo da pesca que, até então, também era desconhecido para mim. Através desta pesquisa e das sucessivas tentativas de escrita, me reinvento, me redescubro e me deparo com uma nova maneira de compreender o sujeito que foi o meu pai.

É isto, justamente, que espero de ti leitor, que tentes perceber os pescadores artesanais da mesma forma que aprendi a percebê-los ao longo da minha vida, como sujeitos históricos movidos por sonhos e esperanças. Mas a necessidade de compreendê-los a partir desta perspectiva está relacionado ao imperativo de que entendas o mundo com menos preconceito e muito menos fatalismo.

A minha esperança é que este trabalho possa contribuir para refletir uma perspectiva da Educação Ambiental que, para além de uma abordagem comportamentalista¹⁰, esteja voltada para ressaltar a importância do sonho e da esperança nos dias de hoje: seguindo os ensinamentos de Paulo Freire, Ernst Bloch e Gaston Bachelard, que contribua na formação de educadores ambientais voltados para a esperança.

Este trabalho não tem como objetivo criticar os pescadores que não desejam que seus filhos sigam a sua profissão. Pretendemos romper com a visão idílica da profissão da pesca artesanal presente em muitas pesquisas acadêmicas, as quais criticam o posicionamento destes trabalhadores quando negam o sonho da continuidade desta profissão em sua família. O senso comum acadêmico pode nos conduzir à defesa desta perspectiva, isso revela um desconhecimento dos intelectuais sobre a realidade da pesca e da labuta diária dos pescadores. Entendemos que a profissão da pesca artesanal é um trabalho muito árduo e sacrificante: *“porque no momento que tu não viver da pescaria tu não consegue enxergar a realidade do pescador, tu começa a ver a realidade do atravessador, se tu não ir para o mar e colocar a tua rede, porque pescador passa muito trabalho, é um ser humano eu não digo sofrido, mas o pescador, o trabalho dele em si é um trabalho pesado, é um trabalho que te exige muito, então, tu tem que valorizar isso aí, tu tem que valorizar o trabalho dele (...)”* (trabalhadora da cooperativa).

Assim, desenvolvi este trabalho de pesquisa para valorizar o espaço da pesca artesanal, despertar a sociedade para as problemáticas vivenciadas neste contexto e demonstrar que os sonhos e sentimentos de esperança são fatores motivadores do trabalho cooperativo desenvolvido por estes trabalhadores, ou seja, como sujeitos criadores da esperança individual

¹⁰ Sobre este assunto, ver LOUREIRO (2004, p. 40) e CARVALHO (2004, p. 177).

e coletiva, mostrar que a organização cooperativa destes pescadores artesanais, neste contexto, assume tanto o aspecto da denúncia, quanto do anúncio.

O presente texto, no seu todo procura responder aos questionamentos que foram apresentados no início desta pesquisa, pretendendo compreender os sonhos que estão sendo construídos e vivenciados no espaço de uma cooperativa de pescadores artesanais. Entendemos que a relevância desta pesquisa está relacionada à necessidade de um entendimento sobre as estratégias de sobrevivência que os pescadores artesanais e suas famílias estão desenvolvendo frente à crise socioambiental que, especialmente, nos últimos anos vem afirmando uma visão fatalista sobre a atividade e obrigando muitos destes trabalhadores a abandonarem sua profissão, procurando seu sustento através da realização de outras atividades, não relacionadas à pesca artesanal. Portanto, o pescador artesanal, atualmente, quando não abandona por completo a sua profissão, vê-se obrigado a realizar outros serviços como de pedreiro, segurança, eletricista, entre outros. Muitos procuram se especializar almejando conseguir um emprego melhor, procurando obter alguma formação em cursos técnicos.

O objetivo deste capítulo, portanto, é abordar sobre os sonhos que estão sendo construídos e vivenciados no espaço desta cooperativa de pescadores artesanais, resgatar suas imagens de esperança e felicidade e os conflitos que enfrentam cotidianamente, procurando compreender, desse modo, os limites e possibilidades de sua organização.

A proposta é refletir a possibilidade da organização cooperativa representar uma possibilidade em Educação Ambiental no espaço da pesca artesanal, problematizando o processo de luta e enfrentamento à situação de exploração, bem como as mudanças e interferências realizadas na vida destes trabalhadores e nas famílias de pescadores da comunidade local. Entendemos que ao criarem processos de organização cooperativa fortaleceram a esperança de ainda poderem sobreviver dignamente do ofício que lhe foi ensinado, neste sentido, estão construindo processos de aprendizagem voltados para a Educação Ambiental – pois, construir e vivenciar sonhos de uma vida melhor evidencia a própria realização de uma Educação Ambiental. Sendo assim, questiona-se: A cooperativa dos pescadores pode ser entendida como um espaço de construção de sonhos e possibilidades em Educação Ambiental? Quais são suas imagens de esperança e felicidade? Quais são os desafios e os conflitos vivenciados cotidianamente em sua organização?

A partir da metodologia de entrevista semi-estruturada, incluindo a observação participante e o método da análise textual qualitativa, definiu-se como categoria *a priori* a questão da investigação dos *sonhos despertos*, como salientado em um momento anterior

deste trabalho. Porém, conforme a ocorrência de um aprofundamento no fenômeno investigado, foram construídas as categorias emergentes que, como o próprio nome diz, emergiram dos diálogos, do trabalho de campo, realizados com os sujeitos desta investigação. Portanto, destacam-se como categorias emergentes que integram a compreensão dos *sonhos despertados* destes trabalhadores: a esperança e a desesperança, o trabalho explorado, o trabalho cooperativo, a família, o diálogo e a Educação Ambiental. A proposta deste capítulo é discutir estas categorias enquanto elementos integrantes do processo de construção dos sonhos despertados dos pescadores artesanais que formam a APESMI.

A formação desta cooperativa de pescadores, atualmente, a única da cidade do Rio Grande, a Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel, representa uma forma destes trabalhadores conseguirem sobreviver dignamente da profissão que aprenderam com seus pais, tendo a esperança da possibilidade de construírem uma condição melhor de vida. Esta associação constitui a semente da esperança de construção de outras cooperativas que ainda irão se desenvolver, como afirma um pescador associado: *“E aonde os outros verem que nós estamos tendo um progresso bom, pode até se formarem outras cooperativas de pesca mais tarde, através da nossa aí que está sendo bem comentada, todo mundo apreciando (...), então, através disso aí pode ser que saia mais cooperativa, (...) [outros pescadores] estão se chegando mais, querem saber, eles estão procurando saber como funciona (...)”*.

A história da necessidade de formação da APESMI não pode ser compreendida isolada dos fatores que caracterizam a crise socioambiental que ora trabalhamos nesta pesquisa: aumento da desigualdade social, empobrecimento de comunidades ribeirinhas, poluição das águas, aumento do esforço de pesca, desigualdade no acesso ao progresso tecnológico etc. A construção da APESMI revela que, apesar desse contexto de crise, os pescadores artesanais ainda vislumbram possibilidades de reinventarem sua profissão, de concretizar e vivenciar sonhos de uma vida melhor.

Como revela uma sócia da cooperativa, a idéia de organizar este empreendimento surgiu a partir da necessidade de acabar com a relação de dependência com os comerciantes intermediários ou “atravessadores”, possibilitando que o pescador realize além da atividade extrativista, a de comerciante do seu próprio produto. Mas deve ser considerado como fundamental o papel da Fundação Universidade Federal do Rio Grande para a concretização da montagem da cooperativa: *“[a associação] surgiu mais por uma necessidade de acessar um financiamento do governo que tinha para os pescadores, só que eles vincularam a esse financiamento a também ter um grupo de associados, a montar uma cooperativa, uma associação, financiaria o coletivo que seria a associação e financiaria o individual, só que*

para o pescador pegar o individual teria que ter necessidade de ter o coletivo também, como o pescador anda cansado de ser explorado pelo atravessador, ele se propôs que se montasse uma associação ou uma cooperativa, ele conseguiria comercializar o pescado dele direto e tiraria o intermediário que era o que mais lucrava, no caso tem isso. Com a ajuda da FURG, da extensão empresarial da FURG, do NUDESE¹¹, foi se amadurecendo a idéia, no começo mesmo foi a EMATER¹² que deu [apoio], mas sempre nós com o apoio da FURG conseguimos montar, começamos fazendo curso do que era cooperativismo, associativismo para os pescadores ”(trabalhadora da cooperativa).

A universidade, através da acessoria do NUDESE, foi essencial para a concretização do projeto, realizando cursos de cooperativismo para os pescadores artesanais que estavam interessados: *“esses cursos de cooperativismo, uma série de cursos que a gente teve, isso aí faz a pessoa ver, a enxergar de uma forma diferente, e o pescador que é associado, que participa desses cursos, a gente vê, não todos, que tem alguns que ainda ficam com aquela mentalidade, “não, isso aí não é assim”, mas a maioria, noventa por cento deles consegue enxergar que tem a possibilidade da gente ter uma qualidade de vida melhor, da gente conseguir comercializar o pescado sem aquele vínculo de dependência e de buscar uma condição melhor de vida, isso a gente sabe que é difícil de fazer, mas vale a pena”* (trabalhadora da cooperativa). Ainda sobre a formação da APESMI afirma um pescador associado: *“A partir do governo Olívio Dutra, no caso em 98, a gente teve essa oportunidade, que foi quando saiu esse trabalho do projeto coletivo que seriam associações, cooperativas para peixe e outros benefícios do RS-PESCA no caso, então, nós formamos um grupo de 18 famílias de pescadores e fizemos esse curso de capacitação que foi um curso bem longo de 8 meses”.*

Quando a partir das primeiras reuniões, realizadas vem 2004, entre os pescadores artesanais e professores da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, relembra um deles a expectativa que se criou em relação ao projeto, em que muitos ficaram esperançosos, curiosos: *“o primeiro dia foi tão engraçado, tão engraçado, foi todo mundo pra igreja e um queria falar mais que o outro, todo mundo empolgado (...), começou todo mundo a levantar a mão, isso aí no primeiro dia todo mundo aprendeu, e um perguntava uma coisa, outro perguntava outra, então, todo mundo começou a conversar, começou a discutir e perceber que tinha chance a associação”.*

¹¹ NUDESE: Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico da Fundação Universidade Federal do Rio Grande.

¹² Empresa Brasileira de Assistência Técnica.

Afirmam os sócios que, desde a partir desta primeira reunião, muitos não acreditaram, não aderiram ao grupo que efetivou a sua formação. Entretanto, outros passaram a sonhar com a concretização de uma nova fase no trabalho da pesca, com um maior percentual nos lucros, com uma outra qualidade de vida para suas famílias como afirma uma trabalhadora da APESMI: *“teve um grupo grande que depois foi se dispersando, quando foi fundada mesmo a cooperativa já eram menos [pescadores], é que o pessoal uns acreditavam, outros também, mas ninguém queria pagar pra ver (...), mas sabe, o pescador de uma certa forma ele é muito acomodado, então, ele ficou mais retraído, ele ficou mais na dele achando ‘não, vou esperar que eles façam para ver se vai dar certo’ e como tinha data para sair esse empréstimo, essa linha de financiamento, teria que ter a cooperativa, começou a surgir a idéia de juntamente com o fato de que a gente teria que montar alguma coisa que beneficiasse o pescador, porque agora, hoje nós vemos que não é só o pescador, aquele que vai lá e pesca que está sendo beneficiado, mas sim a mulher do pescador, os filhos, a família que atualmente trabalha na mão-de-obra para a cooperativa e a mão-de-obra é muito mais valorizada do que se ele estivesse trabalhando para um desses atravessadores”*.

A partir da fundação da cooperativa, afirmam os pescadores que sua perspectiva em relação à pesca artesanal ficou mais otimista, perceberam que tinham poder suficiente para acabar com a exploração realizada pelos atravessadores. Passaram, inclusive, a trabalhar com muitos deles. Este é um conflito permanente na cooperativa que será problematizado neste capítulo: uma vez que os pescadores artesanais se tornam comerciantes, passam a assumir a posição dos atravessadores, criticada por eles a todo o momento. Desse modo, no momento em que fundam a cooperativa passam a comercializar o produto pesqueiro através da compra de pescado de pescadores associados e não associados, tendo o papel de repassá-lo à indústria e empresas interessadas como, por exemplo, redes de supermercado e restaurantes.

Os conflitos vivenciados cotidianamente envolvem a questão do papel agora assumido pelo pescador artesanal cooperativado – a do pescador empresário. Neste sentido, estão incluídos os conflitos relacionados entre os princípios de solidariedade, coletividade e os valores individualistas e de competitividade, ou seja, os conflitos existentes entre os sonhos individuais e coletivos, temática que também será aprofundada.

5.1. Esperanças e desesperanças

“Com essa associação tem chance, ainda mais que conseguimos um caminhãozinho para exportar, estamos vendo uma chance e esperança e fazendo o máximo possível para crescer”.
(Pescador da APESMI)

A esperança é um elemento permanente na rotina diária de um pescador artesanal. Ele a vivencia a todo o instante. A cada dia e noite que sai ao mar, leva consigo a esperança, sem saber o que lhe espera, deixando para trás todo um contexto de exploração, preconceito, injustiças e dificuldades no dia-a-dia. Mas por um momento ele esquece de tudo, por alguns instantes, quando se encontra no mar, ele vivencia a experiência de se realizar enquanto ser humano, pois valoriza aquilo que faz. Estes instantes constituem uma vivência real tranquilizadora, que impulsionam o embate, a sua luta diária, fortalecendo-o. Assim, quando sai ao mar, junto com a esperança de uma pesca melhor, leva consigo seus sonhos de uma vida melhor.

Necessário se faz, perceber o pescador artesanal como sujeito histórico, reconhecer que todo o processo de trabalho está alicerçado na sua criatividade, em sua sabedoria de pesca. O seu caráter inacabado faz com que o processo educativo seja uma atividade contínua e, nesse movimento, ele se faz e se refaz, cria e recria-se a cada dia em uma realidade que o desafia permanentemente. O desafia a continuar acreditando no seu trabalho de pescador e no seu compromisso de levar adiante tudo aquilo que lhe foi ensinado. É isso que mantém vivo a sua esperança: a confiança e o amor por aquilo que realiza.

Se, ao contrário, o pescador não fosse portador de esperança, suas dúvidas, seus medos e sentimentos de angústia e desespero desfariam seus sonhos de uma vida melhor. Entretanto, o embate é um processo de aprendizado permanente – aprendemos com os desafios. Como afirma Paulo Freire (1987, p. 73), os homens são seres que se superam, que vão para a frente e olham para o futuro, seres movidos pelo quererfazer constante e permanente, para os quais a imobilidade representa uma ameaça fatal, para os quais ver o passado não deve ser mais que um meio para compreender claramente quem são e o que são, a fim de construir o futuro com mais sabedoria.

O processo educativo presente no cotidiano de uma comunidade de pescadores artesanais envolve a experiência do compartilhar visões de mundo, aspirações e objetivos que representam a dimensão da compreensão de uma determinada maneira de viver destes sujeitos. Neste sentido, a análise do contexto do qual vivem os indivíduos é componente fundamental a todo projeto utópico - o conhecer a realidade para além do que é apresentado espontaneamente ao ser humano, implicando a relação dialética entre este conhecimento reflexivo sobre o mundo e ato da práxis, em que o homem recria sua existência, assumindo o papel de sujeito histórico. Desse modo, devemos transpor “(...) a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (FREIRE, 1979, 15). Portanto, o processo de conhecimento crítico da realidade deve ocorrer como processo permanente, fundamental para ultrapassar a obscuridade do instante vivido, sendo assim, essencial ao projeto utópico, de percepção daquilo que Freire denomina como o “*possível não experimentado*”.

O ser humano reflete outras possibilidades não experimentadas e atua para realizá-las quando compreende e questiona práticas que são empreendidas inconscientemente no dia-a-dia. É neste sentido que a utopia, em sua relação com o conhecimento e questionamento crítico do contexto vivido, pode levar o indivíduo ao confronto com a sua existência e com aquilo que é exterior a si mesmo, pondo-o a desafiar idéias e a sua própria relação com a realidade. Esta inserção crítica na situação existencial constitui o processo de desvelamento dos mitos que afirmam e expressam um modo de ser, de pensar e agir.

Este processo é percebido na maneira como se organizaram os pescadores artesanais do Bairro São Miguel: refletiram outras *possibilidades não experimentadas* quando questionaram o contexto de exploração que vivenciavam, decidindo organizar uma associação que funcionasse como uma cooperativa a fim de rescindir estas relações de dependência a que estavam submetidos, mobilizando seus familiares, o poder público e os trabalhadores da pesca artesanal de outras localidades.

Desse modo, ao atuarem no sentido de vivenciar e construir sonhos de uma vida melhor na pesca artesanal, através do trabalho cooperativo, estão contribuindo para a construção de uma perspectiva de Educação Ambiental voltada para a esperança. Assim, procuramos refletir os limites e possibilidades desta iniciativa, buscando responder aos seguintes questionamentos: A cooperativa é movida com esperança? Quais os fatores que fortalecem a esperança destes trabalhadores?

Portanto, podemos entender que a organização de uma cooperativa possibilitou a construção e vivência de sonhos de uma vida melhor na pesca artesanal. Neste sentido, estão construindo imagens de esperança para esta atividade, negando a visão fatalista que afirma a existência de um sentimento de desesperança nestes trabalhadores e ameaça de extinção desta profissão frente à crise socioambiental do nosso período.

A atividade da pesca artesanal exige que muitos filhos de pescadores interrompam seus estudos para ajudá-los na pesca ou nas atividades que envolvam o beneficiamento do pescado. Como é um trabalho que exige uma dedicação em tempo integral, não possuindo horário fixo, muitas vezes é necessário pescar durante muitas noites seguidas, sendo assim, os filhos de pescadores encontram dificuldades para conciliar este trabalho com o horário das escolas. Portanto, como afirma um dos sócios da cooperativa, os filhos de pescadores têm a necessidade de desistirem de seus estudos para auxiliarem na renda familiar: *“Eu mesmo pesco desde pequeno, oito, nove anos, desde pequeno, até vou te falar e tu vai achar até engraçado, meu pai falava “olha, se tu não estudar, tu vai ter que pescar”, e eu parei de estudar tudinho, meu pai teve uma safra ruim, quando eu vi que tinha condições de batalhar por nós dois [parei de estudar], (...) eu não vou deixar de estar trabalhando pra deixar minha mãe e meu pai comendo arroz e feijão, ele já está com idade, já está ficando idoso, então, eu não vou deixar ele comendo arroz e feijão vendo que tem serviço e vou ficar estudando pra deixar faltar alguma coisa em casa, primeiro vem o serviço, depois a escola”*.

Estes filhos aprendem, desde muito cedo, a trabalhar retirando carne de siri, removendo os peixes das redes, realizando a limpeza dos barcos, entre outras atividades. Um pescador relata a enorme incidência de trabalho infantil no bairro São Miguel: *“Tu sai a caminhar e chega nas casas, são dez, onze filhos em uma casa para duas pecinhas, vou te falar, bem aqui pro fundo da São Miguel, tu chega assim, é deste tamanhinho tirando carne de siri, é com quatro anos, cinco anos e já estão com a colherinha na mão tirando a carne de siri sentados em uma cadeira e eu digo que é brabo sabe, nem se incentiva para ir ao colégio”*.

A profissão de pescador é um trabalho desgastante, perigoso, com riscos à saúde, com longas jornadas de trabalho que duram dias, noites, e no inverno, principalmente, enfrentam a fome e o frio no mar. Um pescador descreve o cenário de dificuldades que enfrentam quando saem para pescar: *“Um trabalho que muitas pessoas ficam no mar pescando no temporal, temporal e chuva, vento, dificuldade de tu estar pescando ali e perde uma rede, dá problema na embarcação, isso tudo é despesa que tu gasta, a gente mesmo, lá fora caía temporal e*

vento e em tudo que a gente pensa é na família, tentar sobreviver e agüentar, e a gente tenta fazer o possível para ficar bem de saúde, não se machucar (...)”.

Além de enfrentarem as intempéries do ecossistema, os riscos também estão relacionados ao problema dos roubos de seus apetrechos de pesca, principalmente, durante a noite: *“É um serviço que tu sabe que se tu colocar a rede tu ganha, se tu não botar, tu não ganha, tu botando rede ali tens que cuidar, na madrugada tu tens que limpá-la, bater, (...) às vezes a gente passa noites e noites sem dormir para poder ficar cuidando porque vêm os que te roubam, quando tem um dormindo, vem um e te bota a arma na cara e diz “dá a rede” ou “vai na água”, onde tem ladrão a gente precisa ficar sempre alerta o máximo possível e sempre ter uma noção do perigo, saber o que pode e o que não pode, ficar sempre alerta, tomar cuidado”*.

Entretanto, o companheirismo também faz parte dos princípios do trabalho da pesca artesanal. Os pescadores estão sempre alerta quanto aos pedidos de socorro no mar. Para isso, existe um código de alerta de socorro emitido pelo companheiro que necessita de ajuda: *“Sempre tem aqueles que a gente dá carona, a gente sabe que o pessoal não está ali para se divertir, para brincar, sabe que ele precisa, que vai passar a noite com fome, com frio, é porque precisa mesmo, então, [é preciso] aprender com os outros mais antigos e sempre procurar fazer o máximo para sobreviver e ajudar as pessoas no barco, que no mar não tem galho, sempre procurar ajudar um ao outro, a gente sabe com os mais antigos que se um amarrar uma bandeira em um bote é sinal de perigo, faz sinal com a camiseta que sabe que os outros irão ajudar”*.

Gaston Bachelard afirma que construímos nossa percepção do real e a concepção sobre nós mesmos através de imagens percebidas e imagens sonhadas. Uma imagem construída e sonhada pode modificar a nossa maneira de perceber a realidade, reinventar a percepção sobre os sujeitos que nos cercam, sobre os problemas do nosso cotidiano. A cooperativa pode ser tomada como exemplo desse processo de mudança de percepção que os pescadores possuem de si e da sua realidade. A formação deste empreendimento representa uma tentativa de se construir uma outra imagem de pescador artesanal, bem como uma outra imagem do futuro para esta atividade: desejam construir uma imagem de esperança para esta profissão e mostrar que são capazes de se organizarem e estabelecer a sua própria independência, construindo a imagem de um futuro promissor como pescador-empresários.

A imagem do trabalho da pesca artesanal construída pelos próprios pescadores envolve a questão da centralidade da solidariedade nas relações de trabalho, sendo este um elemento imbricado neste processo e necessário a própria sobrevivência do pescador. Afirmam que o

pescador é um ser solidário, dependente desse companheirismo existente entre eles para sustentar a família: quando saem para o trabalho no mar, compartilham seus apetrechos de pesca, pois um possui o barco e o motor, o outro as redes, o outro o liquinho etc.

Portanto, é próprio do trabalho da pesca artesanal esse sentimento de companheirismo e solidariedade. Entretanto, não podemos negar que, tal como inseridos no atual modo de organização da sociedade, não se encontram impenetráveis aos valores egoístas, de individualismo, competição e consumo. Suas necessidades, sonhos e projetos de vida não se afastam dos objetivos do sujeito econômico adaptado a este período: também possuem sonhos de consumo, sonhos individuais que, em certa medida, podem ser dominantes em detrimento do sentimento de coletividade presente no trabalho da pesca artesanal. Este é um dos elementos conflituais existente na cooperativa: *“[a cooperativa] é um aprendizado para nós, porque o pescador ele trabalha coletivamente, mas ele é individualista, eu acho que é o pescador, é o agricultor, são individualistas, então, eles já vêm com aqueles costumes”* (pescador da cooperativa). Entretanto, certamente, a construção da cooperativa foi favorecida por esse modo solidário de pensar as relações humanas, enquanto referencial positivo para a sua consolidação: *“Nós já viemos de uma economia solidária, desde que nós começamos a pescar nós já viemos de uma economia solidária. No momento em que se organizou um grupo para trabalhar no coletivo já é uma economia solidária, porque tu não está pensando somente em ti (...), [os pescadores vivem] solidariamente, tu vai colocar uma embarcação na água já é um trabalho solidário, tem quinze, vinte junto te ajudando, é tudo braçal, então, já é solidário (...)”*. (pescador da cooperativa).

Os pescadores que se encontram em zonas urbanas tiram o sustento de suas famílias somente da atividade da pesca, como é o caso dos sócios da APESMI. Em outras localidades da cidade do Rio Grande, como na Ilha dos Marinheiros, os pescadores são também agricultores. Por esse motivo, os de áreas urbanas enfrentam maiores dificuldades financeiras e maiores riscos, pois pescam tanto no inverno, quanto no verão. Já aqueles que também praticam a agricultura, muitas vezes, optam por pescar somente no verão, já que as dificuldades no mar são menores e a renda proporcionada é maior em virtude da safra do camarão.

Mas em vista de todas estas dificuldades enfrentadas na rotina diária do trabalho com a pesca, relatadas pelos próprios pescadores neste texto, eles alimentam a esperança de ainda poderem melhorar suas vidas e a de suas famílias através desta atividade. E a formação da cooperativa representa esta possibilidade. Assim, a função da esperança e da utopia na vida

destes trabalhadores manifesta um desejo de rompimento com um contexto pelo qual eles criticam: a situação de exploração, insegurança e desvalorização do seu trabalho.

A cooperativa representa mais que um ambiente econômico constitui um espaço de aprendizado, de esperança e busca por um referencial de felicidade. Ela, especialmente, procura romper com a visão fatalista sobre o trabalho da pesca artesanal existente na atualidade: muitos pescadores afirmam que é impossível continuar sobrevivendo desta atividade e ter uma vida digna, por esse motivo, acabam abandonando a sua profissão e desejam que seus filhos não sigam esta atividade. Entretanto, os pescadores que se mobilizaram e fundaram a APESMI buscam romper com a visão de desesperança que predomina entre aqueles que sobrevivem desta atividade. Um dos seus objetivos é levar uma mensagem de esperança a pescadores desacreditados, incentivando a formação de outras cooperativas: *“Isso [uma cooperativa] vai ser muito bom, isso vai cair bem em qualquer comunidade [da cidade do Rio Grande], Mangueira, Bernadete, 4ª Secção da Barra, Ilha da Torotama, Ilha dos Marinheiros, Ilha do Leonídio, comunidade do Bosque, São Miguel, todas essas comunidades de pescadores, isso aí vai, com certeza, dar a impressão de que, se eles [os pescadores da APESMI] conseguiram, se deu certo com eles, vamos fazer também aqui e esse é o objetivo (...), porque aquilo ali [a cooperativa] vai mostrar o interesse para a comunidade e para outras terem interesse ou não, porque se não der certo, com certeza, não vai se cogitar [a formação de outras cooperativas] em lugar nenhum”* (pescador da cooperativa).

O processo de manter e fortalecer a esperança, a confiança no projeto, constitui um permanente desafio aos pescadores cooperativados. Para a sobrevivência do empreendimento, é essencial que o seu querer-fazer cotidiano seja conduzido, fundamentado na esperança confiante de concretização de seus ideais. Como salienta um pescador artesanal, a esperança é elemento fundamental ao trabalho cooperativo, devendo estar presente seja nos diálogos e na resolução dos problemas, seja nos mutirões de limpeza e nos almoços de confraternização que realizam: *“O mais importante é as pessoas acreditarem, isso é fundamental, as pessoas acreditarem no trabalho, não só nós que somos pescadores e vamos nos associar, e sim as pessoas que estão nos ajudando, nos apoiando, acreditar que aquele trabalho ali vai dar certo, depositar confiança mesmo e não desistir nunca, insistir, insistir (...)”*.

Entretanto, salienta-se que a esperança não exclui a existência da desesperança, este constitui um dos conflitos vivenciados na associação: ao mesmo tempo em que existe a esperança que os fazem persistir, existe a desesperança que desanima, que os fazem desacreditar. Desse modo, muitos pescadores desistiram de continuar no projeto ainda no seu

processo inicial, outros não aderiram ao quadro de sócios pelo fato de não acreditarem nos sonhos que os pescadores associados almejam concretizar. Assim, comenta uma trabalhadora da cooperativa: *“Um dos problemas maiores foram as pessoas terem duvidado que um dia nós iríamos ter uma cooperativa, hoje ainda não é uma cooperativa, é uma associação que possivelmente vai virar uma cooperativa, aquilo das pessoas acharem que montar um projeto, colocá-lo no papel é fácil, mas conseguir tirar do papel é muito difícil, nós muito escutamos que essa associação não iria funcionar nunca, falavam “olha, o caminhãozinho que vai vir para vocês vai ser de plástico”, mas hoje nós conseguimos tapar a boca de muitos, temos o nosso caminhão, estamos trabalhando, fizemos feiras (...)”*. Por esse motivo, existe a necessidade de permanentemente educarem a sua esperança, seja acompanhando e vivenciando juntos os problemas, as dificuldades e também as conquistas e as vitórias, seja através do diálogo fundamentado no aprendizado dessa esperança.

Um dos fatores que fortalecem o otimismo e a esperança dos pescadores associados está relacionado ao reconhecimento da importância desse projeto por parte da comunidade que trabalha para a associação, bem como pelos pescadores de outras localidades que se mostram interessados em compor o quadro de sócios. A associação gerou mudanças na qualidade de vida dos seus sócios e daqueles que trabalham para ela. Em relação às mulheres de pescadores que moram no bairro São Miguel e trabalham no processo de beneficiamento do pescado, a associação proporcionou uma oportunidade de trabalho e geração de renda como afirma uma delas: *“Essa mão-de-obra do peixe-rei é uma coisa que está repercutindo muito aqui na vila, e quando eles sabem que a gente abre a mão-de-obra, não só para as mulheres dos associados, [elas nos procuram], (...) então, a gente começou a abrir para pessoas que não eram esposas de associados e a gente criou tipo uma tabela, “tu queres, quando tiver a gente reparte o peixe”, também não é justo que quando temos pouco nós darmos apenas para as esposas dos associados (...), isso repercutiu muito bem entre elas e elas se sentiram mais seguras também em ter um trabalho (...)”*.

Em um outro momento comenta que a associação tem um forte apoio da comunidade do bairro em que está localizada pelo fato de ter possibilitado a destituição dos laços de dependência destas famílias com os atravessadores, pois os seus benefícios atingem àqueles que não fazem parte do quadro de sócios, como os pescadores artesanais que pescam na Laguna dos Patos e as mulheres que trabalham no processo de beneficiamento do pescado: *“Tem muitos em que o marido vai e pesca, vende para a APESMI, e a gente pega aquele pescado e larga na mesma família para beneficiar, de repente trabalha mãe, trabalha filha, filho também, quer dizer que a remuneração fica toda na família e aquilo ali dá um ganho*

para eles significativo e proporciona a eles viverem melhor, a terem uma qualidade de vida melhor do trabalho deles (...), e na comunidade agora nós somos o ponto de referência para eles, tem muita gente abrindo mão daquele vínculo de dependência com o atravessador para vir trabalhar com a APESMI”.(trabalhadora da cooperativa).

Mas esta relação de dependência das famílias de pescadores artesanais (do pescador que vende o seu produto para o atravessador e da esposa que realiza o beneficiamento do produto pesqueiro na indústria ou em fundo de quintal) foi transferida da figura do comerciante intermediário e da indústria para a cooperativa. Ou seja, este empreendimento realiza a função que antes era reservada aos atravessadores: agora, é a cooperativa que compra o produto dos pescadores artesanais e revende para diversos estabelecimentos. Como o preço que pagam é o dobro em relação ao pago pelos atravessadores, as famílias acabam optando por trabalharem com a associação: *“Quando a gente pega o peixe e o caminhão vai distribuir, todo mundo quer pegar o da cooperativa porque tem um retorno e nós pagamos esse valor, pagamos o pescado muito melhor e temos o nosso retorno também, então, quer dizer que hoje em dia, muitas conseguem ver que a cooperativa é viável, é uma coisa que melhorou muito a vida daqueles que trabalham com ela, mas a gente ainda não conseguiu levar [os benefícios] para todos, eu acho que é um sonho levar para todos.”*

Assim, o fator que fortalece a esperança destes pescadores está relacionado às mudanças que ocorreram em suas vidas a partir da formação da cooperativa, às conquistas alcançadas, como relatam: *“Antes [da formação da cooperativa], ele ia para o mar, vendia para o atravessador, antes de pensar em uma associação, pescava, vendia por uma “micharia” para o atravessador, tinha que vender pelo preço que eles queriam, iria fazer o quê, iria perder o teu produto? Hoje não, hoje eles [os pescadores cooperativados] tem mercado, eles tem preço, tem as fábricas que fazem o trabalho para eles também e temos serviço, porque antes, ou tu vendia para ele [para o atravessador] ou tu fazia o teu produto em casa e guardava, não tinha o que fazer (...), e hoje não, hoje a realidade é totalmente diferente, eles pescam, trazem para a associação, dividem para as pessoas fazerem, tem bastante mulheres que trabalham nesta parte [do beneficiamento], então, foi uma melhora”.*

Além disso, a interferência da associação na cidade do Rio Grande é percebida através dos importantes trabalhos que realiza em benefício das comunidades de baixa renda. A associação passou a assumir os projetos sociais realizados em parceria com governo federal. Entretanto, os pescadores artesanais reivindicam que as Colônias de Pescadores e os Sindicatos deveriam assumir esta responsabilidade: *“[a visão da associação é] do trabalho comunitário e o que nós estamos vendo, que os sindicatos e as colônias não dão bola para*

isso, é mais para o bolso, para o financeiro e o trabalho social fica meio de lado”. (pescador da cooperativa).

Os benefícios destes projetos atingem todos os bairros da cidade do Rio Grande, além de incluírem São José do Norte. Dentre eles está o Programa Fome Zero¹³, projeto em que o governo federal compra o peixe da associação, a qual assume o compromisso de beneficiar, congelar, empacotar e entregar para as 500 famílias cadastradas no programa. Junto com o peixe congelado, as famílias recebem alimentos não perecíveis e hortifrutigranjeiros da Ilha dos Marinheiros.

Outro importante projeto assumido pela APESMI inclui o da construção de moradias para as famílias residentes em áreas litorâneas e no estuário da Laguna dos Patos e Mirim da cidade do Rio Grande e São José do Norte¹⁴: *“O governo federal através da Secretaria de Pesca e CRENOR, que é uma cooperativa de crédito, veio [propor] um projeto de casas para pescadores e nós temos uma colônia de pescadores que não abraçou o projeto de jeito nenhum, aí nos procuraram, fizemos uma reunião e o pessoal na mesma hora, “vamos abraçar, vamos abraçar”, abraçamos uma baita de um compromisso, porque nós não tínhamos nem estrutura e nem o conhecimento pra cadastrar estas pessoas, mas nós fomos buscar isso através da universidade, da FURG (...)”* (pescador da cooperativa). As famílias de pescadores enfrentam o problema da falta de condições adequadas de moradia e, até o momento, esta questão também estava relacionada às dificuldades de terem acesso a financiamentos do governo federal. O compromisso e a mobilização assumidos por estes pescadores associados foi fundamental para possibilitar a estas famílias a realização deste sonho.

Além dos projetos que envolvem a questão do fornecimento de alimentos para a população de baixa renda, construção de moradias às famílias de pescadores e auxílio à formação de outras cooperativas, os pescadores associados também realizam trabalhos de Educação Ambiental. O propósito destes trabalhos seria mostrar a visão de meio ambiente que

¹³ O Programa Fome Zero “(...) é uma estratégia impulsionada pelo governo federal para assegurar o direito humano à alimentação adequada às pessoas com dificuldades de acesso aos alimentos. Tal estratégia se insere na promoção da segurança alimentar e nutricional buscando a inclusão social e a conquista da cidadania da população mais vulnerável à fome”. Seus programas e ações atuam a partir de quatro eixos articuladores: acesso aos alimentos, fortalecimento da agricultura familiar, geração de renda e articulação, mobilização e controle social. Fonte: www.fomezero.gov.br.

¹⁴ Projeto realizado em 2007, viabilizado pela Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República (SEAP-PR) e a Caixa Econômica Federal. O projeto recebe o apoio da Cooperativa CRENOR e do Serviço do Patrimônio da União (SPU), o qual concedeu autorização para a construção e reforma de moradias localizadas em áreas de marinha. Mais informações estão disponíveis em: www.presidencia.gov.br.

possui estes trabalhadores, compartilhar os seus saberes de ofício, refletir a leitura e a interpretação que fazem do seu ambiente e das relações sociais. Percebe-se que o *saber de experiência* feito dos pescadores é fundamental para provocar outras leituras da vida, outra compreensão dos conflitos e dos problemas ambientais: “[o cooperativismo é] uma possibilidade para nós, porque nós vivemos há anos nesse regime [de exploração] e vê que não dá certo, está cada vez pior, então, [o trabalho cooperativo] nos dá uma visão melhor para nós continuarmos e orientarmos os nossos filhos e orientar os nossos colegas, orientar as crianças que vem vindo, nós fomos convidados para orientar a Patrulha Mirim no Cassino, para nós conversarmos sobre Educação Ambiental, até palestramos, então, se nós não estivéssemos organizados, não conseguiríamos fazer isso, não iria ter essa visão”. (pescador da cooperativa).

Os pescadores, ainda assim, almejam assumir o trabalho feito pela colônia de pescadores no momento em que se legalizarem enquanto cooperativa. Este significa mais um serviço que a associação poderia prestar às famílias de pescadores do bairro em que se localiza: “a cooperativa pode fazer o próprio seguro-desemprego do pescador (...), como cooperativa poderia fazer auxílio-doença, auxílio-maternidade, quer dizer, nós poderíamos fazer o trabalho que a colônia teria que fazer esse momento para nós (...), nós já fizemos os cadastros de licença de pesca para o IBAMA (...), já fizemos a entrega da carteirinha do Ministério da Cultura (...)” (pescador da cooperativa).

Com a realização destes projetos, os pescadores da APESMI ganharam o respeito, não só da comunidade do bairro em que está localizada, mas do poder público e das famílias de pescadores de outras regiões. A cooperativa possibilitou uma valorização do conhecimento e do trabalho destes pescadores artesanais: “nós estamos tendo um retorno agora, porque nós estamos trabalhando direto com a comunidade, temos o apoio da comunidade, não financeiramente, [mas] de conhecimento e consideração e respeito das pessoas com a gente (...), a verdade é que nós crescemos muito no conhecimento, se não crescemos financeiramente, no conhecimento [nós crescemos]”. (pescador da cooperativa).

Um aspecto importante deve ser salientado: a dependência do pescador artesanal em relação aos atravessadores e à indústria, este vínculo que possibilitava a exploração do pescador, era favorecido pelo acesso desigual às tecnologias de pesca, referentes ao armazenamento, processamento e transporte do pescado. Uma vez formada a associação, os pescadores artesanais tiveram acesso a projetos do governo federal que financiassem os equipamentos tecnológicos necessários para realizar a comercialização de seus produtos,

desde a captura do pescado até a sua entrega: caminhão refrigerado, mesas de inox, redes, motores, baterias, além da construção do prédio da cooperativa.

Os pescadores adquiriram esta visão empresarial e possuem a esperança de que seus filhos também trabalhem no ramo do comércio de pescados, valorizando o trabalho da pesca e não abandonando por completo este espaço. Esta esperança é alimentada permanentemente pelos pescadores associados: *“eu espero que, amanhã ou depois, os meus filhos usufruam daquilo ali [da cooperativa], porque nós vamos ter mais valores materiais, dinheiro assim é muito bom, claro, nós vamos trabalhar para isso, quanto a minha família, claro, os filhos são donos também, porque amanhã ou depois, eles podem dizer, meu pai plantou essa arvorezinha e essa árvore está grande porque ele cuidou, fez de tudo pelo menos para que ela crescesse”*. A tese que muitas pesquisas sustentam até hoje - de que os pescadores não desejam que seus filhos também sejam pescadores - ainda se sustenta. É compreensível que pensem assim, já que é uma profissão muito sacrificante, sofrida. Entretanto, com a organização da cooperativa emergiu a esperança de que seus filhos possam ter um futuro promissor através do comércio de pescados, que os benefícios vindouros sejam estendidos, principalmente, aos filhos de pescadores associados.

Quase a totalidade dos pescadores entrevistados possui a esperança de que seus filhos, apesar de não trabalharem como pescadores, não abandonem o espaço da pesca, mas que exerçam atividades na cooperativa atuando, por exemplo, como comerciantes ou administradores como coloca um pescador: *“É outra visão que as pessoas estão tendo e da família em geral, os filhos, alguns que já estão se formando em administração, em economia, estão nos assessorando voluntariamente dentro da organização, (...) nós estamos tentando, em mais uma etapa, reunir os filhos dos sócios e trabalhar com eles, porque nós estamos tendo a necessidade muito grande de como vender o nosso produto e conversar com eles sobre o quê que eles gostam de fazer, o quê o filho desse gosta, o quê o filho daquele gosta”*. Ainda assim, outro pescador fala da esperança de ver os seus filhos trabalhando na associação: *“A esperança, eu já te falei que estou com sessenta anos, a minha esperança é aquilo que eu te falei bem no início das primeiras reuniões, se não for eu que tiver benefícios sobre isso, os meus filhos irão ter, os meus netos irão ter e os filhos de outros irão ter, porque eu briguei por isso”*.

A cooperativa é movida com esperança à medida que os pescadores vislumbram possibilidades de construir uma outra realidade para suas famílias, com qualidade de vida e, principalmente, independência profissional. Vivenciam o sonho da possibilidade de poderem trabalhar como empresários do comércio de pescados: uma vez rompidas as relações

de dependência com o atravessador, participam desde o processo de captura do produto e beneficiamento, até a sua comercialização.

O reconhecimento da sua importância por parte das famílias de pescadores que trabalham para a APESMI constitui outro fator que fortalece a confiança no projeto. Entretanto, a partir do momento que a cooperativa assumiu esta função na comunidade, destituindo os laços de dependência destas famílias com os comerciantes intermediários, passou a vivenciar um conflito: acabou assumindo o papel que, anteriormente, era designado aos atravessadores, uma vez que as famílias agora ficam dependentes da cooperativa para comercializarem os seus produtos.

Assim, está sendo construída uma outra imagem do pescador artesanal: a do pescador-empresário, com capacidade de organização, mobilização e conhecimento necessários para gerenciar o comércio de pescados. Este processo fortaleceu a imagem de esperança em relação ao futuro da pesca artesanal, rompendo com a percepção fatalista destes trabalhadores que afirmavam a impossibilidade de ainda poderem sobreviver desta atividade.

Com a construção deste empreendimento, estabeleceu-se também uma outra percepção em relação ao trabalho dos filhos de pescadores. Desse modo, como percebem um futuro promissor no trabalho com a pesca através da cooperativa, desejam que seus filhos não mais abandonem este espaço, antes, que assumam o papel como administradores.

O objetivo deste trabalho, portanto, é negar a imagem trágica em relação ao trabalho da pesca artesanal, afirmando uma *imagem de esperança* que mostra a luta e organização dos pescadores artesanais para reinventarem a sua profissão. Afirma-se que a sua profissão assumiu um outro sentido em suas vidas: com a formação da cooperativa, o trabalho da pesca artesanal adquiriu o sentido da esperança. Sendo assim, experimentam a esperança a cada momento de sua luta, nos desafios, nos seus acertos, nos seus erros, ao vencerem cada obstáculo, sem desconsiderar, porém, a existência da desesperança como algo também presente neste processo.

5.2. Denúncia-anúncio no contexto da pesca artesanal

“(...) eu acho que é fundamental ter pessoas determinadas e um grupo que acredite que vá dar certo e trabalhem junto, que tenham união no trabalho, porque o caminho é duro, mas a gente tem que acreditar num sonho que é possível, a gente sabe que é difícil, mas é possível”. (trabalhadora da cooperativa)

Pensar a existência implica refletir a abertura a possibilidades, e as possibilidades comportam novas formas de ser e estar no mundo. Dentro desse contexto, o conhecimento não deve ser construído de forma isolada dos problemas da atualidade e das populações que sofrem com as consequências do capitalismo neoliberal. Portanto, pensando a existência e não somente idéias, a Educação Ambiental deve estar comprometida com esta capacidade de nós, seres humanos, rompermos com as condições concretas de existência de uma economia globalizante da miséria, da desigualdade social e da exploração. Como seres de sonhos, percebe-se que é possível construir alternativas de superação de um contexto opressor quando se passa a engajar-se na experiência da busca e vivência concreta desse sonho.

Os sonhos implicam possibilidades de querer, poder e ser no mundo. Os movimentos sociais projetam sonhos de mudança da realidade, nutrindo a nossa capacidade utópica, resgatando em nós a esperança de uma nova sociedade. O sonho utópico tem este potencial transformador, de compreensão da realidade como algo dinâmico e mutável.

A incompletude do ser humano caracteriza a sua constante busca, e essa procura, permanentemente alimentada pelos sonhos, potencializa a nossa capacidade de intervir na realidade, tornando o ser humano capaz de agir, decidir e romper. Assim, percebendo-se como sujeitos sonhadores, capazes de lutar e transformar, os pescadores artesanais alteram a sua compreensão de mundo e do seu próprio trabalho, suscitando mudanças na maneira de se relacionarem entre si e com o meio ambiente. Assim, questiona-se: Como perceber o sonho, enquanto processo de denúncia-anúncio no trabalho da pesca artesanal? O que os pescadores denunciam e anunciam? Que conflitos vivenciam no trabalho cooperativo?

Os pescadores denunciam o predomínio de um contexto de exploração e injustiças na comercialização do pescado na cidade do Rio Grande, fato que atinge as famílias de pescadores que vivem no espaço urbano. A exploração é percebida através do vínculo de dependência destas famílias com as indústrias que contratam mulheres para realizarem o processo de beneficiamento do pescado e, principalmente, com os comerciantes intermediários que compram o produto do pescador artesanal nas margens da Laguna dos Patos e realizam o transporte do produto até a indústria: *“Quando a gente diz que é independente, que a gente é livre, nós nunca fomos livres, agora sim, agora [com a associação] estamos criando a nossa própria independência (...), agora nós estamos nos sentindo livres mesmo, estamos com a nossa independência quase realizada (...), porque nós pensávamos que éramos livres e não éramos, nós já éramos presos ao atravessador e à indústria”* (pescador da cooperativa).

O que mantém este vínculo de dependência durante várias gerações são as relações de assistencialismo que predominam entre estas famílias e os atravessadores, estes também garantem o emprego para as esposas e filhos dos pescadores, pagando um preço miserável pela mão-de-obra. Em certos casos, fornecem alimentos, combustível e apetrechos de pesca com altos valores, fazendo com que o pescador lhe pague com o produto pescado: *“se nós vendermos para os atravessadores ali, a gente pesa vinte quilos ali, quando chega na balança [deles] já dá menos de vinte quilos, dá dezoito quilos para eles, eles roubam, então, o peso deles já é ladrão, e tu pede uma camisa de vidro para colocar [no liquinho] e eles já vão lá e descontam, então tudo que eles comprarem para nós é descontado (...), a única coisa que ele quer é explorar, só explorar, só ele ganha, a gente vê atravessador com carro novo, moto nova ”*. Outro pescador comenta sobre como se estabelece essa relação de exploração: *“para ir para o mar tu pede para o atravessador dez litros de óleo, então, tu já fica preso a ele e o teu peixe já vai ter que ser vendido para ele para poder descontar o óleo, [porque] às vezes tu não tem dinheiro disponível para comprar o óleo”* (sócio da APESMI). Ou seja, os atravessadores enriquecem à base da exploração dos pescadores artesanais, os quais cada vez mais se percebem empobrecidos.

Entretanto, alguns pescadores acusam que a manutenção dessa relação de dependência e exploração é causa da aceitação passiva dos próprios pescadores, não a refletem enquanto resultado do próprio modo de organização da sociedade: *“sempre vai ter pescador, principalmente, pescador que é muito acomodado, ele gosta daquele vínculo de dependência, ele vai lá e vende o pescado para o fulano, porque o fulano proporciona óleo, proporciona gás, tem o tipo de pessoa que nunca procura se manter para chegar na safra e não depender*

parece que ele tem necessidade daquele vínculo, então, sempre vai ter mercado para o atravessador” (trabalhadora da cooperativa).

Uma das interferências que a associação realizou na vida das famílias de pescadores que não fazem parte do quadro de sócios se reflete no rompimento da sua relação de dependência com os comerciantes intermediários, os quais percebem a instituição como uma ameaça à manutenção do seu poder de mando na comunidade. Ocorre que estas famílias passaram a trabalhar não mais para os atravessadores e as indústrias, mas para a associação, seja fornecendo a mão-de-obra no processo do beneficiamento do pescado, seja vendendo o produto pesqueiro aos trabalhadores cooperativados, uma vez que é pago um preço mais justo pelo trabalho oferecido e pelo resultado do trabalho dos pescadores não associados. Por esse motivo, os associados acabam encontrando dificuldades em comercializar o seu produto, pois as elites locais e as indústrias dependem da posição subordinada do pescador para auferir maiores lucros.

Além disso, instaurou-se um conflito entre os pescadores da APESMI e aqueles que não são associados: os cooperativados encontram oposição por parte dos próprios pescadores que não são sócios e trabalham na pesca na Laguna dos Patos, os quais resistem em vender o seu pescado para a cooperativa. Os motivos são desconhecidos, alguns arriscam deduzir que esta postura do pescador não associado se deve a um sentimento de desconfiança em relação à cooperativa ou, talvez, deva-se ao fato de poderem perder a relação comercial que estabelecem com os atravessadores, pois, de algum modo, dependem desta relação de exploração para poderem garantir a sua sobrevivência.

Uma mulher que trabalha para a APESMI comenta sobre esta dificuldade de comercializar o produto da cooperativa com a indústria da cidade e com outros pescadores que não são associados: *“onde nós encontramos resistência, é tudo que gerar comércio a gente encontra resistência para comercializar a nossa mercadoria, porque o pessoal que trabalha com peixe, com camarão, que trabalha no verão, se puder fazer qualquer coisa para nos passarem uma rasteira, para nos tirarem do mercado eles não pensam duas vezes, eles vêem na cooperativa uma ameaça para eles, esse verão até uma coisa interessante [aconteceu], o camarão no início da safra, a gente teve sérios problemas em pegar [comprar] o camarão, a gente teve que fazer eles [os pescadores não associados] entenderem que a gente é só mais uma entidade que está lutando, lutando pela sobrevivência também”.*

Assim, um dos objetivos da cooperativa é conquistar o pescador que não é associado, despertá-lo para a importância do cooperativismo no contexto da pesca artesanal, enquanto uma possibilidade de rescindir os laços de dependência com os atravessadores, bem como

com as indústrias locais, objetivando a valorização do seu trabalho e a melhoria da sua qualidade de vida, fatores que são conseqüências desse processo de ruptura: *“a visão já é de trabalhar junto com a sociedade e dar uma visão diferente para eles [para os pescadores não associados] e no início desse trabalho já conseguir conversar com essas famílias [de pescadores] e tentar desenvolver esse trabalho, passar um pouco para eles, porque nós querendo ou não nós somos, como se diz na universidade, nós estamos espalhando a semente, nós vamos lá, trouxemos as informações e tentamos colocar dentro da comunidade essa visão [do cooperativismo]”* (pescador da cooperativa).

Daí que se pode perceber o que representa esse processo na vida destas famílias de pescadores: o trabalho cooperativo enquanto espaço de emergência de possíveis, de encantamento e reelaboração da sua realidade. Este projeto representa uma procura por um maravilhamento diante da vida, uma busca pelo direito de *serem mais*. Esta deve ser a perspectiva da Educação Ambiental: fortalecer nossas imagens de esperança e felicidade através da vivência e busca pela materialização dos sonhos de uma vida melhor.

Através da cooperativa, estão reaprendendo a sonhar, a recuperar a capacidade de ter a esperança de uma vida melhor: *“Outro sonho é comercializar o nosso próprio produto que a gente pesca e ver nossos vizinhos, nossa família preparando, sobrevivendo e conseguindo se sustentar daquilo ali, porque a pesca em si está muito difícil, mas com um trabalho bem organizado, trabalhando direitinho, trazendo pra dentro da comunidade o trabalho para ser feito, para todo o dinheirinho ficar dentro da própria comunidade, dentro da casa dos vizinhos, dos sócios, isso aí é um dos sonhos nossos hoje (...)”* (pescador da cooperativa).

Gaston Bachelard afirma que os sonhos são atemporais, ou seja, não constituem desejos intencionados somente para a sua materialização no futuro, por isso, podem estar voltados tanto para as imagens de contextos do passado, quanto serem vivenciados no momento presente. A ação intencional do projeto destes pescadores foi movida pelas situações que foram vivenciadas no passado de cada família de pescador, pois com a construção da cooperativa desejavam concretizar algo que sempre esteve presente na esperança e nos sonhos de seus pais: *“[o sonho] é tentar organizar a classe do pescador artesanal, nós temos as nossas colônias, os nossos sindicatos, nós vemos mais o [interesse] do capitalismo ali dentro, do poder, que é maior do que o [interesse de] organizar a classe, é isso que se enxerga hoje e a intenção mesmo, uma das primeiras coisas era organizar, mostrar pro pescador que ele é capaz de fazer, que ele é capaz de construir, que ele é capaz de lutar pelos seus direitos, pelas suas necessidades, e isso é um dos sonhos e, cada vez mais, nós estamos vendo que isso é possível (...), mostrar pra comunidade em si que o pescador não*

deve ser discriminado como ele vem sendo toda a vida, que ele é um ser humano trabalhador e honesto”(pescador da cooperativa).

Apesar de vivenciarem esse contexto de dificuldades e exploração, não desejam abandonar a profissão, por esse motivo, houve a necessidade de reinventá-la. Espelham-se na qualidade de vida que os atravessadores possuem as custas da exploração do pescador artesanal, comercializando o produto que compram dele, por isso seus sonhos vislumbram a possibilidade de conquistarem os benefícios lucrativos que o comércio de pescados pode permitir. O caminho para a materialização desse sonho foi a construção de uma cooperativa com estrutura de uma indústria que permitisse desde o beneficiamento do pescado (limpeza, empacotamento e refrigeração) até as condições adequadas para o seu transporte.

Com a formação da cooperativa anunciam a esperança no trabalho da pesca artesanal, almejam ter uma qualidade de vida melhor em sua aposentadoria, pensam que o negócio poderá lhes garantir uma estabilidade profissional no momento em que não terão mais as condições adequadas de saúde para trabalhar com a pesca. Esta é uma preocupação constante dos pescadores, pois assistem às dificuldades financeiras que os seus pais passam quando se aposentam desta profissão: *“Os meus objetivos, claro que com o tempo eu não vou mais conseguir pescar na minha idade, e nós tendo uma associação, vão ter outros serviços [relacionados] à pesca, [mas] fora do mar, é o meu sonho, ou eu vou trabalhar de guarda, enfim, ou como se diz, encarregado de alguma coisa, quer dizer que eu vou ter o meu serviço aqui, nós mesmos estamos fazendo emprego para nós, o meu sonho é esse aí” (pescador da cooperativa).*

Os sonhos são movidos pela busca por um referencial de felicidade e, como afirma Ernst Bloch, pela construção de um futuro autêntico, pois, como foi salientado em um momento anterior deste trabalho, a utopia concreta inclui a ocorrência do que ainda não existiu. O futuro autêntico almejado pelos pescadores compreende a esperança da possibilidade de se construir uma sociedade com qualidade de vida para os trabalhadores e condições dignas de trabalho, sem exploração: *“(...) um perfil de sociedade com igualdade e principalmente qualidade de vida dessa sociedade (...), que as pessoas saiam para a rua e saibam que estão ganhando do seu trabalho para sobreviver (...) pagar suas contas e viver com dignidade, essa é a sociedade justa, não juntar dinheiro, ficar rico, mas sim, se estabilizar na vida, ter estas condições dignas de vida e dar condições para o seu filho, sem exploração”.* Desse modo, compreende-se que, no contexto da economia solidária, os sonhos desejados e vivenciados pelos pescadores artesanais constituem ato político necessário, entendidos como possibilidade de superação das condições de vida a que estão submetidos,

como luta contra as relações de exploração. Não cansamos de repetir as palavras de Freire, quando afirma que:

Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se. Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer a história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no *sonho* também um motor da história. Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança. (Freire, 1992, p. 91).

A partir da busca pela concretização dos seus sonhos, organizaram-se através do trabalho coletivo com o objetivo de resgatar a auto-estima do pescador e o seu senso de organização e mobilização, como coloca um dos sócios: “(...) *como associação, o princípio tem que ser esses, de resgate da auto-estima do pescador e também essa organização, essa solidariedade de querer lutar, e essa força tem dentro de qualquer pescador, com certeza (...)*”. Como afirma Paulo Freire, a reinvenção das gentes e do mundo passa pela soma de esforços e pelo fortalecimento das relações entre as pessoas, fator percebido dentro das relações estabelecidas entre os pescadores artesanais inseridos nas práticas de economia solidária popular, uma vez que se constituem como espaços da organização da vida e do trabalho de forma cooperativa. Portanto, dentro do contexto de trabalho destes profissionais, o sonho é resultado de uma luta do coletivo, sendo buscado e vivido coletivamente.

Entretanto, este sonho vivido e buscado coletivamente não desconsidera a existência dos sonhos individuais. É por esse motivo que trabalhar cooperativamente constitui um desafio, pois a dificuldade está relacionada em como construir e vivenciar um sonho coletivo sem renunciar aos sonhos individuais: “*Um dos problemas foi a organização, a conscientização do pescador em trabalhar organizado, porque o costume dele, a própria cultura dele é individualista até um certo ponto, porque ele tem às vezes que trabalhar no coletivo, três, quatro junto (...)*” (pescador da cooperativa).

O sonho possível é entendido tanto como construção individual, quanto coletiva, envolve a questão ética do comprometimento com o outro ser humano. Significa um processo de descoberta daqueles e daquelas que fazem parte de nossas relações sociais, como coloca Peter McLaren (2001, p. 42): “Nós não podemos descobrir quem nós somos separadamente de nossa luta comum, com, contra e além de cada um, pois somente através dessa luta podemos reconhecer que não existem fronteiras separando-nos uns dos outros”. Neste sentido, os pescadores colocam como utopia, a necessidade de reconhecimento da importância do outro

ser humano para a construção de uma sociedade mais justa. Peter McLaren afirma que o processo de luta coletiva envolve a construção de sujeitos revolucionários, resultando na libertação do ser humano. Dessa forma, solidariedade é entendida como categoria de luta, conhecimento e libertação.

O sonho deve ser compreendido não como idealização ingênua da realidade, mas como reflexão crítica da mesma: *“O nosso sonho é a igualdade (...), nós sabemos que a sociedade que se vive hoje tem muitas diferenças (...)”*. Assim, a utopia da Educação Ambiental parte no sentido da criação e realização de uma sociedade sustentável, em que se torna imperativo a transformação de uma sociedade baseada na desigualdade, para a construção de uma mais solidária e participativa.

A perspectiva da Educação Ambiental está inserida no processo de construção e vivência de sonhos no trabalho com a pesca artesanal e no fortalecimento da esperança destes pescadores, percebidos como elementos potencializadores de mudanças nos valores e nas relações de trabalho: *“A igualdade tem que acontecer, tendo a igualdade não tem exploração e eu acredito nisso aí, se nós tivermos a humildade, a vontade que a sociedade dê certo, nós temos que trabalhar com transparência, humildade e igualdade, e é o que nós fazemos aqui (...), nós tentamos trabalhar dentro da associação de acordo com isso aí, levantando os valores que nós temos, porque isso estava sendo deixado de lado”*.

Assim, os pescadores artesanais através do trabalho coletivo, instauram dentro da associação, um contexto em que novos valores são cultivados e experimentados. No espaço da economia solidária popular, cultivar valores que diferem daqueles presentes em uma empresa capitalista, significa vivenciar o sonho da cooperação e da solidariedade, princípios compatíveis com o projeto político-pedagógico de uma Educação Ambiental na perspectiva crítica. Portanto, o anúncio de um contexto sonhado por estes trabalhadores, acaba sendo concretizado no âmbito da associação, ou seja, os trabalhadores aprendem e vivenciam na própria prática da luta coletiva, a realidade que se deseja construir para o contexto da pesca artesanal. Percebe-se, portanto, o exercício de uma cidadania ambiental no espaço deste empreendimento, capaz de construir práticas em que todos aprendem na convivência cotidiana, desenvolvendo um senso de partilha, cooperação e solidariedade: *“(...) a partilha, graças a Deus, que isso é uma das coisas mais tranquilas que nós temos, nós quando fizemos um projeto, fazemos um trabalho, nós colocamos que vamos ganhar em cima da produção que tu faz e isso não tem problema nenhum, nunca deu problema para nós, tudo é repartido no que tu produz”* (pescador da cooperativa).

Apesar dos conflitos, através dessa dinâmica da organização coletiva, os pescadores interagem e compartilham conhecimentos, novas percepções do meio ambiente e das relações humanas. Nesse sentido, segundo Carlos Brandão (2005, p. 77): “Esta dimensão educadora existe e é essencial em um movimento de ação social, ela existe também e se multiplica nas redes de trocas de saberes e de experiências que vários grupos e as várias comunidades de ação social geram e fortalecem dentro de um bairro, de uma cidade, de um município”.

Os pescadores ao mesmo tempo em que sonham com um projeto de sociedade em que predomine a solidariedade, a cooperação e valorização do ser humano e de seu trabalho, vivenciam este sonho no âmbito das relações estabelecidas dentro da associação. Portanto, pode-se afirmar que o sonho possível, também é um sonho vivenciado. Nesta perspectiva, segundo Gaston Bachelard, o ser humano recria o mundo através do devaneio, nesse processo o sonho se torna vivência e experiência concreta de vida. Através do devaneio, o mundo idealizado pelo sonhador, torna-se o mundo real, em que são criadas possibilidades de engrandecimento de sua realidade: “Um mundo se forma no nosso devaneio, um mundo que é o nosso mundo. E esse mundo sonhado ensina-nos possibilidades de engrandecimento de nosso ser nesse universo que é o nosso”. (Bachelard, 1988, p. 8).

Entretanto, ao expressarem a importância de valores como a união e a solidariedade na experiência do trabalho cooperativo, vivenciam um conflito permanente: a necessidade de exercer e fortalecer estes princípios constitui um desafio à medida que entram em conflito com os valores consumistas e individualistas. Um pescador afirma que esta é uma das problemáticas enfrentadas e que, muitas vezes, prejudica o andamento dos trabalhos.

Na visão das mulheres que trabalham para a cooperativa, ainda se torna necessário que alguns sócios despertem para estes sentimentos de união e solidariedade como afirma uma delas: *“eu acho que falta um pouco de solidariedade, acho que se tu for solidário estás ajudando a ti mesmo, não só ao teu próximo, mas a ti mesmo, então, eu vejo da parte de alguns, solidariedade até demais e, da parte de outros, pouca solidariedade”*. Assim, não há consenso neste sentido, isso é uma das problemáticas que os pescadores vivenciam em sua organização: *“eu acho que é uma dificuldade grande que se tem dentro das organizações, porque nós queremos é fazer mesmo um trabalho coletivo, nós não queremos trazer para o lado individual e no momento que tu tomas algumas atitudes, o pessoal já começa a pegar para o lado individualista, nessa de pegar sete, oito e fazer o trabalho [juntos] não é muito o sentido da coisa, por isso que eu acho que, às vezes, uns afetam o grupo e acabam prejudicando o andamento do grupo, com certeza”* (pescador da cooperativa).

No contexto das instituições de economia solidária popular, os pescadores artesanais almejam que a luta coletiva e organizada inclua também as instituições representativas destes trabalhadores, como as colônias de pesca e os sindicatos. Um dos sócios da cooperativa afirma que estas entidades não deveriam somente ter responsabilidade sobre questões burocráticas referentes à documentação do pescador artesanal, mas representá-lo através da luta conjunta com estes trabalhadores para a melhoria das suas condições de vida, que lutem pelos seus interesses e valorizem o seu trabalho. Portanto, o pescador percebe a necessidade destas entidades representativas se incluírem no movimento organizado destes trabalhadores, no sentido de um maior fortalecimento da luta coletiva empreendida pelas associações e cooperativas. Paul Singer coloca que as unidades produtivas autogestionárias possuem pouco peso econômico quando são abandonadas a si, tendendo a ficar marginalizadas. Porém, quando recebem apoio dos sindicatos e partidos políticos, adquirem um respeitável potencial de crescimento político.

Os pescadores artesanais sonham com o fortalecimento do envolvimento das mulheres e da juventude no trabalho cooperativo, acentuando a importância da participação das mulheres nos empreendimentos de economia solidária no espaço da pesca artesanal. Porém, também afirmam que é imprescindível o comprometimento dos jovens neste trabalho, referindo-se a eles como sendo os principais responsáveis pelo desenvolvimento de outras cooperativas de pescadores. Dessa forma, estes trabalhadores sonham que os jovens, incluindo os filhos de pescadores, valorizem o trabalho da pesca: *“(...) agora o trabalho nosso com as feiras, não envolve somente mulheres de pescadores, envolve os jovens que estão também estudando e se formando e estando a trabalhar com a pesca (...), para nós é uma conquista nossa trazer o jovem também para reconhecer o trabalho do pescador (...), e ele já vindo trabalhando junto conosco, o jovem vai ver que a coisa é diferente, que nós precisamos do apoio do jovem, da juventude, da sociedade em geral para ir em frente. Então, isso é um sonho de sociedade, e quando pega esse trabalho coletivo, abre horizontes que nós não imaginávamos”*. Esta perspectiva em relação aos seus filhos significa uma grande mudança sobre o que esperam em relação ao seu futuro profissional: com a formação da cooperativa avaliam a existência de oportunidades de trabalho bem sucedidas no espaço da pesca artesanal.

Entende-se que o sonho se constitui enquanto práxis revolucionária concreta que implica novas formas de interpretar o mundo e de compreender as relações que se estabelecem nele, nega e rompe com o instituído, uma vez que se submete ao desafio e à necessidade da luta contínua e permanente no processo de busca pela sua materialização.

Dentro desta perspectiva, Moacir Gadotti e Francisco Gutiérrez (2001 p. 8) afirmam que : “A atuação orgânica de grupos locais se assenta numa utopia social mais geral, utopia concebida como a antecipação de uma sociedade melhor do que a presente, de respeito mútuo, autonomia e solidariedade.”

Assim, em relação aos pescadores artesanais, a denúncia está relacionada ao reconhecimento crítico de uma realidade concreta que os oprime e que, a partir do desvelamento de um contexto opressor, engajam-se na luta coletiva pelo rompimento destas relações de dependência e exploração, através da economia solidária popular. O anúncio está relacionado ao momento em que os pescadores, a partir do reconhecimento da sua condição de oprimidos, partem para a superação desta situação, através da formação de uma cooperativa. Anunciam a esperança para o trabalho da pesca artesanal através das possibilidades de concretização de uma outra realidade, como coloca o membro da associação: *“Eu acredito que a mudança é isso, pequenos núcleos, pequenos grupos e eles irem mudando, como nós conseguimos mudar a nossa mentalidade (...), sem o coletivo não existe o trabalho, então, é por aí o andar, a mudança da sociedade, porque a maioria da sociedade é pobre e o pobre serve muito para trabalhar e enriquecer aquele que já está rico e a visão está mudando (...).”*

Neste sentido, os pescadores artesanais denunciam o trabalho explorado, a relação de dependência das famílias de pescadores com os comerciantes intermediários. Relação de exploração que vem sendo mantida há várias gerações, assumindo uma função hereditária. E a cooperativa assume o papel de romper com esta situação de exploração em que se encontra o pescador: *“O pescador vem sendo explorado há muitos anos com aquela coisa de que tem que fazer e tem que produzir para sustentar o rico da indústria, enriquecê-lo mais (...), e assim ele (o rico da indústria) vem a vida toda fazendo isso (explorando o pescador), nós podemos produzir para o nosso sustento, para sobreviver, não para enriquecê-lo, não para enriquecer a indústria, enriquecer um atravessador e sim sobreviver com dignidade.”*

Portanto, no âmbito da Educação Ambiental, identifica-se nestes pescadores artesanais, inseridos no contexto da economia popular, valores ecológicos em seus projetos de vida. A formação de sujeitos que encontram nos seus sonhos e no fortalecimento da sua esperança o sentido da felicidade é coerente com a utopia de ser e de viver almejados pela Educação Ambiental. Esta se encontra inserida em um projeto utópico de sociedade que se busca orientar e experimentar no cotidiano os sonhos, a esperança e os valores de uma existência ecológica plena. O ideário ecológico alimenta a força utópica do desejo de

mudança de um modelo de exploração humana que, baseado no progresso ilimitado, se apropria dos ambientes de vida.

A utopia em Educação Ambiental compreende que existem possibilidades de mudanças, tanto em relação a transformações no modo individual de ser, quanto em termos coletivos. A experiência concreta do trabalho cooperativo fortalece o sentimento de esperança e de luta da comunidade de pescadores artesanais, formando sujeitos comprometidos com a mudança de uma realidade centrada na exploração e na destruição do meio ambiente, questionando, portanto, um crescimento que não está centrado nas necessidades e aspirações da classe trabalhadora: *“é uma luta também para deixar essa pescaria predatória para ajudar o meio ambiente a descansar um pouco (...), então, são alternativas que estamos tentando fazer junto com o IBAMA, nós já colocamos essa proposta [esse interesse] no Fórum da Lagoa ¹⁵ para ver se resolve, porque o pessoal não vai poder ficar sem pescar, isso com certeza, ninguém consegue ficar sem pescar porque é disso que ele vive, mas sim, dar condições que não prejudique o meio ambiente”*. (pescador da cooperativa).

Desse modo, os pescadores tem no sonho a esperança de construir uma qualidade de vida para os trabalhadores e a valorização da profissão de pescador artesanal. Almejam que a sociedade desperte para a problemática da pesca artesanal e reivindicam o apoio e engajamento de sindicatos, partidos políticos ao movimento organizado de economia solidária popular.

Ao questionarem o contexto da realidade que vivenciam, projetam utopias de mudança, transformando-se em sujeitos de esperança, em permanente busca, que reconhecem a necessidade de lutar através do trabalho cooperativo. A dinâmica onírica e o sentido emancipatório presente nas relações sociais destes trabalhadores inseridos no contexto da economia solidária popular é compatível com a tarefa da Educação Ambiental, pois fomenta sonhos de mudança e possibilidades de se pensar a esperança como elemento presente no trabalho da pesca artesanal.

¹⁵ O Fórum da Lagoa é um órgão colegiado que realiza uma função cooperativa no setor pesqueiro, sendo composto por entidades e representantes da sociedade civil, poder público e pescadores. Discute questões relacionadas à administração pesqueira, propondo-se a discutir a busca para novas perspectivas para o setor da pesca. O fórum recebe o apoio do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis).

5.3. Economia solidária popular: construindo sonhos e imagens de esperança

“(...) porque um atravessador tu não é o dono do galpão dele, tu não é o dono do caminhão dele, tu não é o dono da camionete dele, aqui na associação tu é o dono, é tu que é o dono, aquilo é teu (...), nós achamos que a cada início de safra nós vamos ter um futuro melhor e já tendo a associação, claro, melhor ainda, porque nós vamos trabalhar e correr atrás do nosso próprio valor”(pescador da cooperativa).

A evolução do capitalismo nas últimas décadas gerou processos estruturais que possibilitaram o crescimento da economia solidária popular nos países subdesenvolvidos. As mudanças tecnológicas e a reestruturação dos mercados internacionais diminuíram significativamente a capacidade de absorção da força de trabalho pelo mercado e pelo setor moderno da produção, reduzindo as possibilidades de acesso dos setores populares aos bens e serviços essenciais à sua subsistência. No contexto das transformações atuais do mercado, tem-se uma acelerada expansão da precarização do trabalho e ao aumento das taxas de desemprego. Estes problemas vivenciados, atualmente, pelos setores populares ultrapassam os espaços individual e familiar, tornando-se problemas localizados no âmbito da comunidade.

Criadas como alternativas ao capitalismo, as organizações comunitárias de economia popular configuram-se como pólos geradores de emprego e renda, possuindo uma racionalidade econômica própria, ao mesmo tempo em que reforçam a cooperação no trabalho e a rentabilidade econômica: *“(...) a idéia, o foco do trabalho é gerar renda para os próprios familiares e sócios donos, sócios fundadores, é o objetivo do nosso trabalho, é o que nós estamos pensando em fazer e a gente vai conseguir” (pescador da cooperativa).* Uma característica específica e fundamental a estas instituições é a presença da prática autogestionária.

Deve-se reconhecer o potencial educativo, político e organizativo da dimensão comunitária e sua contribuição ao desenvolvimento sócio-político de uma região. O processo de aprendizado se constitui no coletivo, incluindo no conjunto das suas práticas o trabalho

manual e intelectual e o diálogo para a conscientização e organização política. Sendo assim, questiona-se: Quais os sonhos e as imagens de esperança e felicidade que os pescadores artesanais estão buscando construir através da organização desta cooperativa? Quais os conflitos vivenciados no trabalho cooperativo?

Geradas a partir de uma necessidade de sobrevivência, o conjunto das práticas presentes nestas organizações populares desenvolvem processos educativos decorrentes das suas próprias atividades econômicas. Impulsionados pela busca de uma melhor qualidade de vida, estes grupos locais organizados, concebem a economia popular um significado mais amplo, que sobrepõe a sua busca pela subsistência, assumindo-a como um modo de vida. A organização baseada em valores comunitários como cooperação, participação e autogestão demonstra um processo de aprendizagem que incentiva alguns princípios contrários aos presentes na empresa capitalista, como afirma Moacir Gadotti (2001, p. 13):

A produção associada gera valores solidários, participação, autogestão, autonomia e iniciativas de caráter integral, como vida coletiva, cultural e educativa etc. A economia popular não se baseia nos critérios de rentabilidade e de lucro do sistema capitalista e da economia não-popular. Nisso ela aponta para algo diferente do capitalismo, embora esteja nascendo no universo capitalista.

Assim, diferente da lógica capitalista, que destina o trabalho ao acúmulo de riquezas, que têm o capital como o regulador das relações nos processos de trabalho, pois é ele que dita as regras, impõe penalidades, especifica normas, na lógica da economia solidária, entretanto, o resultado do trabalho é fruto do afazeres de seus próprios proprietários e não da exploração de um homem sobre outro, como ocorre em uma empresa capitalista. Neste sentido, afirma o pescador artesanal associado: *“Com aquele pensamento de não visar o lucro, o capital e sim, visar à vida, o ser humano. Então, essa economia solidária é o nosso futuro, é nós tentarmos mudar um pouco desse capitalismo hoje, a mentalidade, a visão de sociedade (...), não é fácil mudar, mas já está sendo o início e só tende a crescer”*.

A Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel foi fundada com o objetivo de ser, não uma solução para as condições de exploração a que estão submetidos estes trabalhadores, mas uma alternativa no mercado capitalista para aqueles que ainda acreditam na possibilidade de sobrevivência através da pesca artesanal. Frente às estreitas oportunidades oferecidas pelo capitalismo, a organização dos pescadores em cooperativas, revela-se como uma das possibilidades capaz de permitir a sua permanência na atividade

pesqueira e a valorização do seu trabalho: *“É tudo construção do trabalho coletivo, da associação, essa caminhada, então, traz muitas coisas boas, abre o mercado de trabalho (...), quando falam que o pequeno é o que dá mais emprego é uma realidade, porque é o pequeno que traz mais pessoas e valoriza o profissional (...), o trabalho é diferente, nós não estamos pensando que a associação tem que enriquecer (...) e sim que ela arrecade para se manter, para pagar as suas despesas e aquela pessoa que esteja trabalhando, que esteja contente também com o que ela está fazendo e com o que ela está ganhando, que consiga sobreviver daquilo ali (...)”*.

O trabalho cooperativo aparece como componente educador e formador de novas práticas de trabalho e relações sociais que não aquelas pautadas pelos princípios da empresa capitalista. Entretanto, inseridos nessa lógica, os trabalhadores acabam assimilando seus valores, dificultando as possibilidades de assimilar a essência do trabalho cooperativo, que é a autogestão, onde todos ao mesmo tempo em que são trabalhadores, são também proprietários e coordenadores do empreendimento.

Neste sentido, o conflito está presente na problemática de ser acordados os valores de cooperação e solidariedade e aqueles ditados pela economia capitalista, como os valores de competição e individualismo: *“Qualquer grupo, qualquer associação que seja criada sob os princípios do trabalho coletivo é muito difícil, porque a intenção não é ter um patrão, a intenção é ter um trabalho coletivo mesmo, o envolvimento de todos, e por isso se torna mais difícil, porque ser patrão é fácil, o difícil é tentar mostrar para ele que ele é o dono do que está vindo, é o dono do que está sendo construído, é o dono do que está sendo feito até hoje, e isso é uma das dificuldades no trabalho coletivo, mas com dificuldade que nós vamos aprendendo (...)”*(pescador associado).

Portanto, este constitui um dos conflitos vivenciados na cooperativa: existe a problemática da dificuldade de serem conciliados os valores solidários e individualistas como coloca um pescador: *“(...) nessa parte de união realmente ainda está meio estremecido, o pessoal ainda não está entendendo o que é união, porque ainda está na cabeça deles que o individualismo ainda é muito [mais] forte do que a união”* (pescador associado). Ainda sobre estes problemas, um pescador afirma: *“tem aqueles que entraram pensando que iriam ter lucro imediato, não é assim, uma cooperativa, uma associação não é assim, você tem que plantar para colher depois e as dificuldades são outras também, infelizmente em todo o setor tem os desonestos e você tem que ficar de olho”*.

Porém, o surgimento desta associação partiu da existência destas relações solidárias entre as famílias de pescadores que já se conheciam durante longa data e tinham os mesmos

objetivos e necessidades: a busca pelo sonho da possibilidade de melhorar sua qualidade de vida através do trabalho com a pesca artesanal. Desse modo, vivenciam o sonho da possibilidade de ter e fortalecer a esperança de construir uma vida melhor para os pescadores, como afirma uma mulher que trabalha com a cooperativa: *“[o sonho] é querer proporcionar às pessoas uma qualidade melhor de vida, pagando um preço mais justo, porque nós sabemos que tem essa possibilidade, não é uma utopia, não é um sonho, é uma realidade, [porque] o pessoal que pega o peixe e vende, que pega do pescador e revende, ele é o que fica com o lucro todo e é o que tem menos trabalho, menos investimento, menos tudo, só tem mais lucro, e [no momento] que a gente começou, na época eu era esposa de pescador, então, eu também vivi essa realidade de ser mal remunerado o pescador, de ser explorado, na verdade, explorado”*.

Os processo de construção dos *sonhos possíveis* está relacionado tanto à vivência da esperança de estarem construindo uma condição melhor de vida e de trabalho para o pescador, quanto ao modo de se relacionarem e conviverem instaurado entre os trabalhadores cooperativados. Ou seja, a partir do momento que construíram a associação passaram a conviver mais intensamente, a compartilhar seus planos, objetivos e projetos de vida: *“os associados que são em torno de dezoito, melhorou, como é que eu vou te explicar, o convívio entre eles, ficamos mais amigos e unidos, passamos a nos conhecer melhor (...), os nossos laços de amizade aumentaram, nós estamos nos confraternizando mais, já estamos vivendo mais juntos, como é que eu vou te explicar, estamos mais unidos, vivenciamos os problemas juntos”* (pescador da cooperativa). Perceberam que eram comuns os problemas que enfrentavam, como eram comuns os objetivos de mobilizar e organizar a classe do pescador e mostrar que uma outra possibilidade de trabalho pode ser construída na pesca artesanal.

A partir da formação da cooperativa, o pescador artesanal assumiu funções que, anteriormente, eram designadas àqueles que repassavam o seu produto à indústria, ficando com o maior percentual nos lucros. Sendo assim, o pescador passou a dominar o processo de produção e comercialização do seu pescado. Através de projetos de financiamento do governo federal, conseguiram alcançar o sonho de montar a estrutura necessária para assumir essas funções: *“o governo está dando um benefício, no caso, doou o caminhão para nós, doou os materiais e apetrechos para manuseamento na sala de filetagem, no caso, as mesas para limpar o peixe e outros materiais e isso deixa eles [os pescadores] contentes”* (pescador da cooperativa). Portanto, o pescador assume agora um novo compromisso, uma vez que se torna um pescador-empresário: *“a gente vive até hoje da pesca, então, os nossos sonhos são esses, é nós chegarmos até o consumidor do nosso pescado e mostrar que nós temos*

condições também de administrar nosso próprio negócio e levar qualidade pra mesa do consumidor (...)” (pescador da cooperativa).

Esse processo modificou intensamente a rotina de trabalho destes trabalhadores que, a partir de então, perceberam-se ocupados com atividades que não costumavam realizar. Desse modo, além de pescar, devem administrar o empreendimento: *“porque antes a gente teria [somente] que pescar, hoje nós temos que pescar e administrar, nós estamos mais ocupados hoje do que antes da associação, mas só que é uma ocupação boa, estás sabendo que estás fazendo em benefício teu e da comunidade, principalmente, (...) nós estamos mais envolvidos, somos mais cobrados também, tanto da comunidade em si, como das repartições públicas, nós também somos cobrados a participar das reuniões do IBAMA, de fóruns (...)” (pescador da cooperativa).*

Nesse processo almejam dominar o processo de produção e comercialização do pescado, possuem o sonho de poder competir com os comerciantes intermediários e a indústria: *“O mais importante foi o que eu te falei antes, é tu ter poder de competir com os atravessadores, com as indústrias e ter o acesso a colocar o seu produto sem precisar de atravessador, pelo menos a idéia foi essa” (pescador da cooperativa).* Para isso, almejam montar uma estrutura com capacidade suficiente para realizar a sua total independência: *“eu acredito que nós vamos conseguir montar essa estrutura toda e ver isso aqui funcionando a cem por cento e, claro, no momento que a APESMI funcionar, que a gente conseguir montar a estrutura toda, é muito gratificante tu ver o pescador vendendo o peixe dele por um preço justo, as mulheres trabalhando por um preço mais justo também e conseguindo uma melhora de vida (...)” (trabalhadora da cooperativa).*

Neste sentido, é importante salientar que, apesar de uma cooperativa ser construída e mantida a partir da prática da autogestão, diferindo-se, neste aspecto, de uma empresa capitalista, não está imune aos princípios reguladores do mercado, necessários a qualquer empreendimento que precise sobreviver no atual sistema. Os confrontos na cooperativa emergem a partir deste ponto: a autogestão se revela como uma forma alternativa de administração que tenta evocar o valor da cooperação, da solidariedade e da atmosfera amigável no trabalho em meio a um contexto de organização da sociedade em que predomina o agressivo ambiente de competição e a busca incessante pelo lucro.

Autores como Francisco Gutiérrez, denominam “educação socialmente produtiva” o projeto educativo alternativo no âmbito da economia solidária popular que busca romper com alguns destes aspectos característicos da racionalidade de nossa sociedade e que transcende a esfera da escola e do sistema educativo, realizando-se em todos os espaços da comunidade.

Coloca este autor, que a educação socialmente produtiva supõe a participação enquanto elemento essencialmente educativo, que propicia níveis cada vez mais elevados de consciência e organicidade, resultando em ações concretas de transformação da realidade social. A possibilidade de produzir um novo sistema social que se contrapõe ao dominante, revela a expressão criadora e solidária destes trabalhadores organizados. A criatividade é resultado da busca pela superação das contradições que se tornam obstáculos a conquista de uma sociedade diferente, como coloca Francisco Gutiérrez (2001, p. 29):

Ao refletir (práxis) sobre casos concretos da problemática produtiva e organizativa de cada dia, surgirão gestionariamente as melhores e mais adequadas soluções. O crescimento de sua consciência organizativa será, portanto, produto da luta por superar seus problemas e aprender em sua práxis e através de conflitos que a vida organizativa dá vida à organização e força à vontade coletiva.

Dessa forma, entende-se que no processo educativo de um movimento solidário, cada sujeito participante se transforma e transforma o outro a partir das relações sociais. Estabelecem-se formas variadas de comunhão e solidariedade, em que a cooperação, a participação e a criatividade são elementos constituintes do processo de formação humana destes sujeitos. A aprendizagem, portanto, desenvolve-se no cotidiano, no interior das relações tecidas dentro do movimento como afirma o pescador: *“a humildade, a confiança, a transparência e também a solidariedade, isso é fundamental, saber que não só tu tem que vender o teu peixe, tem que vender o teu produto, mas sim o teu companheiro (...), tu tem que saber fazer essa distribuição (...)”*.

Os valores cultivados nas experiências de natureza associativa se inserem no processo de aprendizado do coletivo, modificando os modos de se comunicar e se expressar. O caráter formativo do trabalho cooperativo, através das relações sociais estabelecidas no seu interior, pode determinar a compreensão das transformações necessárias para a construção de uma outra concepção de relações sociais na sociedade atual, como afirma Benedetto Gui (2003, p. 337), citado por Márcia Pinheiro:

“(...) o caráter formativo está associado à tarefa não só de modificar comportamentos, mas “de repensar profundamente a concepção que temos de atividade econômica e a própria noção de bem-estar e de ‘como’isso pode ser alcançado. Trata-se, portanto, de reinventar a ‘cultura econômica’ dando às relações interpessoais a primazia que lhes cabe, e de contribuir para a melhoria do viver humano”.

Portanto, sem negar a existência de confrontos nestas iniciativas, pode-se perceber que um novo horizonte nas relações sociais está sendo construído nestas comunidades onde se desenvolvem experiências de economia solidária popular. As relações estabelecidas fundamentam-se nos princípios da cooperação e democracia e a eficiência de uma organização de natureza associativa está relacionada com a prática concreta destes princípios na vida cotidiana de seus associados, ou seja, é um processo em que estes valores devem ser experimentados e internalizados. Nesse âmbito, percebem-se inovações sociais importantes, relacionadas à vida em comunhão e à própria organização da atividade produtiva, baseada na repartição dos ganhos e na solidariedade, caracterizando um novo modo de conceber a vida social, uma nova leitura da realidade e das relações interpessoais.

Mas o propósito de fortalecer os valores solidários necessários ao sucesso de um empreendimento cooperativo constitui um permanente desafio aos pescadores artesanais, sendo assim, a questão está relacionada em como fazer com que os sonhos e objetivos individuais resultem em empenhos e projetos coletivos. A existência deste confronto implica em problemas relacionados à solidificação da união e da confiança, à admissão de compromissos por parte de alguns pescadores cooperativados: *“nós [os associados] ficamos se conhecendo melhor, mas a parte que nós deveríamos se conhecer melhor mesmo, sermos transparentes uns com os outros, esse conhecimento por parte da associação não está sendo bom, porque nós não estamos conseguindo confiar uns nos outros (...), mas na comunidade, assim em geral, a gente arrumou muito mais amizade com as pessoas e as pessoas nos procuram bem mais, eu acho que nós temos organização, temos desorganização (...), [mas] não colocamos esse tipo de problema para fora da comunidade, isso a gente faz internamente, a gente discute na reunião”*.

Assim, devem-se reconhecer os limites e conflitos presentes nestas iniciativas. Participar de uma associação ou cooperativa implica a assunção de um compromisso com os outros membros associados, sugere o cumprimento de obrigações, implica assumir uma responsabilidade com o coletivo. A consciência do pescador em relação ao compromisso de assumir estas responsabilidades constitui uma das problemáticas enfrentadas pelos trabalhadores cooperativados da APESMI. Assim, coloca o pescador associado: *“[o importante é ter] compromisso e responsabilidade (...), dificilmente uma reunião vai ter mais de cinquenta por cento de presença, o pessoal está bem dispersado, a realidade é assim (...)”*.

O diálogo humilde e transparente é uma prática fundamental a um empreendimento cooperativo que, ao contrário da gestão capitalista, possibilita que os conflitos sejam travados abertamente e resolvidos a partir de decisões tomadas no âmbito do coletivo. A humildade no

diálogo é necessária enquanto respeito diante das diferenças de opiniões, de opção religiosa e níveis de escolaridade, por exemplo: *“no momento que tu tens confiança nos outros, o trabalho desenvolve melhor, o importante é a humildade dentro do grupo, deixar ele falar, não só escutar (...), tu sabe que ele está do teu lado e ele, com certeza, tem idéias boas, ele tem soluções para os problemas, mas se tu não tiveres a humildade e reconhecer que ele está do teu lado, que ele tem idéias boas (...) a coisa não dá certo, isso tem acontecido muito no nosso grupo, tem muitos que falam assim “eu tenho pouco estudo, eu mal sei escrever o meu nome, mas eu tenho experiência de vida que é a maior escola hoje” (...).”* (pescador da cooperativa). Assim, o diálogo se mostra como um desafio na medida em que esteja comprometido com o respeito aos saberes e experiências de vida de cada sujeito no processo de enfrentamento dos conflitos e na construção do conhecimento.

Entendemos que o diálogo exige além de uma relação de humildade entre os que dialogam, uma relação de confiança: a esperança se fundamenta na confiança que os sujeitos possuem nas suas possibilidades e na sua capacidade criadora, de enfrentamento das situações-limites.

Os pescadores reconhecem o *diálogo* como elemento fundamental à superação dos conflitos: *“muitas vezes, nas reuniões, tu ter uma opinião e o outro ter outra, aquela diversidade de opiniões, aquilo fortalece sabias (...).”* (trabalhadora da cooperativa). Porém, exercer o diálogo e tomar decisões no coletivo é uma das problemáticas vivenciadas pelos pescadores associados, sendo um constante desafio: *“tu defende um ponto de vista, o outro defende um outro e, no fim a gente consegue chegar a um consenso para contentar um pouco a cada um e colher o que tem de melhor (...), não é muito fácil lidar com muitas opiniões, não é muito fácil, a gente passa bastante trabalho, [mas] com o tempo vamos aprendendo a conhecer cada um e vai aprendendo a lidar com cada um, cada um tem a sua peculiaridade, cada um tem o seu jeitinho, a sua maneira e a gente vai aprendendo a lidar com isso, fica mais fácil de lidar”* (trabalhadora da cooperativa). Portanto, percebem que a prática do diálogo é um permanente desafio aos sócios, não somente o necessário diálogo estabelecido entre eles, mas entre eles e os pescadores que não são associados. Além disso, existe a dificuldade em estabelecer o diálogo com o poder público e privado.

O movimento constante de refazer-se a cada dia, de busca permanente fundamentada na esperança, existe em colaboração com outros homens, na comunhão de esforços e isto somente é possível quando existe a humildade no diálogo. De acordo com Paulo Freire, o diálogo como processo crítico e transformador, também é solidário, funda-se em valores como a humildade e a confiança e na intensa fé dos homens em sua esperança: “Não há

diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de *ser mais* (...) este poder de fazer e transformar, mesmo que negado em situações concretas, tende a renascer. Pode renascer. (Freire, 1987, p. 81). Portanto, práticas educativas devem estar fundamentadas no encontro colaborativo entre humanos, pretendendo um diálogo, não vazio de sentido e objetivos, mas responsável e intencional, com um fundamento, finalidade e postura diante das situações-limites.

Mas apesar dos pescadores reivindicarem a necessidade de um diálogo mais intenso e transparente entre os sócios, percebe-se que este se insere enquanto um importante elemento educativo que mantém a função de difundir os princípios necessários ao trabalho cooperativo: “(...) o trabalho [cooperativo] te ensina a respeitar, conversar e não mandar, te ensina que não se pode ser uma pessoa autoritária, tem que ser uma pessoa de diálogo aberto (...), sem querer tu já está passando aquela vontade que ele faça aquilo ali que nós acreditamos que é uma melhoria de vida para nós, uma possibilidade (...)”. Através do diálogo, pretende-se um fortalecimento dos valores solidários no movimento, com o objetivo de conseguir a adesão em massa da comunidade, fazendo-os acreditar no potencial transformador do trabalho cooperativo, despertando para a necessidade da luta do coletivo: “(...) a organização de conseguir realmente fazer o pessoal acreditar é uma dificuldade muito grande (...), acreditar que ele tem força para fazer aquilo ali, que a força está dentro dele, não está na prefeitura, no governo do Estado, está dentro de cada um de nós (...)”.

Percebe-se a força pedagógica do trabalho cooperativo na formação humana dos pescadores artesanais, no resgate de sua auto-estima, na sua capacidade de organizar-se e lutar pelos seus direitos, por uma vida digna. Desse modo, a perspectiva da educação no contexto da economia solidária, está dirigida ao desenvolvimento de sujeitos participativos, críticos e atuantes, que vêm na luta cooperativa a possibilidade de reinventarem o sentido da esperança em suas vidas e o próprio processo de trabalho da pesca artesanal. Neste caso, é importante destacar a análise de Paulo Freire (2001, p. 99): “A educação para os direitos humanos, na perspectiva da justiça, é exatamente aquela educação que desperta os dominados para a necessidade da briga, da organização, da mobilização crítica, justa, democrática, séria, rigorosa, disciplinada, sem manipulações, com vistas à reinvenção do mundo, à reinvenção do poder”.

O sentido educativo da organização cooperativa dos pescadores artesanais está relacionado à reinvenção das relações humanas e das formas de organização do trabalho, em que se procura eliminar um contexto de exploração e discriminação, incentivando a participação e a cooperação: “(...) não só um ou dois se beneficiarem, se tu fizeres isso estás

entrando na mesma linha do capitalismo, de explorar o teu companheiro que te ajudou a fundar, o trabalho está até hoje pelo fato de ele está ainda desde o início, e tu querer explorá-lo, isso não são os princípios, o princípio da associação é, principalmente, essa visão de solidariedade (...)”.

O sentido educativo do trabalho cooperativo, manifestado através da Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel, evidencia a construção de um sujeito consciente da problemática ambiental que atinge os estoques pesqueiros e da necessidade de ser estabelecido um novo relacionamento entre os seres humanos. Neste sentido, entende o atual modo de produção como explorador e individualista sendo, portanto, incompatível com a nova forma de vida que vem sendo experimentada no seu cotidiano. A educação se efetiva através da ação coletiva do movimento, por meio da prática da luta organizada que envolve a participação de toda a família.

A economia solidária possibilita a criação de outros modos de vida, de percepção e convivência com o meio ambiente, permite que mudanças concretas e cotidianas nos hábitos de trabalho se concretizem. Os valores cultivados e experimentados nestes movimentos propõem que os sujeitos da ação reflitam sobre suas atitudes cotidianas, problematizem criticamente a realidade e interfiram nas esferas participativas da vida social, nisso se inclui a ação transformadora da educação, como coloca Carlos Frederico Loureiro (2004, p. 97):

Nunca é demais destacar que a ação transformadora da educação possui limites, ou seja, não é suficiente em si realizar uma práxis educativa cidadã e participativa, se isso não se relacionar diretamente com outras esferas da vida (família, trabalho, instituições políticas, modo de produção, interações ecossistêmicas etc), vendo a educação como um processo global, para além do ensino formal. Do contrário, se perderia sua dimensão revolucionária.

Na utopia de concretização de uma sociedade sustentável, as instituições de economia popular assumem o fazer educativo ambiental, problematizando o impacto da ação humana no ecossistema e o modelo desigual de desenvolvimento, assumindo formas de pensar e agir compatíveis a perspectiva da Educação Ambiental. Desse modo, os pescadores procuram incentivar práticas e cultivar valores diferentes daqueles regidos pelas ações desequilibradas do atual sistema econômico: *“(...) tratar o meio ambiente com carinho, isso é uma das nossas lutas junto aos pescadores, isso é uma educação fundamental para nós e futuramente para os filhos e para os netos, é cuidar dessa natureza que Deus nos deu e quem tem que preservar somos nós, educar a sociedade em si para a igualdade, mostrar que é possível e muito mais*

fácil trabalhar com igualdade, do que visar o dinheiro e bens materiais, nós temos que visar é o ser humano (...)”.

Assim, a dimensão transformadora da educação popular, no plano da economia solidária, é uma forma de educação sustentável, que está voltada não apenas à capacitação e inclusão dos pescadores no mercado de trabalho, mas a formação de sujeitos participantes que compartilham sonhos, esperança, responsabilidades e poder de decisão. Através de formas de organização e convívio social, baseadas na democracia, solidariedade e cooperação, atuam cotidianamente na construção de processos e espaços que geram a melhoria da qualidade de vida da comunidade local.

Compreendemos que o pescador artesanal ao se organizar de modo cooperativo adquiriu uma visão empresarial, conhecimento este que se mescla com a sua sabedoria de pesca e entra em conflito com a forma histórica e integrada de viver entre si e com o meio ambiente: o conflito se instaura a partir do momento em que os pescadores cooperativados têm dificuldades em conciliar os objetivos de auferir lucro sem explorar o pescador que não é associado. Aumentar as possibilidades de obter maiores lucros, também inclui a necessidade de captar uma maior quantidade de recursos pesqueiros do meio ambiente. Esta problemática é uma reflexão permanente nas reuniões da cooperativa.

Entretanto, apesar da existência destas problemáticas, os pescadores encontraram, através da economia solidária popular, uma nova forma de perceber o trabalho da pesca artesanal, construindo e fortalecendo a cada dia, a perspectiva da esperança e da luta pela materialização de seus sonhos. Sonhos que inclui a esperança de extensão dos benefícios do trabalho com a pesca para os seus filhos e suas esposas, e percepção de mudanças na qualidade de vida de suas famílias. O que, em um período anterior a esta fase em suas vidas, não seria possível conjecturar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que falar em Educação Ambiental significa resgatar o sentido da esperança nos dias de hoje. Esperança que se mostra tão necessária a nós no momento em que imperam o consumo, a fugacidade, o supérfluo e o individualismo. Esperança que, como afirma Freire, por si só não basta, mas sem ela a luta enfraquece, sucumbe e titubeia.

A Educação Ambiental deve fundamentar-se na esperança e assumir o papel de nutrir a nossa capacidade de sonhar e de ter esperança. As palavras colocadas neste texto poderão parecer devaneios ilusórios, sem sentido, mas afirmo que, ingênuo seria acreditar e aceitar o discurso dominante da impossibilidade de ainda podermos sonhar com as mudanças requeridas na sociedade atual.

Nossos sonhos devem estar embebidos de esperança, devem ser construídos sendo conscientes da problemática ambiental que enfrenta a sociedade em que estamos inseridos, compreendendo processos críticos e criadores, sem verdades e certezas absolutas. Mas se incerto é o caminho dinâmico pelo qual percorremos, convictos estamos quanto a nossa intencionalidade, os nossos princípios e objetivos, quanto à necessidade de construirmos uma sociedade menos opressora, desumana e alienante.

Ao ingressar no mestrado em Educação Ambiental me deparei com um difícil desafio: dialogar, enquanto pesquisadora, com aqueles que fizeram parte da minha vida, parte da minha história. Aceitei enfrentar este desafio, mas desejosa de encontrar o inesperado, surpreender-me, encontrar novos sentidos e significados, enfim, realizar novas leituras do contexto da pesca artesanal. Por esse motivo, senti que era necessário rememorar algumas imagens da minha trajetória de vida, refletir as percepções construídas sobre o espaço da

pesca artesanal, fatores que justificam as minhas escolhas e acompanharam todo este processo de investigação.

Este trabalho, portanto, é inteiramente marcado pelas lembranças, vivências e ensinamentos com aqueles que construíram o que hoje sou. Conheci o contexto da pesca artesanal através do meu pai e seus camaradas de pesca, entretanto, a experiência da pesquisa no mestrado permitiu que eu penetrasse curiosa e admirada neste universo para desvendar e compreender aspectos singulares e inusitados desse mundo.

Minha curiosidade epistemológica esteve ancorada nas experiências anteriores a este processo de investigação, foi estimulada pelas minhas vivências e pelo desejo de conhecer mais e melhor os sonhos, o cotidiano, os problemas e as necessidades dos trabalhadores da pesca artesanal.

Espero que este trabalho possa significar uma forma de homenagear a todos os pescadores que, através de sua labuta diária, marcada por lutas e esperanças, procuram dar sentido às suas vidas, aos seus sonhos e buscam encontrar um significado maior para continuar acreditando no seu trabalho de pescador. Ainda espero que os pescadores artesanais, ao lerem este trabalho, percebam nele suas vozes, seus saberes, identifiquem-se com ele e, acima de tudo, sintam-se valorizados, construtores desta obra.

Compreendeu-se que a metodologia da pesquisa qualitativa foi a que melhor contemplou os objetivos desta investigação. Baseado em um estudo de caso, utilizou-se enquanto técnicas de coleta de dados, a entrevista semi-estruturada e a observação participante. Para a interpretação dos fenômenos investigados, optou-se pela análise textual qualitativa.

Nestas considerações finais, faz-se necessário resgatar a inquietação motivadora desta pesquisa, qual seja, a de compreender que sonhos os pescadores artesanais estão construindo e vivenciando ao organizarem uma cooperativa. Partiu-se da hipótese que afirmava, em síntese, que os pescadores artesanais, ao organizarem uma cooperativa, estavam construindo esperanças e possibilidades de serem vivenciados sonhos de uma vida melhor através de sua atividade profissional. Neste sentido, o cooperativismo, inserido na economia solidária popular, pode ser entendido como uma possibilidade em Educação Ambiental, uma vez que está voltado à construção de esperanças.

Diante desta problematização, confirma-se a possibilidade de compreender o cooperativismo como um espaço de possibilidades em Educação Ambiental no contexto da pesca artesanal, uma vez que os pescadores, em sua organização cooperativa, estão

construindo e fortalecendo suas imagens de esperança e felicidade e vivenciando sonhos de uma vida melhor através de sua atividade profissional.

Finalizo esta dissertação admirada com o processo que vivenciei. Primeiramente, instigada pela leitura de Ernst Bloch, Paulo Freire e Gaston Bachelard e pela temática que pretendia problematizar, foi necessário ampliar e aprofundar o entendimento do significado do conceito de *sonho desperto*, para além do senso comum, através de suas obras.

Seja com a denominação de *inédito-viável* ou *sonho possível*, de acordo com Paulo Freire, ou *utopia concreta*, como trabalha Bloch ou enquanto *devaneio poético*, como enfatiza Bachelard, a partir destes teóricos, compreende-se a complexidade que abarca o entendimento do termo e o sentido atribuído por estes autores: apontam para o entendimento do sonho como dimensão ontológica do ser humano, como processo crítico, criativo e revolucionário. O sonho desperto, enquanto expressão da *fome* e necessidade sentida, aliado à imaginação criadora, esperança e conhecimento crítico do contexto vivido é base para o encantamento e a reelaboração da própria realidade.

Enfatiza-se que os sonhos e sentimentos de esperança são fatores motivadores do trabalho cooperativo desenvolvido pelos pescadores artesanais. Destaca-se que, enquanto sujeitos criadores da esperança individual e coletiva, a organização cooperativa destes trabalhadores, assume tanto o aspecto da denúncia, quanto do anúncio.

Em meio a um estado de crise socioambiental, de afirmação e valorização do sujeito econômico liberto, que aceita as determinações do mundo industrializado, de valorização de um conhecimento de finalidade utilitária e lucrativa, de formas desumanas de viver em sociedade, percebe-se a vivência de um desejo de mudança, de um pensar direcionado para a construção da esperança, apesar da existência desse contexto.

Os pescadores artesanais que formaram uma cooperativa vivenciam este processo: ou seja, percebe-se que, ao criarem processos de organização cooperativa, fortaleceram a esperança de ainda poderem sobreviver dignamente do ofício que lhe foi ensinado. Neste sentido, enfatiza-se que o cooperativismo, inserido na economia solidária popular, constitui uma alternativa em Educação Ambiental, pois está voltado à construção de esperanças no espaço da pesca artesanal.

Ernst Bloch enfatiza a esperança como afeto expectante positivo mais importante ao fenômeno utópico: constitui confiança, crença e fé na expectativa de concretização dos sonhos despertados. Percebe-se que a organização dos pescadores artesanais de forma cooperativa foi movida por uma esperança confiante que está relacionada ao sonho da possibilidade de ainda ser construída uma vida melhor para as suas famílias.

Portanto, destaca-se que estão sendo construídas imagens de esperança para esta atividade profissional. Processo que exigiu, em um primeiro momento de suas vidas, um reconhecimento crítico da situação de exploração que vivenciavam e construção das possibilidades concretas de rompimento com esse contexto de realidade. Neste sentido, demandou para um reconhecimento e movimento de superação das situações-limites que tornam inviáveis a concretização dos sonhos possíveis.

A organização de uma cooperativa foi a alternativa construída por estes trabalhadores para o enfrentamento desta realidade de exploração, a qual se evidencia na relação comercial que os pescadores artesanais estabelecem com os atravessadores e as indústrias da cidade do Rio Grande. Assim, estes trabalhadores acreditam que um futuro de bem-estar e felicidade somente poderá ser construído se forem rompidas estas relações de exploração.

Enfatiza-se que a formação de uma cooperativa, portanto, constituiu a condição de existência determinante para a possibilidade de fortalecerem a esperança na sua atividade profissional e vivenciarem sonhos de uma vida melhor, o que inclui a melhoria de sua qualidade de vida, a construção de sua independência profissional e um aumento nos lucros com o comércio de pescados.

Compreende-se que o processo de construção dos sonhos despertados nesta associação de pescadores, também partiu de sentimentos percebidos em sua dimensão negativa, como os de medo, indignação, angústia e desespero. Considerados por Bloch como afetos expectantes negativos, enfatiza-se a potencialidade utópica que abarcam estes afetos, no sentido de que os sonhos também são construídos como enfrentamento a situações e contextos angustiantes e desesperadores.

Em relação aos pescadores, os seus sonhos de construir uma vida melhor partiram do medo de desaparecerem enquanto categoria social, devido ao agravante da crise socioambiental que evidencia a diminuição dos estoques pesqueiros.

Além disso, percebe-se que a necessidade de se mobilizarem e se organizarem de modo cooperativo partiu da indignação do pescador artesanal com uma situação histórica de exploração. Conforme aprofundado, nesta dissertação, esta situação era mantida pelos seguintes fatores:

- ✚ Devido ao acesso desigual às tecnologias de armazenamento e transporte do produto pesqueiro: os atravessadores utilizam a vantagem de possuir esta tecnologia, como caminhão refrigerado e câmaras frigoríficas, para explorar o

pescador artesanal que se vê obrigado a vender o produto pesqueiro por um preço miserável a estes comerciantes;

✚ Outro fator de manutenção desta situação de exploração são as relações de assistencialismo existentes entre o pescador e os comerciantes intermediários: ao pescador é fornecido os apetrechos de pesca, combustível, e em tempos de crise e escassez do produto pesqueiro, os atravessadores também fornecem alimentos às famílias de pescadores;

✚ Percebe-se que tanto os atravessadores, quanto as indústrias fornecem emprego para as esposas e filhos dos pescadores, pagando um preço miserável pela mão-de-obra, fazendo com que a família como um todo fique dependente destas elites do comércio de pescados na cidade do Rio Grande para poderem sobreviver.

Os pescadores artesanais procuraram, a partir da vivência desta situação de exploração desesperadora e do medo de desaparecerem enquanto categoria profissional, partir para a materialização dos *sonhos possíveis* que possibilitassem enfrentar esse medo e esse contexto de dependência em relação ao atravessador, por esse motivo, fundaram uma cooperativa. Desse modo, destaca-se o potencial criativo e mobilizador destes afetos expectantes negativos na organização cooperativa dos pescadores artesanais.

A construção e vivência de sonhos de uma vida melhor está relacionada à possibilidade dos pescadores poderem romper com a perpetuação deste contexto de dependência das suas famílias em relação ao atravessador, alcançando uma independência profissional e recebendo uma maior margem de lucro no comércio de pescados.

Compreende-se que, ao formarem a associação, adquiriram a visão empresarial e conhecimentos necessários para competir no mercado com os comerciantes intermediários e as indústrias. Sendo assim, os pescadores artesanais, tal como inseridos na lógica do mundo industrializado, também estão condicionados à necessidade de adaptação do sujeito moderno: na atualidade, a autopreservação do indivíduo exige que os seus interesses, as suas aspirações devam se adaptar aos padrões de consumo existentes.

Portanto, este processo evidencia a vivência de um permanente conflito nos empreendimentos cooperativos: mesmo que este tipo de organização do trabalho exija a prática de valores sociais como a solidariedade, a confiança, a democracia e a

responsabilidade social, do que depende a sua própria sobrevivência, não descarta a existência de uma tensão entre estes princípios e aqueles ditados pela vida moderna, qualquer que seja, o valor da liberdade, dos interesses e sonhos individuais.

Percebe-se a dificuldade dos pescadores da APESMI assumirem de forma integrada e disciplinada a assunção de obrigações e o cumprimento de responsabilidades para com o coletivo. Um das estratégias utilizadas por estes trabalhadores para a possível superação desta problemática inclui o exercício do diálogo.

Através do diálogo pretendem levar uma mensagem de esperança a pescadores desacreditados que afirmam a impossibilidade de continuar sobrevivendo desta atividade e ter uma vida digna, por esse motivo, acabam abandonando a sua profissão. A intencionalidade do diálogo neste empreendimento, portanto, está relacionada ao incentivo à formação de outras cooperativas. Além disso, o diálogo assume a função primordial de reflexão das problemáticas vivenciadas pelo grupo e construção das possibilidades de superação dos conflitos.

Os conflitos vivenciados incluem a relação do pescador cooperativado com aquele que não é associado. A problemática está relacionada à possibilidade almejada pelos pescadores da APESMI de obter lucro sem explorar o pescador que não é associado. Apesar dos pescadores cooperativados assumirem a função do atravessador, pois são eles que agora compram o produto pesqueiro e o repassam à indústria e a estabelecimentos comerciais, possuem a constante preocupação em relação à possibilidade de não reproduzirem as relações de exploração que vivenciaram durante o período em que não eram cooperativados.

Compreende-se que a esperança confiante destes trabalhadores está fundada, portanto, na função agora assumida por estes trabalhadores associados na comunidade: além de possibilitarem a destituição dos laços de dependência destas famílias com os atravessadores, uma vez que elas passaram a ficar dependentes da cooperativa para comercializarem os seus produtos, os pescadores da APESMI realizam projetos sociais em parceria com o governo federal voltados à construção de moradias para as famílias de pescadores, ao fornecimento de alimentos para a população de baixa renda, ao auxílio à formação de outras cooperativas e palestras de Educação Ambiental. Sendo assim, enfatizam que a cooperativa possibilitou uma valorização do conhecimento e do trabalho dos pescadores artesanais.

Percebe-se que os pescadores, através da cooperativa, sonham que os benefícios possam ser estendidos aos seus filhos, podendo eles trabalhar enquanto administradores da empresa: o espaço da pesca artesanal, neste sentido, também será valorizado pelos filhos de pescadores, os quais não abandonarão por completo este contexto.

Assim, retomando um dos argumentos salientados no texto desta investigação, afirma-se que está sendo construída uma outra imagem do pescador artesanal que se organiza de modo cooperativo: a imagem do pescador-empresário, com capacidade de organização, mobilização e conhecimento necessários para gerenciar o comércio de pescados.

Este processo fortaleceu suas imagens de esperança e felicidade em relação ao futuro da pesca artesanal, rompendo com a percepção fatalista destes trabalhadores que afirmavam a impossibilidade de ainda poderem sobreviver desta atividade. Percebe-se que o trabalho cooperativo representa na vida destes trabalhadores uma possibilidade de emergência de possíveis, de encantamento e reelaboração da sua realidade. Enfatiza-se que esta deve ser a perspectiva da Educação Ambiental: fortalecer nossas imagens de esperança e felicidade através da vivência e busca pela materialização dos sonhos de uma vida melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBORNOZ, Suzana. **Ética e Utopia**. Porto Alegre: Movimento, 1985.

AZEVEDO, José Clóvis de. **Reconversão cultural da escola**: mercoescola e Escola Cidadã. Porto Alegre: Sulina. Editora Universitária Metodista, 2007.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro LTDA, 1985.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. vol. 1.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos**: escritos para conhecer e praticar o município educador sustentável. Brasília: MMA, Programa Nacional de Educação Ambiental, 2005.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

BETTO, Frei; CORTELLA, Mario Sergio. **Sobre a esperança: diálogo**. São Paulo: Papirus, 2007.

DIEGUES, Antonio Carlos; ARRUDA, Rinaldo (orgs.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra. IN: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 9-21.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação**. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria Araújo (organizadora). **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Notas. IN: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 205-7.

GADOTTI, Moacir. Educação comunitária e economia popular. In: GADOTTI, Moacir; GUTIERREZ, Francisco (orgs.). **Educação Comunitária e Economia Popular**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999. p. 11-22.

GALIAZZI, Maria do Carmo; MORAES, Roque. **Autoria científica: movimentos para um paradigma emergente**, 2006 a. (no prelo).

GUTIÉRREZ, Francisco. Educação comunitária e desenvolvimento sócio-político. IN: GADOTTI, Moacir; GUTIERREZ, Francisco (orgs.). **Educação Comunitária e Economia Popular**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999. p. 23-33.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. São Paulo: Centauro, 2002.

HORKHEIMER, Max. **Teoria Tradicional e Teoria Crítica**. IN: BENJAMIN, Walter, HORKHEIMER, Max, ADORNO, Theodor W., HABERMAS, Jürgen. **Textos escolhidos**. 2º ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p.117-154. (Os Pensadores).

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LEFF, Enrique. **Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2006.

LOUREIRO, Carlos F. **Trajetória e fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

MCLAREN, Peter. **A pedagogia da utopia**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

MARQUES, Mário Osório. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 5. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

MELLO, Marco. **Pesquisa Participante e Educação Popular: da intenção ao gesto**. Porto Alegre: Ed. Ísis; Diálogo-Pesquisa e Acessória em Educação Popular; IPPOA – Instituto Popular Porto Alegre, 2005.

MORAES, Roque. Mergulhos Discursivos: análise textual qualitativa entendida com processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. IN: GALIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, José Vicente (orgs.). **Metodologias Emergentes de Pesquisa em Educação Ambiental**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. p. 85-114.

MORE, Thomas. **Utopia**. Trad. Jefferson Luiz Camargo; Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MENEGAT, Marildo. **O olho da barbárie**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

NETO, Otávio Cruz. O Trabalho de Campo como Descoberta e Criação. IN: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 51-66.

NAKANO, Marilena. Anteg: a autogestão com marca. In: SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de (orgs.) **A Economia Solidária no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000. p. 65-80.

OLIVEIRA, Avelino. **O problema da verdade e a educação: uma abordagem a partir de Horkheimer**. Cadernos de Educação, Pelotas, 1998. n. 11, p. 31-42, jul./dez.

PASSOS, Luiz Augusto; SATO, Michele. Estética da Carta da Terra: pelo prazer de (na tensividade) com-viver com a diversidade!. In: RUSCHEINSKY, Aloísio (org.). **Educação Ambiental: abordagens múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 15-36.

PINHEIRO, Márcia. Economia de comunhão: uma experiência peculiar de economia solidária. IN: SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de (orgs.) **A Economia Solidária no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000. p. 333-351.

RAZETO, Luis. Economia de Solidariedade e Organização Popular. In: GADOTTI, Moacir; GUTIERREZ, Francisco (orgs.). **Educação Comunitária e Economia Popular**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999. p. 34 – 58.

RODRIGUES, Victor Hugo G. **Forte Jesus-Maria-José**. São Paulo: EDICON, 1995.

_____. **Gaston Bachelard e o maravilhamento da ciência: entre a produção do conhecimento científico e a “práxis” pedagógica**. IN: www.remea.furg.br. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, 2005, v.14. Último acesso: 22/03/2007.

_____. **Gaston Bachelard e a sedução poética: a criação de um filosofar onírico**. IN: www.remea.furg.br. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, 2005, v.15. Último acesso: 22/03/2007.

SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de (orgs.) **A Economia Solidária no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000.

SINGER, Paul. **Uma utopia militante: repensando o socialismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

VELASCO, Sírio. Querer-poder e os desafios sociambientais do século XXI. In: RUSCHEINSKY, Aloísio (org.). **Educação Ambiental**: abordagens múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 35-46.

VERAS NETO. Francisco Quintanilha. **Cooperativismo**: nova abordagem sócio-jurídica. Curitiba: Juruá, 2002.

FONTES PRIMÁRIAS

ZIEBELL, Carmem. **Pescadores comercializam pescados nas feiras livres**. IN: Jornal Agora, Rio Grande- RS. Ano 30, número 8.474. Vinte e um de julho de dois mil e seis.

FONTES ELETRÔNICAS

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: Que é Esclarecimento?** IN: www.ufpel.edu.br/~avelino.oliveira. Último acesso: 17/02/2007.

Pescadores do RS beneficiados em programa para construção de casas. Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca – SEAP. IN: www.presidencia.gov.br. Último acesso: 12/11/2007.

RODRIGUES, Victor Hugo. **Gaston Bachelard e o maravilhamento da ciência: entre a produção do conhecimento científico e a “práxis” pedagógica**. IN: www.remea.furg.br. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, 2005, v.14. Último acesso: 22/03/2007.

RODRIGUES, Victor Hugo. **Gaston Bachelard e a sedução poética: a criação de um filosofar onírico**. IN: www.remea.furg.br. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, 2005, v.15. Último acesso: 22/03/2007.

www.noticias.furg.br

www.fomezero.gov.br

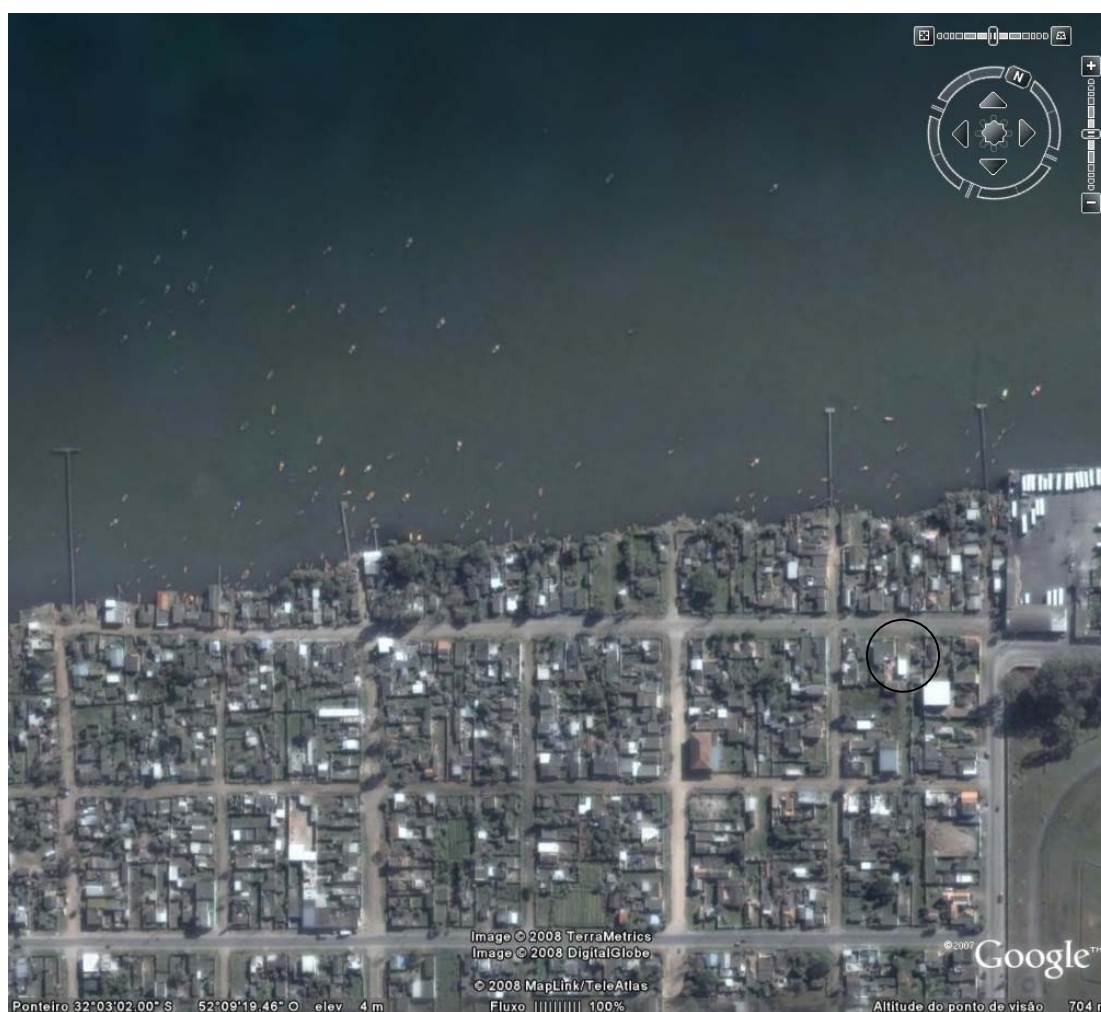
www.jornalagora.com.br

ANEXOS



Anexo 1: Prédio da Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel – Rio Grande – RS

Fonte: Arquivo da cooperativa.



Anexo 2: Vista do prédio da Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel – Rio Grande – RS. Altura: 704 m.
Fonte: Google Earth

SÃO MIGUEL

Pescadores comercializam pescados nas feiras-livres

A partir do recebimento de auxílio da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca (Seap) a Associação dos Pescadores da Vila São Miguel (Apesmi) está contando com um novo espaço para comercialização de seus pescados: as feiras-livres de Rio Grande. A atividade começou há três semanas. Eles participam das feiras de terça a domingo, vendendo filés de peixe-rei, de linguado e de papa-terra, mais peixe-rei limpo.

Atualmente, as esposas e filhas dos pescadores associados estão atuando nas feiras-livres. Eles pescam e elas beneficiam e vendem.

De acordo com o coordenador da Apesmi, Loredi Vinagre Borges, a associação não tinha transporte e nem estrutura para desenvolver essa atividade, mas através de projeto encaminhado à Seap conseguiu um caminhão, com financiamento a fundo perdido, e recebeu da Conab um kit-feira, composto de uma banca, balcão de mostruário, balança eletrônica, mesa, duas caixas térmicas com capacidade para 30 quilos de pescado cada, mais avental, luvas e demais equipamentos necessários para o atendimento na feira. E eles estão conseguindo resultados positivos com a atividade.

"A cada semana aumenta a freguesia", observou Borges, acrescentando que isso significa reconhecimento do trabalho das mulheres. "É difícil para os pescadores irem pescar e depois vender na feira", explicou. Conforme ele, a produção é pouca, até por estarmos no perí-



Apesmi tem expectativa de contar com entreposto de pesca em 60 dias



Banca fornecida pela Conab chama atenção dos consumidores

odo de defeso da tainha, bagre, camarão e corvina, e nas feiras-livres é possível oferecer um produto com qualidade e conquistar melhor preço. Sirlei de Souza Valadão, que ontem estava trabalhando na venda de pescados na feira das ruas Paranaguá e Carlos Gomes, relatou que as vendas estão boas e que a banca fornecida pela Conab chama muito atenção.

Contou que já tem freguesia e que aqueles que compram passam informações sobre a banca para outras pessoas, que

depois vão conferir os produtos. Integrantes da Apesmi, que tem 19 associados, também têm participado de eventos em outras cidades, como a Feira de Economia Solidária de Santa Maria, ocorrida recentemente, onde venderam bem, segundo Borges. A ida a Santa Maria foi possibilitada por uma parceria entre a Furg e a Associação.

ENTREPOSTO

Um outro projeto da Apesmi está em execução: a construção de um entreposto de pesca, com auxí-

lio do governo do Estado. Conforme Loredi Borges, o projeto foi aprovado pelo governo anterior e os recursos liberados em 2004. A obra começou há um ano e meio. Trata-se de dois prédios com salas para recepção, seleção do peixe e expedição direta para a indústria. No transporte, será utilizado o caminhão adquirido com auxílio da Seap. Parte dos prédios, que contam também com escritório, almoxarifado e vestiário, já está pronta. Falta concluir a repartição destinada à recepção do pescado, que conta com cilindro de lavagem.

No entanto, o projeto não previa as redes elétrica e hidráulica e a Apesmi está buscando apoio da Prefeitura Municipal e da Furg para elaborá-los. Também foi iniciada a construção de uma garagem para o caminhão. A expectativa de Loredi Borges é poder colocar o entreposto em funcionamento em 60 dias. Futuramente, a Apesmi pretende construir uma sala de filetagem e uma câmara fria. Com o caminhão, a Apesmi também está auxiliando ações do Programa Fome Zero em São Lourenço do Sul e começou a participar, este ano, de uma rede de comercialização entre os municípios de Rio Grande, São José do Norte, Santa Vitória do Palmar, Pelotas e São Lourenço do Sul, que abrange em torno de 700 pescadores.

Assim como a Apesmi, a Cooperativa Lagoa Viva, da Colônia de Pescadores Z-3, também foi contemplada com um caminhão. "O transporte veio para favorecer esses pequenos grupos em seu trabalho", destacou Borges.

CARMEN ZIEGLER



Projetos da Furg trouxeram ministro da pesca a Rio Grande

O secretário especial de Aquicultura e Pesca Altamir Gregolin, que tem status de ministro em função da Seap integrar a Presidência da República, visitou a Furg na terça-feira, 15. Ele entregou de forma oficial um veículo para os pescadores reunidos na Associação de Pescadores da São Miguel - Apesmi, conquistado graças a um projeto desenvolvido pela Universidade, assinou convênio com a Marinha, anunciou a liberação de R\$ 300 mil para o projeto da Furg "Amazônia Azul - A Experiência Embarcada" e de R\$ 285 mil para o Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental - Nema.

Gregolin esteve na Reitoria da Furg, Campus Carreiros, onde foi recebido pelo reitor João Carlos Cousin, e também pelo almirante Gilberto Max Hirschfeld e o capitão-dos-portos do Estado, capitão-de-mar-e-guerra Geraldo Lavigne Brito e ainda pelo representante do Nema, Sérgio Estima. O secretário esteve acompanhado pelo secretário executivo da Seap Dirceu Lopes, pelo chefe do escritório regional João Dias e pela deputada estadual Miriam Marrou.

O veículo da Apesmi - um caminhão frigorífico - já estava em Rio Grande sendo usado pelos pescadores na comercialização de seus produtos



em toda a cidade e região. O projeto que possibilitou aos profissionais da pesca adquirirem o caminhão foi desenvolvido pela Furg através do Nudese - Núcleo de Desenvolvimento Econômico e Social.

O Nudese, ligado à Pró-reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis - Proace, trabalha com grupos de economia popular e solidária. Pelo projeto, os pescadores receberam capacitação para agregar valor ao

produto capturado, através do processamento e da venda direta ao consumidor, propiciando emprego e renda e beneficiando diretamente as 23 famílias integrantes da Apesmi. Hoje, a Apesmi já recebeu da Seap, além do caminhão, um estande de comercialização de pescado, que está sendo usado nas feiras livres da cidade.

O pescador Loredi Vinagre Borges, presidente da Apesmi, apresentou ao ministro a história e o

trabalho da associação. Disse que a Furg é "a mãe e o pai" da Apesmi, que deu oportunidades aos pescadores de conhecer mais a sua atividade, em especial a preservação das espécies e, através das atividades de capacitação, possibilitou que aprendessem a agregar valor ao seu produto, resultando em benefícios às famílias ligadas à entidade.

MARINHA - Na Reitoria da Furg, o secretário especial de Aquicultura e Pesca assinou convênio com o 5º Distrito Naval, com o objetivo de manter o trabalho conjunto para fiscalização da área-tampão nos Molhes da Barra, impedindo o trabalho de traineiras ou grandes barcos que capturam pescado no período de defeso das espécies.

ATLÂNTICO SUL - Outro projeto da Furg com a Seap, cujo convênio foi assinado no início do mês, denomina-se Recursos Humanos para a Amazônia Azul - A Experiência Embarcada. Através dele, o navio oceanográfico Atlântico Sul, da Furg, será utilizado para experiências de embarque de estudantes de Oceanografia de outras universidades brasileiras, que não dispõem deste tipo de embarcação para a formação de seus alunos.

Congresso de Aquicultura aconteceu em Bento Gonçalves

Quinhentos trabalhos científicos, 60 deles produzidos na Furg, foram apresentados no AquaCiência 2006 - Congresso

Brasileiro de Aquicultura, realizado na terceira semana de agosto, em Bento Gonçalves, na Serra gaúcha. O vice-reitor da Furg, Ernesto Casares Pinto, representou a Universidade na abertura do evento, que também teve a presença do ministro Altamir Gregolin, da Aquicultura e Pesca. O evento foi promoção da Furg e da Associação Brasileira de Aquicultura e Biologia Aquática - AquaBio, com

organização do Programa de Pós-graduação em Aquicultura da Furg.

De todo o País, participaram 550 congressistas, sendo 50 deles da Furg, professores ou estudantes dos cursos de graduação em Biologia, Oceanologia ou da Pós-graduação em Aquicultura. Para o presidente do congresso, professor Luiz André Sampaio, da Estação Marinha de Aquicultura, a participação da Furg foi muito boa, representando 10% do evento e confirmando a tradição da universidade rio-grandina na área, já ressaltada em 2004, quando a Universidade foi escolhida para organizar a edição seguinte. O congresso ocorre a cada dois anos.

Conforme Sampaio, a

tecnologia para o cultivo de peixes, camarões e moluscos foi o tema dominante, enriquecido com experiências apresentadas e uma dezena de mini-cursos ministrados por docentes de todo o País e do exterior - três dos Estados Unidos e um da Argentina.

Na parte social da programação, ocorreu coquetel e janta típica italiana, saudando a colonização da cidade-sede do congresso. Este foi mais um evento organizado pela Furg que não pode ser realizado em Rio Grande por falta de local para abrigar todos os congressistas.



Estudantes apresentaram trabalhos na área